Carioca

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA



SILVINHA CHIOZZO

CR$ 4,00
N.º 982
31-7-1954

Nelson Rio

a vantagem dêle...



é enriquecer as suas refeições com

Malzbier da Brahma







— um saboroso e eficaz refôrço alimentar!

É assim mesmo! Os que completam as refeições com a revigorante Malzbier da Brahma levam sempre uma grande vantagem! E você também pode ser um vitorioso, reforçando o seu almôço... o seu jantar... o seu lanche com a riquíssima Malzbier da Brahma, feita à base de malte, de propriedades tão nutritivas! Levemente adocicada, Malzbier da Brahma é uma deliciosa cerveja preta de baixo teor alcoólico. Para enriquecer as suas refeições, beba Malzbier da Brahma — a cerveja do lar!

em garrafas
e 1/2 garrafas



OUÇA *as irradiações esportivas Brahma pelas:*
R. Nacional—M. Veiga, Rio
R. Nacional, São Paulo
R. Mineira, Belo Horizonte
R. Guairacá, Curitiba
R. Clube Paranaense, Curit.
R. Soc. Gaúcha, P. Alegre

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA

203 - Ullmann

REFLEXÕES

WENCESLAU ROSA

À margem de uma estrada, na Inglaterra, vê-se o túmulo de um cão que deu seu nome à aldeia da vizinhança. Êsse cão chamava-se Gelert e pertencia a um príncipe, que viveu há alguns séculos.

Um dia o príncipe, ao regressar a sua casa, foi recebido pelo cão todo avermelhado de sangue. E havia sangue por tôda parte no castelo. Alarmado, o príncipe correu ao quarto do filho, cujo berço encontrou vazio. Supondo que o cão o houvesse matado, enfurecido, o nobre desembainhou a espada e com ela atravessou o coração de Gelert. Mas logo em seguida descobriu o filhinho, ainda vivo, perto do cadáver de um lobo todo estraçalhado. Essa fera havia conseguido entrar no castelo e tentara arrebatar a criança, mas havia sido enfrentada e morta pelo cão. Louco de tristeza e cheio de dor, o príncipe promoveu o entêrro de Gelert e em sua homenagem ergueu-lhe um túmulo.

Exemplos dignificantes, como êsse, contam-se às centenas; todavia, não impedem que os cães sejam de contínuo perseguidos pela perversidade humana. Um vira-lata pode estar munido das melhores intenções, mas isso não lhe traz nenhuma imunidade.

O cão é uma vítima da sua própria generosidade; fôsse êle um leão, e ninguém se intrometeria com a sua vida. Dizem que é perigoso porque traz dentes afiados, ou porque pode conduzir o germen da hidrofobia. A verdade, porém, é que há muitos indivíduos de dentuça à mostra e de raiva na alma sem correr os perigos a que o cão está exposto.

O cão não interfere com a vida do homem. Se lhe confiam a guarda de alguma coisa, desde logo êle compreende que é preciso defender heròicamente sua função. Seu ponto de partida é a lealdade. Sua amizade é incondicional. Sua camaradagem vai ao extremo da bajulação.

Já o cidadão falseia sempre a confiança que lhe emprestam. Tergiversa, engana, morde. E curioso é acentuar que essa espécie toma vulto: à medida que o tempo passa, ela mais se desenvolve. Raça prolífera!

O cachorro, ao contrário, continua cada vez mais cachorro. As alterações sociais não influiram na sua existência. Não tem noção da bomba atômica e da política mundial. Partidário do budismo, êle confia e espera. Não tem pressa. Se o mundo não pode ser modificado na sua organização milenar, que adianta protestar?

O cão foi imortalizado no verso de Guerra Junqueiro e no romance de Bernardim de Saint Pierre. Schopenhauer, um filósofo azedo, possuia um cachorrinho que se chamava «Atma». Pois foi êsse bicharoco que levou o grande pensador a formular êste raciocínio: «Se não houvesse cães, eu não gostaria de viver!».

Emile Zola, o grande romancista francês, deveria partilhar a mesma opinião do filósofo germânico. Adorava os cachorros, levava-os para a cama, dormia com a matilha. Robespierre, que mandara cortar a cabeça de milhares de pessoas, era amigo dos cachorros. Possuia um, cujo nome era «Brount». Beaumarchais, cético em relação aos homens, adorava os animais. Possuia uma cachorrinha — «Folette», à qual dedicava grande estima. No Brasil, lembro-me do cão que pertence a Olegário Mariano. Traz o nome de «Meu Negro», e a esta altura já deve estar imortalizado num poema.

(Conclui na página 58)

Carioca

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

EMPRÊSA A NOITE
PRAÇA MAUÁ N.º 7
ANO XIX — N.º 982



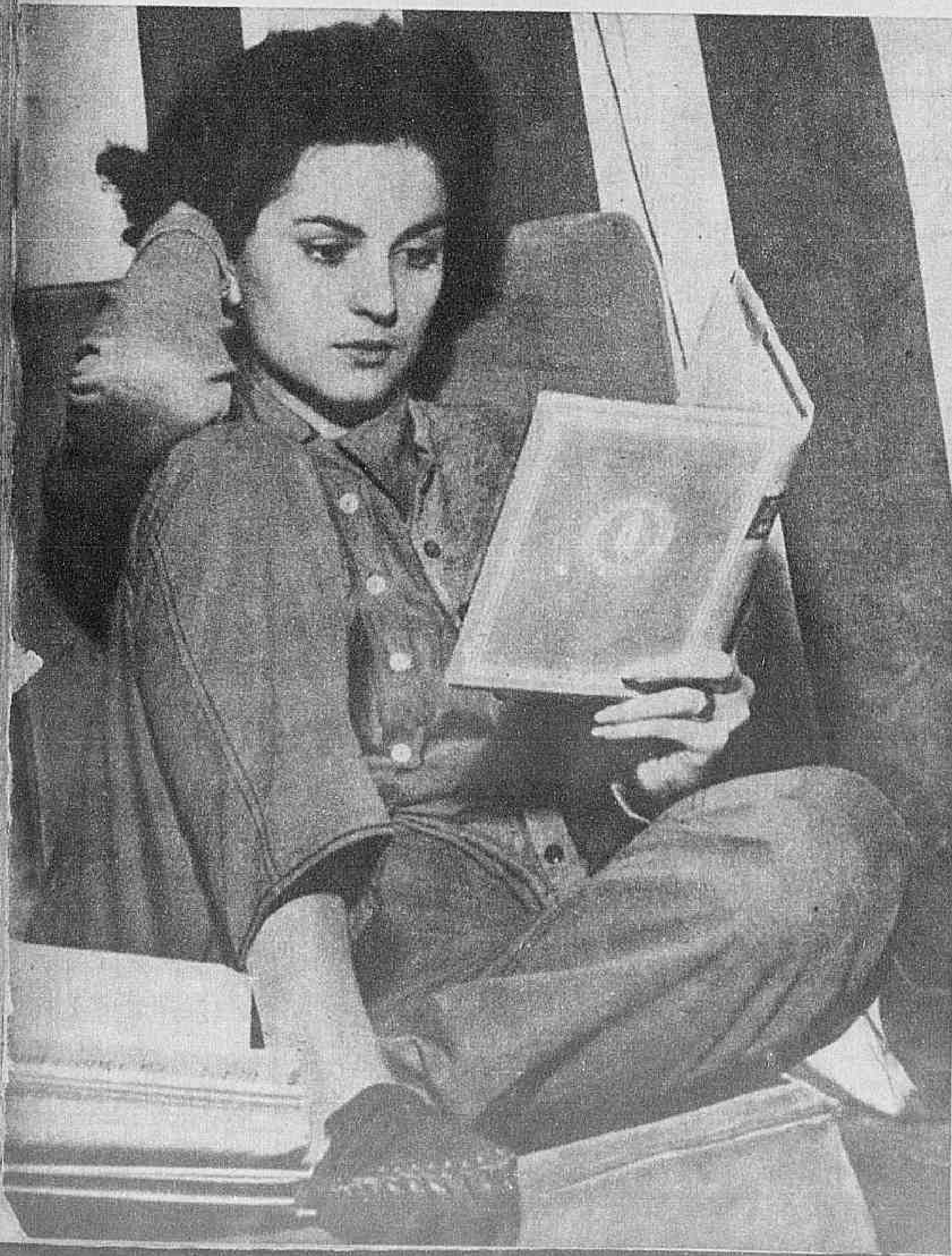


Marisa Prado prepara as suas malas nas vésperas de atravessar o Atlântico

Marisa Prado viajou para a Espanha

A estrela nacional vai desempenhar o primeiro papel feminino da super-produção espanhola "El Rio" — Alberto Ruschel será o primeiro ator do filme

Entrevista de CARLOS MARIA exclusiva para CARIOCA
Fotos de CARLOS PROVENZANO



E lá se foi Marisa, saudosa de seus fãs...



Um flagrante especial para CARIOCA da "estrêla" brasileira que vai filmar

ESE foi Marisa Prado rumo à Espanha. Quando esta entrevista fôr publicada, já Marisa terá sido aplaudida no Festival de Cinema em San Sebastian e, depois, terá iniciado as filmagens de "El Rio", sob direção de Mur Oti.

Marisa viajou pela Panair, na terça-feira, dia 13, e nêsse mesmo dia consentiu em dar a êste reporter de CARIOCA uma entrevista exclusiva. Fez questão de esclarecer que, "se não fôsse para a revista que eu leio quase desde que aprendi a ler", a entrevista não seria possivel. De fato, as últimas horas antes de uma viagem tão importante deveriam ser para despedida das pessoas

(Conclui na página 60)



A "estrêla" brasileira ao lado de seu marido, o produtor Fernando de Barros



Marisa Prado seguiu para a Espanha a fim de filmar "El Rio"

ENLACE
CARLOS DA COSTA MARTIN - RITA DA CUNHA MELO



Os noivos à saída da igreja Nossa S. da Glória do Outeiro. Êle, o Sr. Carlos da Costa Martin e a noiva, a senhorita **Rita da Cunha Melo.**



Os noivos (Carlos da Costa Martin e Rita da Cunha Melo), quando eram cumprimentados pelo vice-presidente da República, Sr. Café Filho e pelo senador Georgino Avelino.



Os noivos, Carlos da Costa Martin e Rita da Cunha Melo em conversa com o Sr. e Sra. ministro Cunha Melo.

TINHA olhos azuis, límpidos e brilhantes. Cheios da montanha que marginava sua cidade natal, olhavam sempre para cima, em busca do cume nevado. Nas noites claras, vi refletir-se em suas retinas o milhão de estrêlas que salpicavam o céu. Era minha prima e chamava-se Clara.

— Para corresponder ao teu nome, tens a alma transparente — ocorria dizer-lhe quando passeávamos juntos pelas alamedas do parque que cercava o casarão chato e branco em que nascera.

— Lisonjeiro — replicava.

— Tudo em ti é claridade, prima — acrescentava.

— Não gosto que me chames de «prima»!

— Por que

— Não sei. Mas me parece que ao chamar-me assim te distancias do meu coração. E' tão bom sentir-te perto êsses poucos dias que passarás aqui. Por que não te demoras mais?

Essas palavras refletiram tôda ansiedade e amargura de sua alma.

— Se quiseres, poderei demorar-me mais.

Seus olhos buscaram os meus, como que interrogando. Fiquei calmo, aguardando com temor e ânsia sua resposta.

— Será melhor que partas, primo.

Eu sabia que, quando invocava nosso parentesco se sentia distante de mim e do afeto que eu podia professar-lhe.

Verdade que nunca lhe falei de amor. Deixei que minha ternura penetrasse lentamente em seu coração, deixei que ela se iludisse esperando, que em sua alma nascessem sonhos e anelos de felicidade, mas nunca meus lábios pronunciaram um só palavra de amor. Devia deixar a cidade que me vira nascer para estudar e era possível que êsses estudos se prolongassem por muitos anos. Tinha eu, então, o direito de pedir-lhe que esperasse, não sabia por quanto tempo?... Preferi silenciar meu amor e deixá-lo livre de resolver seu destino, conforme a vida lhe exigisse, ali onde ficava.

Uma tarde, enquanto passeávamos pelo jardim, comuniquei-lhe minha partida.

— Clara, depois de amanhã partirei.

Baixou os olhos e não me respondeu. Não encontrei mais palavras para dizer-lhe. Não sei nem quanto tempo permanecemos silenciosos. Uma hora? Um século? Tomei-lhe a mão, estava gelada e branca como mármore. Não a retirou, mas ergueu os olhos, que me pareceram mais azuis, mais límpidos que nunca.

— Entristece-te minha partida?

Sua mãozinha tremeu na minha.

— Queres que eu fique?

Bruscamente, retirou-a.

— Não, primo. Prefiro que partas.

Senti um frio no coração. Tôda minha ternura desfez-se, apagaram-se-me os sonhos e minha esperança morreu. Voltamos para casa em silêncio. Separamo-nos.

No dia de minha partida, reuniram-se todos os nossos parentes em casa de Clara. Uma prima aproximou-se de nós e deu-nos, a mim e a Clara, um pequeno ramalhete de jasmins, os jasmins perfumados daquele pedaço de terra nossa.

— Para os noivos — disse, ao oferecer-nos.

Tremia-me a mão quando o tomei. Olhei para Clara, com olhar inquieto. Ela resistiu sem pestanejar, mas ao receber as flôres, disse à prima:

— Que tolinha que és! Não somos noivos, nem sequer há nada entre nós. Felipe e eu fomos sempre bons amigos, nada mais... Nada mais...

Desviei o olhar para o pai de Clara e vi tanta dor em sua fisionomia, que estive a ponto de gritar-lhe:

— Sim. Amamo-nos e nosso amor não poderá morrer nunca! Clara, Clara querida, espera-me, sim?

Mas essas palavras morreram em minha garganta porque havia nela um nó de angústia pronto a estalar em soluços...

Quando tomei a carruagem, Clara aproximou-se de mim, obrigou-me a inclinar-me e beijou-me nos lábios. A sensação daquele beijo não se apagará nunca. Ainda hoje, passados muitos anos, sinto nos lábios qual uma brasa o beijo que nêles deixou minha prima.

Muitas outras mulheres me beijaram, depois disso. Entretanto, o beijo de Clara está sempre vivo em meus lábios, sempre fresco como se acabasse de recebê-lo.

O cocheiro chicoteou os cavalos. O açoite do chicote ressôou em meu cérebro como um trovão muito próximo. Chiaram os eixos das rodas e sôbre todos os ruídos distingui a voz de Clara, gritando:

— Adeus, Felipe! Até sempre, até nunca!

Não respondi. A nuvem de pó que levantara a carruagem apagou a siulheta de Clara e a de todos que estavam à sua volta.

No velho casarão do tio ficou minha vida, presa nos ramos das árvores. No velho casarão do tio, ficou meu coração, perdido nos caminhos do jardim, e minha alma nos olhos azuis, límpidos e brilhantes da prima Clara.

Muitos anos depois, encontramo-nos de novo, com nossos destinos resolvidos. Casada ela, casado eu. Ambos com os cabelos grisalhos e o coração um pouco carregado de pesares, de sonhos desfeitos, de desilusões. Não relembramos o passado. Não falamos daqueles tempos de nossa juventude, nem evocamos o velho casarão.

Seus olhos eram ainda claros e refletiam pela noite as estrêlas do céu.

Encontramo-nos com frequência em nossas casas. E uma tarde ela disse a minha espôsa:

— Como hoje é aniversário de Felipe, trouxe êsses jasmins para que lhe ofereça em meu nome. E' de um jasmineiro que trouxe de nossa terra.

— Obrigada, Clara — disse-lhe eu. E súbito, lembrei-me da tarde de minha partida e senti nos lábios o sabor do seu único beijo.

Ela não me olhou, talvez para que eu não visse em seus olhos a emoção que nêles havia. Tinha trazido o velho jasmineiro que dera aquelas outras flores que adornaram nossos peitos na hora em que a deixei.

E a vida continuou. Mas em cada aniversário meu, ela me trazia sempre um «bouquet» de jasmins. Da última ocasião em que o fez, disse que se sentia doente, cansada. E acrescentou:

— Creio, que breve morrerei.

Desta vez seus olhos maravilhosos me olharam e pareceu-me tê-los tão perto dos meus que tremi de emoção. Estávamos a sós. Disse:

— Sabes, primo Felipe? Guardei aqueles jasmins que nos deram no dia de tua partida. Gosto de olhá-los de vez em quando, secos, amarelos, mortos.

Vi-a afastar-se e tive, também eu, a sensação de que ela ia morrer. Por que? Certamente que nunca pude compreendê-lo.

Numa tarde de verão sua vida se apagou. Seus olhos nunca mais refletiram as estrêlas do céu. Vi-a imóvel, tôda branca, estendida para sempre. Lembrei-me de minhas palavras de muitos anos atrás:

— Tudo em ti é claridade... Para corresponder ao teu nome, tens a alma transparente, Clara... Clara querida.

Aproximei-me. Entre suas mãos frias como nunca, coloquei um pequeno «bouquet» de jasmins. O aroma das flôres elevou-se no ar. Ela não podia aspirá-lo. Fiquei ao seu lado longo tempo, e, ao partir, inclinei-me para beijá-la na fronte. O frio indescritível da morte apagou em meus lábios a brasa do seu único beijo. Levava-o, levava o beijo que assim se tornara emprestado. Mas não podia levar sua graciosa imagem de menina, gravada em minhas retinas. Isto não. Sua imagem, não! Tampouco pôde levar o perfume dos jasmins, que sempre, sempre, me acompanha.

JASMINS - Conto de ATILIO D. PIANO

QUEM

Este ano, tomará conta da cidade, o baião de Miguel Gustavo, gravado por Marlene — Orquestra e côro sob a direção do maestro Guio de Moraes

●

Reportagem de
DAN DARLEY
Exclusiva para CARIOCA

OS compositores nacionais, ao escoar dos anos, têm buscado novas oportunidades no aproveitamento de temas os mais interessantes e curiosos. Assim, as datas festivas no âmbito do nosso regionalismo, quer na época do São João, quando dominam os entusiásticos bailes juninos, ou durante as comemorações do Natal, tudo constitui motivo para compor. Em 1953, por iniciativa de um dos principais vespertinos da Capital da República, e da gravadora Sinter, apareceu, com a colaboração oficial da Prefeitura, mais uma data festiva: "O Dia do Papai!". Coope-

A simpática Marlene, estrêla de primeira grandeza da Rádio Nacional carioca, discute com o compositor Miguel Gustavo detalhes sôbre o baião "É Sempre o Papai!".

Ajustados todos os detalhes, passa à cêra



ESTÁ COM A RAZÃO "É SEMPRE O PAPAI!"



— Meu Deus!, errei a letra..." — comenta, Marlene, com as integrantes do côro. A direção artística da gravadora, e o maestro, tiveram de repetir a operação técnica.



Marlene, num "flash" de CARIOCA, por ocasião do ensaio de sua gravação sensacional para a etiquêta dos três sinos, vendo-se Guio de Moraes ao piano.

rando, naquele ensejo, o produtor e compositor **Miguel Gustavo** escreveu e musicou um tema baseado na data em aprêço, e assim surgiu o apreciado baião "É Sempre O Papai!", levado à cêra na voz de **Zezé Gonzaga.**

EM 1954, MARLENE!

Agora, por iniciativa dos mesmos elementos, porém, noutra gravadora, aparecerá êste popularíssimo baião numa estupenda criação de **Marlene.** Tivemos oportunidade de conversar, no estúdio, não só com o compositor Miguel Gustavo, como ainda, com a estrêla da Rádio Nacional carioca, em tôrno dos detalhes dessa realização artística. Uma das notas curiosas foi, sem dúvida, a participação do espôso de Marlene, o ator de teatro e cinema Luiz Delfino, nesta gravação, fazendo o "Papai". O arranjo foi confiado à perícia do maestro **Guio de Moraes.** Um homogêneo grupo coral, liderado por magnífica intérprete, como **Déa Camargo,** colaborou no êxito do empreendimento fonográfico em questão.

A PALAVRA DA INTÉRPRETE

Abordada pelo repórter de CARIOCA, assim se expressou Marlene:

— Estou contentíssima, pela oportunidade de gravar o baião de Miguel Gustavo, "E' Sempre o Papai!". Desta forma, em 1954, também darei minha colaboração à data festiva instituída por um grande órgão da imprensa carioca e, sobretudo, por contribuir assim com os meus

(Conclui na página 56)

o baião "É Sempre o Papai!", acompanhada de grande orquestra, côro, além de um interessante e popular arranjo de Guio.



OH!

Aqui reconstituimos fotográficamente para os nossos leitores o fox de grande êxito, no momento, «Oh!» na feliz gravação de Bill Farr, que vem figurando

(Conclui na página 58)



Oh! Que coisa louca quando eu vejo meu bem.



E então saímos de mãos dadas.



Seguro na mãosinha, Oh!



Ela não fala, mas diz Oh!



E eu digo Oh! Que pensamento eu tive



Eu roubo um beijo. Ela diz Oh!



Que temos pouco tempo para beijar.



E' só beijar! E só paramos se o guarda chegar!



Stellinha Egg, a «Rainha do Folclóre Brasileiro», laureada em 1953, com o melhor disco brasileiro do ano, interpreta o sentimento dos artistas presentes, oferecendo o artístico bôlo de aniversário.

FESTA DA MUSICA POPULAR BRASILEIRA

Cantores, músicos e compositores das emissoras cariocas homenageam Aldem Vieira – "Show" relâmpago

Reportagem de
CLARIBALTE PASSOS
Exclusiva para CARIOCA

HÁ muito não assistiamos, na capital da República, mostra tão espontânea e comovedora de solidariedade quanto o foi a homenagem prestada ao grande batalhador da música popular brasileira — Aldem Vieira — o dinâmico chefe do Departamento de Divulgação da editora «Irmãos Vitale», Personalidade de ta expressão, Vieira tem realizado, através dos anos, um profícuo trabalho de efetiva propaganda dos nossos diversos ritmos populares. Estimado por músicos, cantores, compositores e chefes de orquestras, no Distrito Federal, nunca deixou caducar o zêlo pela maior difusão da música nacional. Procurou de forma condigna, levar a efeito um apostolado de ação coletiva! Nos tríduos de Momo — a fase mais árdua de cada ano no âmbito da divulgação musical — Vieira tem sido um autêntico general no comando supremo dos sambas e das marchas. Em longas vigílias, em luxuosos clubes da sociedade carioca, nos «dancings», «cabarets», e também nas «boites», contribuiu, até com o prejuizo da sua própria saúde, a fim de incrementar a execução de páginas musicais dos nossos autores. Por isso, nada mais justo, que a espetacular demonstração



A magnífica intérprete, Elizete Cardoso, quando cantava o samba «Ocultei», de Ari Barroso, na festa de homenagem a Aldem Vieira, tendo ao lado o bailarino Vieirinha.



Músicos, cantores, chefes de numerosas orquestras do Rio de Janeiro, confraternizam com o bravo defensor da nossa música popular, Aldem Vieira.

de afeto e solidariedade que lhe foi prestada por dezenas de cantores e outros profissionais, amigos e admiradores do mundo radiofônico carioca.

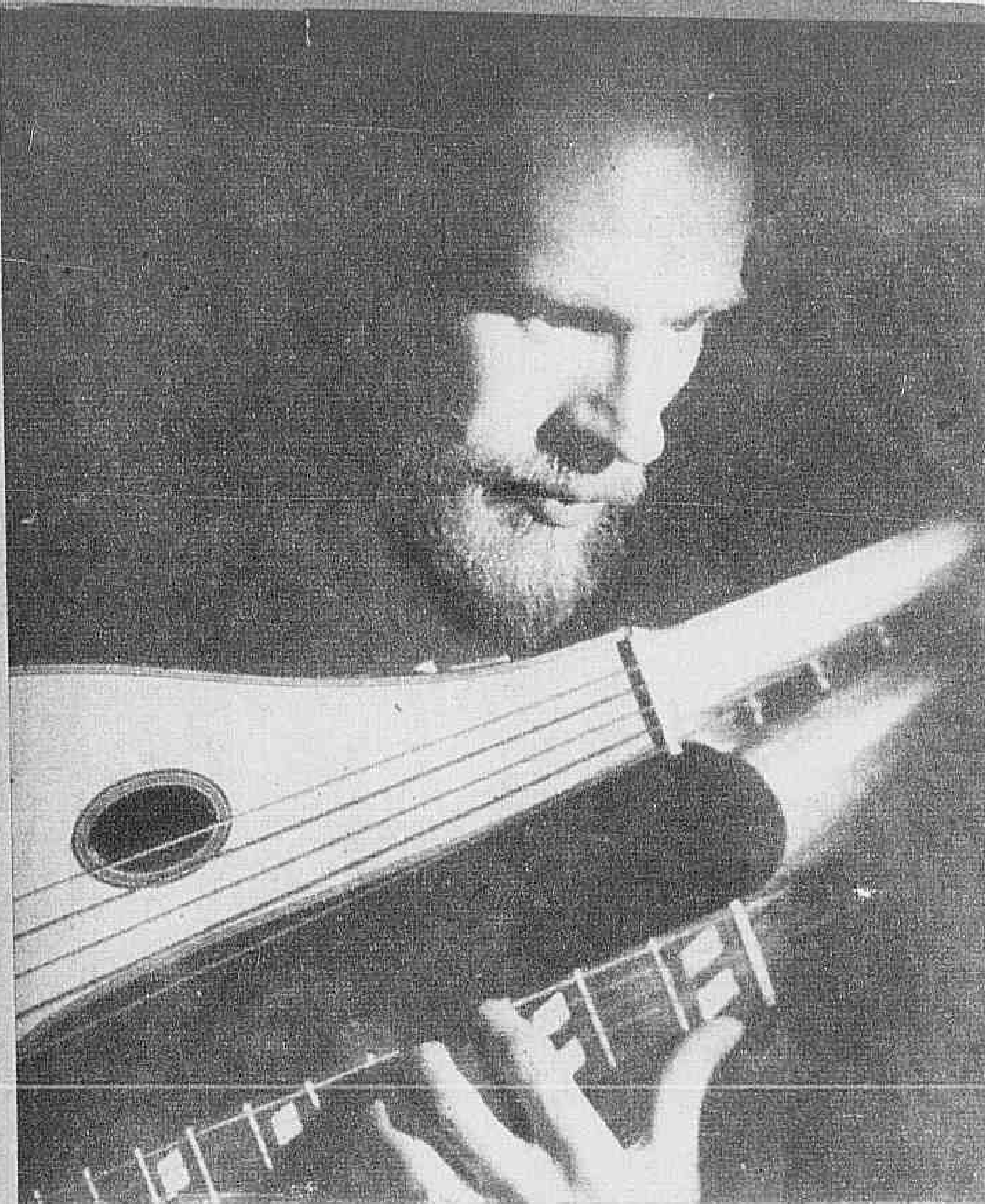
OS ARTISTAS PRESENTES

O redator especializado de CARIOCA, distinguido com honroso convite, compareceu à maravilhosa festa oferecida ao bravo lutador da música nacional — Aldem Vieira. Naquela oportunidade, anotamos a presença dos mais expressivos valores da nossa fonografia, do rádio, do teatro e da televisão, no Rio de Janeiro. Dircinha Batista, Elizete Cardoso, Cesar de Alencar, Linda Batista, Stellinha Egg, Manoel Barcelos (presidente da Associação Brasileira de Rádio), Prof. Mário Mascarenhas, maestro e arranjador da Rádio Nacional Gaya, Sr. Cristovão de Alencar (presidente da União Brasileira de Compositores), o chefe de orquestra CARIOCA, o Presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro, Roberto Paiva, Jorge Veiga, Gilberto Alves, Manézinho Araújo, Trio de Ouro (Raul Sampaio, Herivelto Martins, e Lourdinha Bittencourt), jornalista e compositor Jair Amorim (da Agência Nacional, Revista do Rádio e Rádio Mundial), editor e compositor Joel de Almeida (pela CEMBRA), locutor Luiz de Carvalho (pela Rádio Globo), locutor André Rosito (Rádios Guanabara e Mundial), compositor e médico Joubert de Carvalho, compositor e produtor Ewaldo Ruy, Sr. Pedro Catribe (presidente do Clube Bola Prêta) e Paulo Indiano, da mesma sociedade; compositor Marino Pinto (do Conselho Fiscal da SBACEM), cantor Afrânio Rodrigues, compositor, jornalista e produtor Fernando Lobo, o intérprete do nosso cinema Grande Otélo, jornalista e compositor David Nasser, cantora Eladyr

(Conclui na página 60)



Zaíra Cruz, a maior revelação infantil dos últimos anos, com grandes sucessos em discos, aparece aqui cantando sob as vistas do aniversariante e outros amigos.



SERGE SINGER e sua estranha guitarra. Um boêmio parisiense, um existencialista puro, poeta, pintor e cantor, atualmente no Rio, conseguindo muito sucesso.

UM EXISTENCIALISTA NO RIO

Serge Singer, o filósofo que é também músico, poeta e ganha a vida como cantor – O baixo-barítono holandês é parisiense de opção.

Texto de DIRCEU EZEQUIEL

Fotos GOURARY (Paris)

(Especial para CARIOCA)



No interior de sua habitação, êle reune músicos, poetas, pintores, filósofos e outras pessoas com as quais discute, e para as quais canta, acompanhando-se à guitarra e ajudado pela sua loira espôsa.

O HOLANDÊS de barba
tituído na grande atração d
chama a s

ÊLE começou a aparec
cantor, exibindo-se n
voz extranha e profund
profundamente no espír
alcançou fama em todos
riormente em outros cor
Êle é Serge Singer,
discorda de Sartre, Grec
Paris, tem reunido sem
número de jornalista, po
os quais tem discutido a
de «Le mur" de «clown
Holandês de nascim
de sua pátria e da Fra
gaulês adotivo. Amante
existência à sua maneira
riu um velho mas sólid
dores do Zuiderzee usa
acabou no Rio sena, faz
dos Inválidos o seu cai
Serge Singer foi con
sentar com sua filosofia
No dia e hora marcadas
foi realizado num «chale
tel Glória, onde o existe
rar num apartamento d
ao ar livre, boemia, qu
por vagabundagem, qua
ruas da referida cidade,
de sua filosofia de notiv
A música e a interp
profundamente. Êle, co
e seu olhar perdido na
agrada cantando uma s
que faz excepcionalme
preferido cantando, na
do folclore holandez,
cantando em russo, uma
quando sua interpretaç
por se impôr, ao anun
francês quando a platéi
nana boemia, com seus
tando alegremente, na
qualquer, ou cantar u
tranquilidade tamanha
se que se implora para



O HOLANDÊS de barba loira e pouco hirsurta tem se constituído na grande atração do famoso «Follies Bergeres», onde chama a atenção do mundo.



Em sua residência, no Rio, recebeu a imprensa para uma entrevista, ao mesmo tempo que foi apresentado à sociedade e cumprimentado pelo embaixador da Holanda.

ÊLE começou a aparecer, realmente, como músico e cantor, exibindo-se na Côte d'Azur. Graças à sua voz extranha e profunda, de baixo-barítono, que cala profundamente no espírito dos ouvintes, progrediu e alcançou fama em todos os países da Europa e, posteriormente em outros continentes.

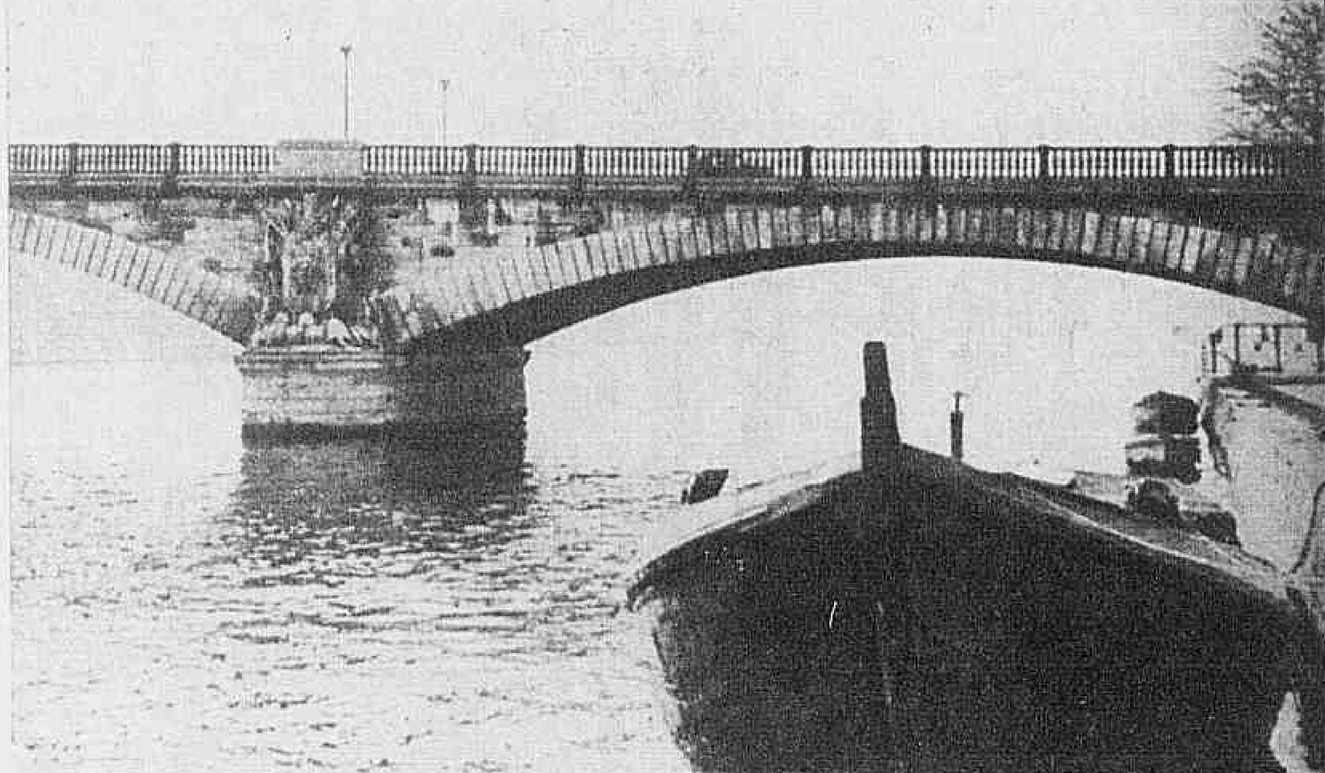
Ele é Serge Singer, um existencialista puro que discorda de Sartre, Greco e Camus, e, no Rio, como em Paris, tem reunido sempre em sua habitação um sem número de jornalista, poetas, filósofos e escritores, com os quais tem discutido as suas teorias, chamado o autor de «Le mur" de «clown", e condenado Kafka.

Holandês de nascimento, através dos canais e rios de sua pátria e da França alcançou Paris e tornou-se gaulês adotivo. Amante da vida livre, e vivendo uma existência à sua maneira, para navegar e morar, adquiriu um velho mas sólido barco «kwak", que os pescadores do Zuiderzee usam na pesca do arenque, e que acabou no Rio sena, fazendo de um dos lados da Ponte dos Inválidos o seu cais de atracação.

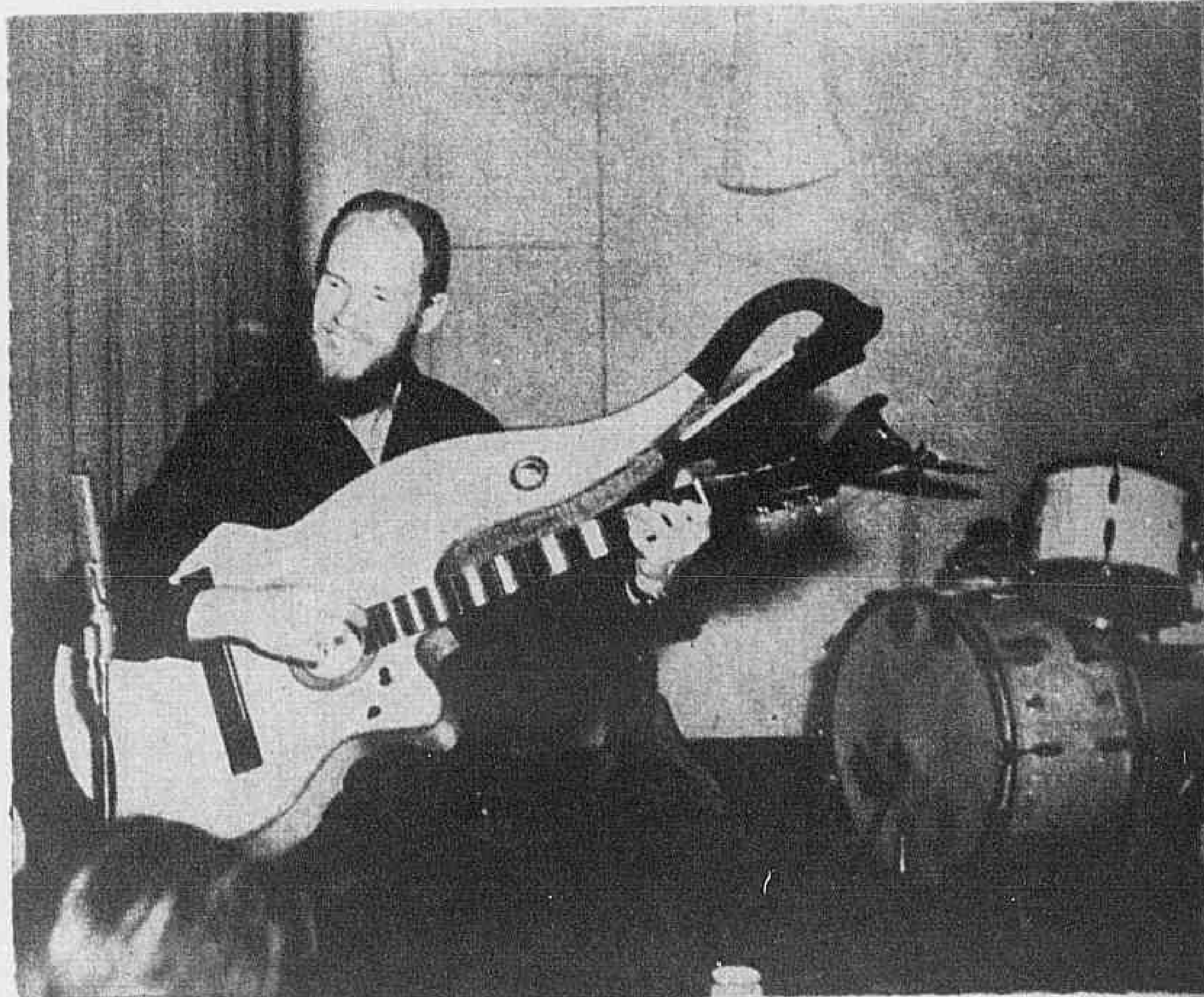
Serge Singer foi contratado para vir ao Rio, se apresentar com sua filosofia e suas músicas na «Beguin" No dia e hora marcadas, êle estreiou, após um coquetel foi realizado num «chalet" localizado nos fundos do Hotel Glória, onde o existencialista preferiu residir, a morar num apartamento do hotel; prefere sempre a vida ao ar livre, boemia, que em Anvers o levou á cadeia, por vagabundagem, quando cantava perambulando pelas ruas da referida cidade, o que, porém, não o dissuadiu de sua filosofia de notivago das esquinas do mundo.

A música e a interpretação do cantor filósofo calam profundamente. Êle, com sua barba loira meio hisurta, e seu olhar perdido na noite iluminada pelos refletores, agrada cantando uma saga de «cow boy" americano, o que faz excepcionalmente, depois torna-se altamente preferido cantando, na sua lingua natal uma música do folclore holandez, é aplaudido entusiásticamente cantando em russo, uma velha melodia nativa, e bisado, quando sua interpretação e seu registro vocal acabam por se impôr, ao anunciar e santar «L'Auberge", em francês quando a platéia vê o movimento de uma tabernana boemia, com seus fregueses bebendo chope e cantando alegremente, nas horas perdidas numa ruela qualquer, ou cantar uma balada dolente, que dá uma tranquilidade tamanha á pessoa, que, ao terminar, quase que se implora para que cante tudo de novo. É uma

(Conclui na página 58)



SERGE veio de Paris, deixando lá, fechada, a sua casa, que não mais é que um barco atracado às margens do Sena, junto à Ponte dos Inválidos, à sombra da Torre Eifel.



Sua estréia marcou o maior acontecimento no calendário boêmio da cidade. Tem sido o maior espetáculo apresentado em «boites» cariocas, cantando com sua voz de baixo-barítono.

A segunda das duas lindas irmãs entra para o "cast" de cantores da Nacional — Um elemento novo que surge numa hora de revelação de valores.

Fotos de Nelson Santos



Jovem, linda e graciosa, Silvinha Chiozzo vem de ser contratada para a Nacional.

EIS AQUI SILVINHA CHIOZZO



Com tôda sua envolvente simpatia, ao lado do grande locutor e animador Manoel Barcelos.



Ivon Curi, em continência à "estrêla", no dia de sua apresentação no programa de Barcelos.

É uma figurinha distinta e graciosa. É também ainda muito jovem. Neste momento em que o rádio brasileiro se renova e se remoça, ampliando os seus quadros, eis um nome que desponta com as melhores probabilidades de um futuro bonito. Referimo-nos aqui à linda Silvinha Chiozzo, que vem de entrar para o "cast" de cantoras da Nacional. São duas irmãs que passarão a atuar, de agora por diante, na mesma emissora. A outra, Adelaide Chiozzo, estrêla do cinema e do rádio, já se impôs como uma artista de grandes méritos. Não há hoje no Brasil quem não a conheça. Seus fãs estão em tôda a parte e Adelaide merece mesmo a simpatia de que se cerca a sua figurinha cheia de encantos. Silvinha começou a cantar sob os auspícios da P. R. E. Neno, a quem deve o nosso "broadcasting" a revelação de tantos valores, como Rogéria, Norma Sueli, Barbara Martins e outros. Pouco a pouco, Silvinha Chiozzo foi se tornando conhecida. Foi formando o seu círculo de admiradores.

(Conclui na página 56)



E aqui Silvinha Chiozzo ao lado de Marlene, que é sua fã.

RUBY STEVENS SOUBE LUTAR E VENCER

Hoje é a mundialmente conhecida como Barbara Stanwyck — Depois de uma vida de trabalho, a glória e a fama lhe abriram as portas !

De REX BENNETT

HÁ vinte e tantos anos atrás, o gênero burlesco de comédia era um dos grandes êxitos na Broadway, e todos os estúdios de Hollywood tratavam de conseguir os direitos cinematográficos das peças mais em evidência. Havia uma, entretanto, que era o alvo maior do interêsse dos produtores, sem que nenhum deles, porém, desejasse contratar a jovem atriz que cantava e dançava, interpretando o principal papel feminino, jovem essa que atendia pelo então obscuro nome de Barbara Stanwyck.

Hoje em dia, as coisas mudaram. As mais importantes produtoras dos Estados Unidos lhe oferecem papéis de relêvo e insistem para que ela os aceite, mediante vantajosos contratos. Barbara já desempenhou papéis de responsabilidade em todos os grandes estúdios de Hollywood, e com todos eles tem atualmente compromissos para fazer novos filmes.

Antes que o destino lhe abrisse o horizonte, tornando-a uma pequena famosa, Ruby Stevens (é êste o seu verdadeiro nome) teve quase tôda a infância vivida em estabelecimentos de caridade, passando depois a trabalhar em residências de famílias ricas, fazendo qualquer espécie de serviço, em troco de casa e comida.



Ei-la numa cena violenta com Lyle Bettger, em "Desejo Atroz" da Universal-International



Não obstante já não ser um "brôto", Barbara continua bela e elegante



Contudo, teve oportunidade de frequentar escolas públicas, distinguindo-se, não só pelo amor aos estudos, como pela habilidade demonstrada nos jogos desportivos. Seu maior desejo era chegar a ser uma atriz como Isadora Duncan.

Tinha então treze anos de idade, quando ingressou como caixeira numa loja de Brooklyn, alcançando meses depois o lugar de telefonista-chefe. Certo dia, resolveu experimentar sua sorte na Broadway, e saiu disposta a visitar o maior número possível de agentes de teatro e de cabarés. Sua beleza abria-lhe facilmente tôdas as portas, e o seu talento, bem marcante, contribuia para que lhe fossem dadas oportunidade de atuar ante o público. Assim trabalhou ela em dois ou três "night-clubs", e, com a idade de quinze anos, desempenhou o primeiro papel de destaque, aparecendo em cena montando um gigantesco elefante, num quadro de uma revista de Ziegfield. Depois de figurar em outras peças, obtendo

Barbara Stanwyck, um nome que significa talento e capacidade

A dupla de "Casei-me com Um Morto" repete agora o seu sucesso

papéis cada vez melhores, o conhecido empresário David Belasco sugeriu-lhe a troca de seu nome, que passou a ser Barbara Stanwyck, formado pelos nomes de duas notáveis atrizes de outra época, Barbara Fritchie e Jane Stanwyck.

Na temporada seguinte, Barbara obteve o principal papel numa peça "burlesca", arrancando entusiásticos aplausos aplausos do público e da crítica. Saindo em excursão pelos Estados Unidos, em 1928, consorciou-se com o popular ator Frank Fay, de quem veio a se divorciar sete anos mais tarde. Naquela mesma ocasião, firmou contrato com Joseph Schenck, após haver fracassado num teste para a Metro.

De 1930, em diante, o nome de Barbara Stanwyck passou a figurar entre os das mais famosas estrêlas de Hollywood. Filme após filme, consolidava ela seu prestígio entre os fãs. Atualmente,

(Conclui na página 61)



Richard Carlson é outro veterano que está com Barbara em "Desejo Atroz"



Quando se esperava o seu definitivo afastamento, eis que volta disposta a reconquistar seu antigo prestígio !

Por JIMMY LLOYD

O RETORNO DE ANN SHERIDAN!

Ann Sheridan pouco a pouco vem reconquistando o antigo posto

ATÉ há pouco estranhava-se o completo desaparecimento dessa veterana "estrêla", que tantos e tão bons filmes oferecera ao mundo. Por mais prolongada que fosse a sua ausência, não haveria quem a pudesse esquecer, depois de tê-la visto em papéis de alta importância, como em "Anjos de Cara Suja", "Anjos de Cara Limpa", "Legião Negra", "San Quentin", "Uma Cidade Para Dois", "Dias Sem Fim", "Zona Torrida", "Namorada da Marinha" e outros.

Dramas, comédias, filmes-revistas e



Desde os dramas aos filmes-revistas, sua capacidade foi posta à prova

vários outros tipos de musicais, encerrassem um "show" ou um tema de romance, tudo já foi tentado vitoriosamente pelas versatilidade de Ann Sheridan. Inegavelmente, um dos seus maiores êxitos se registrou quando apareceu ao lado de James Cagney, naquele notável "Dois Contra Uma Cidade Inteira". Na temporada dessa produção, foi ela indicada para concorrer ao prêmio da Academia.

Não faz muito tempo, Ann Sheridan foi um dos nomes mais em evidência. Conseguiu o seu climax quando surgiu encimando o fabuloso elenco de "Em Cada Coração um Pecado" ("Kings Row"), um filme que perdura ainda na lembrança dos "movie goers" e na antologia dos grandes êxitos.

Depois, naturalmente, seguiram-se outros de menor importância, que, porém, não tiveram alguma repercussão, como "Satan Janta Conosco", "Graças à Minha Boa Estrêla", "Melodia do Amor", "Esposas Solteiras", "Asas da Vitória", "A Sentença" e "Pés Inquietos".

Ann Sheridan nasceu na cidade de Dallas, Texas, no dia 21 de fevereiro de 1915. Seu nome real é Clara Lou Sheridan. Descendente de escoceses, tem ainda sangue de irlandeses e índios. Ann sente-se muito orgulhosa por ter nas suas veias esta rara combinação. Orgulha-se também de ser bisneta do famoso general Phillip Sheridan.

Em Dallas, logo que os seus pais deram início à sua educação, frequentou a escola de Robert E. Lee e a Academia Danton. Mais tarde, na Escola Normal de Texas, preparou-se para o magistério, pois seu grande sonho era ser professora. Este desejo, no entanto, não se realizou, pois o destino costuma marcar outros caminhos mais luminosos para as mulheres belas como Ann.



Ann Sheridan sob a bandeira da Universi-International, em "Mulher de Fogo"

Impossível seria para os fãs esquecer Ann Sheridan e os seus sucessos

Enquanto estudava, a nossa "estrêla" dedicava-se aos esportes e, como se distinguisse no tênis, tornou-se muito popular entre seus colegas, que cedo descobriram em Ann uma boa voz, além de outros "que tais". Certa feita, um agente teatral sentiu-se atraido por sua voz, enquanto ela cantava num espetáculo escolar. Acabado êste, procurou convencê-la a mudar seus planos e seguir a carreira artística e cinematográfica, argumentando que tal passo lhe proporcionaria um futuro mais promissor.

(Conclui na página 59)

A SEGUNDA SEMANA DO CINEMA BRASILEIRO

LEWGOY, MARLY E EMILIO, FIGURAS DOMINANTES DO FESTIVAL

Dias de entusiasmo e vibração vividos em Salvador — Como se fixaram as preferências populares — Homenagens oficiais e participação popular — Outras notas sôbre o vitorioso certame



A dupla do sucesso: Marly Sorel, que foi a principal figura feminina da delegação, e o galã Emílio Castelar

MAIS uma vez a tradicional hospitalidade baiana se manifestou no carinhoso acolhimento dispensado aos artistas e jornalistas que estiveram recentemente em Salvador participando do Festival de Cinema ali realizado. O governador Regis Pacheco foi o primeiro a dar o exemplo. Recebeu a delegação, em audiência especial, logo no dia seguinte à sua chegada, colocou elementos de seu gabinete à disposição do Festival para que nada faltasse aos seus participantes. Por último, ao ser encerrado o certame, ofereceu aos festivalistas um grande almoço à baiana, que se realizou no Palácio da Aclamação com a presença de elementos destacados da sociedade. Por sua vez, o engenheiro Aristóteles de Góis, prefeito de Salvador, esteve em constante contacto com a delegação, sempre solícito e gentil, oferecendo à mesma um «cocktail» que teve lugar no Hotel da Bahia e ao qual estiveram presentes, dentre outras pessoas, o almirante Borges Fortes, comandante da Base Naval da Bahia, o senador Pinto Aleixo e o ex-governador Otávio Mangabeira. Outras demonstrações de simpatia receberam ainda, em Salvador, os participantes do Festival. Acolheu-os numa festa encantadora a Associação Atlética Baiana, que é um dos clubes locais de maior distinção. O Sr. Afonso Cavalcanti, figura muito estimada nos meios cinematográficos baianos e proprietário de mais de 40 cinemas em todo o Estado da Bahia, ofereceu dois «cocktails» em sua residência na Barra. O Sr. Carlos Catarino, pertencente a uma família de tradição em sua terra, obséquiou os visitantes com um almoço que teve lugar no seu palacete residencial. Queremos ainda registrar o convite que o casal Paiva Lima dirigiu à delegação, que teve em sua casa uma fidalga hospitalidade. Paiva Lima, secretário do govêrno baiano, tem na sua residência um verdadeiro museu de antiguidades e raridades. A Bahia é assim, sempre gentil e amável com aqueles que a procuram. Não precisamos dizer que a delegação do Festival regressou ao Rio encantada, não só com as belezas naturais e típicas da velha cidade fundada por Tomé de Souza, como com a simplicidade e delicadeza dos baianos.

A GRANDE SURPRESA DA RAINHA

A grande surpresa da Rainha do Ci-



José Lewgoy era sempre procurado. Todos queriam conhecê-lo de perto.

ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

DESENHO ARQUITETONICO DESENHO MECANICO e DESENHO ARTISTICO

inclusive *desenho comercial e publicitário*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados.

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de técnicos em contabilidade e direção administrativa. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

CORTE E COSTURA *Tricô e Bordado*

Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rapido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRA V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

PORTUGUÊS
INGLÊS
AUXILIAR E CAIXA
CORRESPONDENTE
SECRETÁRIO
ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

. . . EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES . . .



Quero agradecer-lhes pelo curso de "Correspondência". Já estou trabalhando numa firma comercial, ganhando num só mês mais do dôbro que paguei ao Instituto

Sinichi Takano
PEREIRA BARRETO
Est. de São Paulo



Tendo terminado o meu curso de Corte e Costura, por correspondência, nesse Instituto, tenho a dizer a V. S. que desconheço outro igual. Inúmeras são as vantagens que oferece. As mães de família não precisarão ausentar-se do lar para fazer êsse Curso, as funcionárias igualmente, enfim é acessível a qualquer profissão. Direção e professores os mais habilitados e atenciosos; mensalidades módicas, por meio de planos permissíveis a tôda as classes, ensino admirável e proficiente, habilitando a confeccionar o modêlo por mais difícil que seja.

Maria J. da S. Favila
SALVADOR Est. da Baía



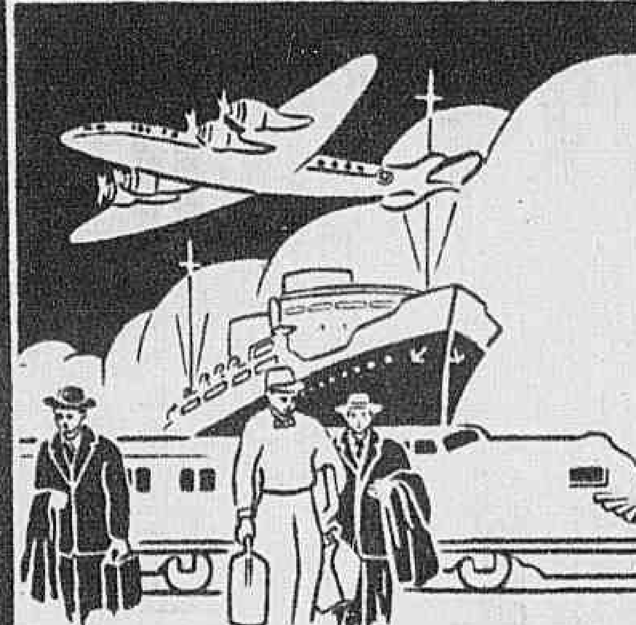
Acabo de empregar-me como desenhista de máquinas no Departamento Regional do SENAI, de Porto Alegre, Divisão Tecnica, - Projetos e Engenharia, graças aos maravilhosos e eficientes ensinamentos que recebi dêsse Instituto.

Ary Alex Niedens
PORTO ALEGRE
Est. R. G. do Sul



O seu ensino de Corte e Costura é o único que poderia tornar-me a ESPECIALISTA EM CONFECÇÕES DE VESTIDOS PARA NOIVAS aqui no Distrito Federal. Graças ao seu Instituto, hoje tenho 10 alunas e habilidade para tôdas as peças.

Antonia R. Pereira
DISTRITO FEDERAL



Projeto publicitário referente ao Exame Final do aluno CARMINE DE SOUZA
SANTOS - S. Paulo



Quero participar lhes que estou muito contente e satisfeito com minha nova profissão. Já estou costurando para fora, tenho muita freguesia e estou ganhando muito dinheiro. Também vos faço saber que o primeiro vestido que fiz foi um lindo vestido de noiva.

Ernestina Lorecchio
SÃO PAULO



Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um dado pessoalmente. As explicações são simples e muito claras, não dando margem a dúvidas e permitindo aos alunos terem um perfeito conhecimento da matéria.

Dulce C. M. de Souza
LAVRAS - Est. de Minas Gerais



Após um dia do recebimento de meu Certificado passei a trabalhar em um escritório técnico contábil, nesta cidade que atende á escrita de 24 firmas comerciais da localidade.

Amilto Martins Lisboa
PALMEIRA DAS MISSÕES
Est. R. G. do sul



Trabalho por conta própria em construções, podendo assim com tôda a clareza e sem receio executar qualquer serviço de acôrdo com desenho, e percebendo um ordenado três vêzes maior do que antes.

Mateus Seymcsak
LONDRINA - Est. Parana



Através do vosso Ensino por Correspondência adquiri, por poucos Escudos, preciosos conhecimentos.

A isto é o que se pode dizer, sem faltar a verdade: aprender muito em pouco tempo e sem grande dispêndio monetário.

José A. Leite Ribeiro
BRAGA - Portugal



Tenho o prazer de comunicar-lhe que está sob minha responsabilidade o Cargo de ESCREVENTE JURAMENTADO do Segundo Cartório do Registro Civil desta Comarca, no qual estou satisfeitíssimo e ganhando um bom ordenado.

Djanira C. da Silva
ARASSOIABA
Est. Pernambuco



Fiquei realmente satisfeito em ver que encontrei um verdadeiro guia nesta profissão. Hoje estou trabalhando num escritório da Agência "INCO" nesta localidade.

Mario Balico
CHAPECO Est. Sta. Caterina



Imensamente satisfeito com o modo prático de ensino adotado por Vv. Ss., afirmo que graças a êsse Instituto, estou hoje trabalhando na secção de contabilidade da Cia. Ferro Brasileiro S. A..

José Ricardo Leite
ESTAÇÃO DE JOSÉ BRANDÃO
Est. de Minas

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

1747

CAIXA POSTAL **5058** — SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

o curso de .... *por correspondência*
(indicar o curso desejado)

NOME ....

RUA .... N. ....

CIDADE ....

ESTADO ....



Silveira Lima. Jovem que se atira resoluto aos mistéres da arte de representar. E será o que tanto deseja — o grande realizador!

ESSE NEGOCIO DE PERNAS...

LUCIO FIUZA

NA noite de nove de julho, tivemos o prazer de assistir no Teatro Glória a uma interessante revista fantasia. Depois do empresário e ator Colé, encenar duas boas peças naquela casa de espetáculos, e quando julgavamos que Jaime Costa fôsse surgir com seu teatro de comédia, eis que é anunciada a estréia da Companhia de Joana D'Arc, uma artista que muito admiramos e uma empresária que promete aos seus fãs, notáveis espetáculos.

Reinava entre nós um forte entusiasmo pela apresentação de Joana D'Arc e seus contratados, não só porque vinhamos de assistir a montagem de espetáculos relativamente fracos, mas porque acreditavamos na capacidade da "estrêla" que se fez empresária e no valor daqueles que estavam anunciados como componentes do espetáculo do Glória.

"Pernas Provocantes" era o título da revista em um ato e vários quadros, de J.



Joana D'Arc, "estrêla" de "Pernas provocantes" que surge auspiciosamente na Cinelândia



Iris Delmar, para não fugir à regra dos cearenses, cada vez eleva mais alto seu nome...



Berta Rosanova, bailarina de grandes sucessos, dando muito de sua arte aos espetáculos de revista

Maia e Max Nunes, com música de Antonio Lopes e vários autores. Realizou-se o prometido e como êsse negócio de pernas é sempre um assunto que desperta interêsse, lá estavamos a constatar que a casa estava superlotada para uma estréia às oito da noite. Soaram os primeiros compassos da música e o palco do teatro da Cinelândia teve a sua noite de brilho.

"Pernas provocantes", é uma revista sem pretensões, moldada em assuntos banais, com uma montagem relativamente pobre e com um guarda-roupa um tanto luxuoso e bonito. Seu lado forte está realmente no que diz respeito à interpretação de valores que defendem com eficiência seus papéis. Embora o enrêdo seja pouco original, vimos um Spina bem aproveitado, desdobrando-se com enorme histrionice, no bocado que lhe coube. Spina é um cômico que não fica em plano inferior para nenhum de nossos inspirados provocadores de risos. Artista de muito recurso, de feitio especial para um sem número de tipos e, sobretudo, mesmo sendo um veterano, não chegou nunca a se mascarar com as justas glórias que tem conquistado.

Joana D'Arc, a empresária e a "estrêla" do conjunto, continúa sendo a número um em plástica, nos nossos palcos. Dona de uma voz suave e vivendo personagens bem seguras em alguns quadros, conquista uma nota distinta, vencendo um teste dificil, nesta área ingrata para o artista, que é a Cinelândia.

Destacando a figura bonita de Joana D'Arc, pode parecer que temos em vista não considerar o resto do conjunto, na parte respeitante ao naipe feminino. Absolutamente. O que foi conseguido por Joana é simplesmente digno de nota — e de nota especial: — tôdas as mulheres que se apresentam no palco do Glória, nesta peça divertida — "Pernas provocantes", são bonitas. Lindas mulheres: desde as "estrêlas", até a mais simples das "girls". Não é um fato interessante?

Da plástica de Joana D'Arc, quase todos os que frequentam teatros de revista já estão endossando o que escrevemos, e, quanto aos outros elementos, não se pode dizer quem é mais interessante. Iris Delmar é outra "estrêla" bem conhecida em nossas revistas fantasias, e até inesquecivel, desde quando representava em teatro de comédia. Outro grande "material" que o teatro musicado conquistou. E' outro que "aba-

(Conclui na página 60)



Janete Jane. Dezoito primaveras e um mundo artístico para conquistar com suas qualidades positivas

Escada de Lances



Humberto de Campos.

O SILÊNCIO CONTRA HUMBERTO

Em tôno do malogrado escritor pesa hoje em silêncio que até mesmo a recente e ruidosa publicação do seu «Diário Íntimo» não conseguiu extinguir de uma vez. A excessiva notoriedade de que possa um homem de letras desfrutar durante a sua vida, é quase certo traduzir-se em esquecimento depois de sua morte. O caso de Humberto de Campos é tìpicamente ilustrativo dêsse fenômeno muito mais nosso que de outros povos. No seu tempo nenhum outro alcançou maior aceitação por parte dos leitores de quase tôdas as categorias. Para um escritor que não era pròpriamente um ficcionista, nem tão pouco um contador de histórias imaginoso e exuberante — era de espantar tanta capacidade de captar simpatia e mesmo paixão literária junto ao vasto público. A sua arma não ia além da crônica diária, vez por outra do conto e posteriormente das suas «Memórias». Note-se que não dispôs do rádio, como alguns dos cronistas atuais, ou de revistas de grande tiragem, que nem por isso dão a êles a metade da popularidade que rodeava o nome e a atividade de Humberto de Campos.

A sua obra é, na maior parte, constituída dessas crônicas, por isso mesmo uma obra feita sôbre o efêmero e o quotidiano de cada instante, fadado a ser imediatamente relegado. A medida que firmava a sua posição de cronista das massas (a que incansável critério de bom gôsto jamais deixou de estar atento) era chamado a participar das dôres coletivas. A convocação diária por parte de tantos leitores o foi absorvendo de maneira cada vez mais intensa — e, quando menos percebeu, estava definitivamente comprometido com o povo. Comprometido humana e artìsticamente. O seu veículo mais fácil passou a ser o jornal (tendo algumas vezes comparecido pessoalmente ao rádio) e através de suas colunas nos mais importantes órgãos do país, falava a dezenas de milhares de pessoas que buscavam nas suas crônicas pão mais espiritual do que mesmo literário.

Foi precisamente a atividade ininterrupta nas colunas dos vespertinos e matutinos, que o furtou à feitura de uma obra de proporções artísticas e culturais mais profundas e mais amplas. E ninguém diga que no meio de sua bagagem apressada e dinâmica não haja indícios de que algo mais sério êle teria feito se o profissionalismo não o houvesse tragado de modo por assim dizer irreparável. As «Memórias», apesar de sua visão anedótica das coisas e da vida (das coisas e da vida mesmo provincianas) representam um volume de inegável unidade e resistente estrutura. Nos seus volumes de crítica, um crítico já não direi de idéias, mas um intérprete sempre lúcido e admirável de certas obras do pensamento — ali se vê. Ali está, mostrando que muito êle viria fazer no campo da crítica vulgarizadora e talvez erudita, para que forte pendor o conduzia. Nas suas tentativas de crítica, o autodidata inteligentíssimo e consciencioso não se pejava de se revelar tal qual realmente era. Por isso mesmo, ao comentar uma obra de fôlego (um livro de Oliveira Viana, de Manoel Bonfim, etc.) o que o preocupava era esclarecer o texto alheio, explicando-o e interpretando-o com minúcias de estudioso bem compenetrado disso.

Dificilmente se poderia justificar o esquecimento que se vem criando em tôrno dêle, silencio a que as gerações mais jovens dispensam a sua reprovável colaboração. Se êle como escritor não satisfaz inteiramente o gôsto de hoje (a que notáveis experiências dêste século emprestam novos sentimentos, por que não vermos com simpatia humana o grande exemplo que está na vida dêle?) Exemplo, que entre nós, é dos mais fortes, da luta consciente do intelectual pobre contra as limitações e as ingratidões do meio.

MACHADO «CONTRA» EÇA

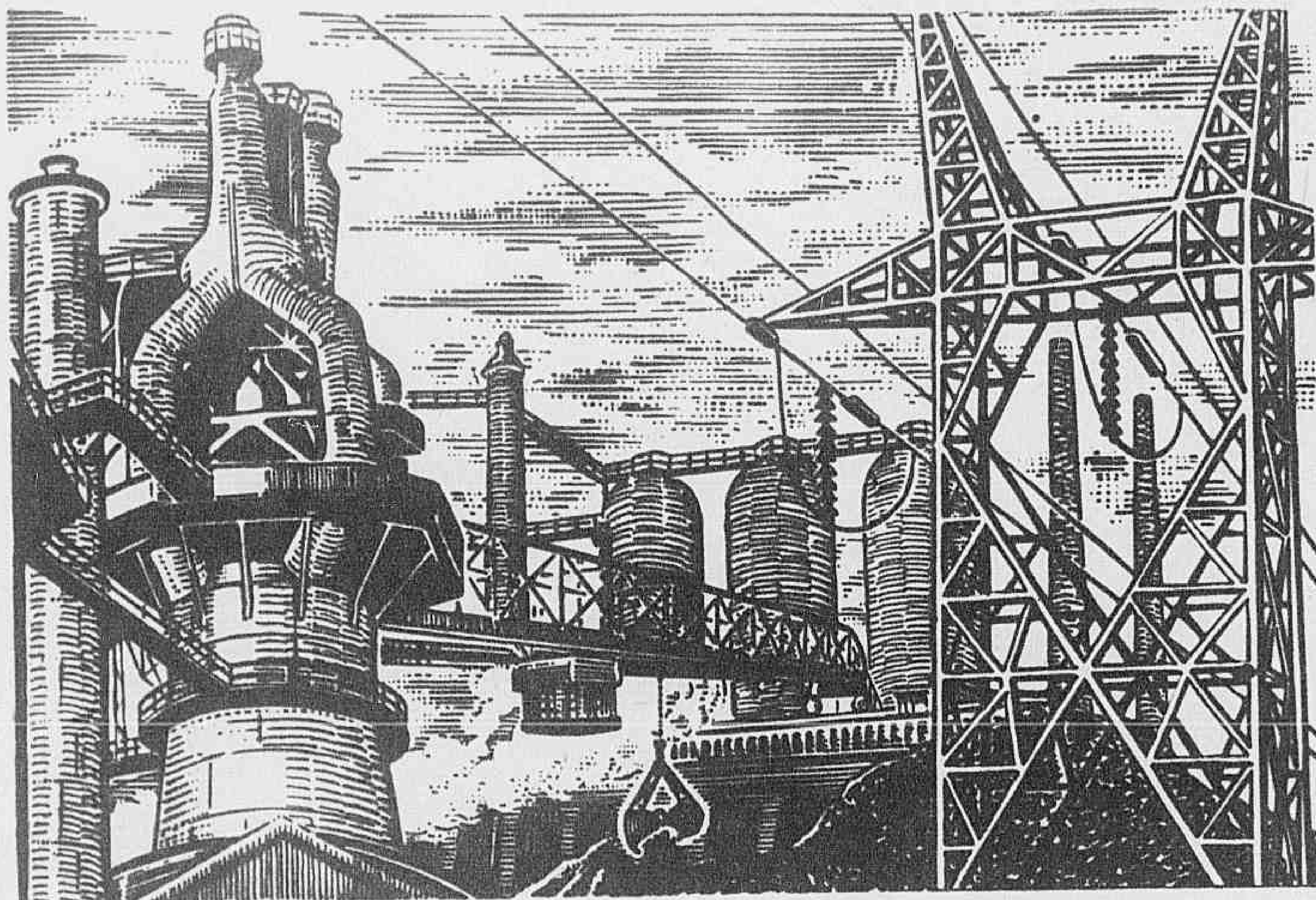
«Que o Sr. Eça de Queiroz é discípulo do autor do «Assomoir» — escreveu Machado de Assis quando surgiu «O Primo Bazilio» — ninguém há que não conheça. O próprio «Crime do Padre Amaro» é imitação do romance de Zola, «La faute de lábbé Mouret». Situação análoga; iguais tendências; diferença do desenlace; idêntico estilo; algumas reminiscências, como no capitulo da missa, e outros; enfim, o mesmo título. Quem os leu a ambos, não contestou, de certo, a originalidade do Sr. Eça de Queiroz, porque êle a tinha, a tem, e a manifesta de modo afirmativo; creio que esta mesma originalidade deu motivo ao maior defeito na concepção do «Crime do Padre Amaro». Ora, bem compreende-se a ruidosa aceitação do «Crime do Padre Amaro». Era realismo implacável, consequente, lógico, levado à puerilidade e a obscuridade. Víamos aparecer na nossa língua um realista sem rebuço, sem atenuações, sem melindres, resoluto, a vibrar o martelo no mármore da outra escola, que aos olhos do Sr. Eça de Queiroz parecia uma simples ruina, uma tradição acabada. Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira vez, aparecia um livro em que o escuso e o — digamos o próprio termo, pois tratamos de repelir a doutrina, não o talento, e menos o homem — em que o escuso e torpe eram tratados com carinho minucioso e relacionados com uma exação de inventário».

Continuando afirmava o mestre das «Memórias Póstumas de Braz Cubas», inimigo do realismo discritivo e animal, mas tão dominado pelo outro, o realismo psicológico — através do qual desnudou coisas mais «negras» que o simples e triste corpo humano com os seus instintos: «Certo da vitória, o Sr. Eça

(Conclui na página 58)



Machado de Assis.



E A PRODUÇÃO INDUSTRIAL CONTINUA A CRESCER

NA região Rio - São Paulo - Estado do Rio, está concentrada grande parte da indústria brasileira. Usinas siderurgicas, grandes fábricas de cimento, de pneumáticos, de tecidos e de produtos alimentícios, importantes laboratórios químico-farmaceuticos, etc., encontram-se aí instalados.

Nesta região abastecida pelas Companhias Light, 13 000 novas fábricas começaram a funcionar, no período de 1939 a 1953. Para a formação dêsse parque industrial, o maior da América Latina, muito contribuiu a energia elétrica abundante e barata.

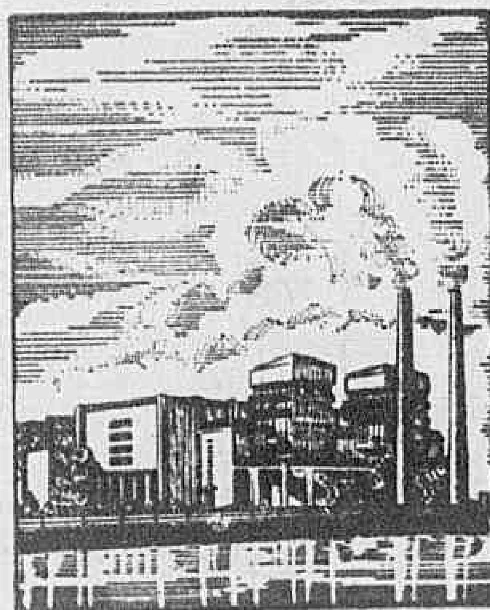
A execução de projetos de grande vulto está em andamento para atender a contínua e excepcional demanda de energia elétrica que continua a fazer-se sentir nessa região.

As grandes Usinas Nilo Peçanha e Piratininga estão quase terminadas, e as obras da Usina Subterrânea de Cubatão prosseguem cèleremente.



Usina Subterrânea Nilo Peçanha
(Sistema do Rio)

Terá capacidade de 330 000 kW. Até o 1.º semestre de 1954 entraram em operação cinco dos seis geradores no total de 265 000 kW instalados.



Usina Termo-Elétrica Piratininga
(Sistema de São Paulo)

Terá duas unidades geradoras. com o total de duzentos mil quilowatts, devendo a primeira delas iniciar seu funcionamento ainda em 1954.



Usina Subterrânea de Cubatão
(Sistema de São Paulo)

Terá inicialmente a capacidade instalada de duzentos e sessenta mil quilowatts. Suas primeiras unidades entrarão em serviço em 1956.



A ENGENHARIA A SERVIÇO DO PROGRESSO!



Aspecto parcial da assistência

FAMILIARIZANDO A POESIA COM O GRANDE PÚBLICO



Jamil Almansur Haddad, presidente do Clube de Poesia

As realizações do Clube de Poesia de São Paulo prestam um considerável serviço à inteligência do Brasil — Homenagem à memória de Jorge de Lima, na festa de posse da nova diretoria

Reportagem de Carlos Nazaré

Fotos de Ubaldo Terra

SÃO PAULO (Da Sucursal) — O Clube de Poesia de São Paulo — e o único do Brasil — renova anualmente sua diretoria, sem barulho e sem publicidade. As eleições servem apenas para uma coisa: para que um poeta continui, com o mesmo amor e o mesmo entusiasmo pela poesia, a obra do seu antecessor. Assim é que depois da presidência do Clube ter sido ocupada durante quatro anos por Cassiano Ricardo, passou por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva e, agora, Jamil Almansur Haddad.

POESIA E TRABALHO

Na festa — porque foi uma festa — em que Jamil Almansur Haddad, o ensaista de "Revisão de Castro Alves", recebeu das mãos de Domingos Carvalho da Silva, o poeta da "Bem-

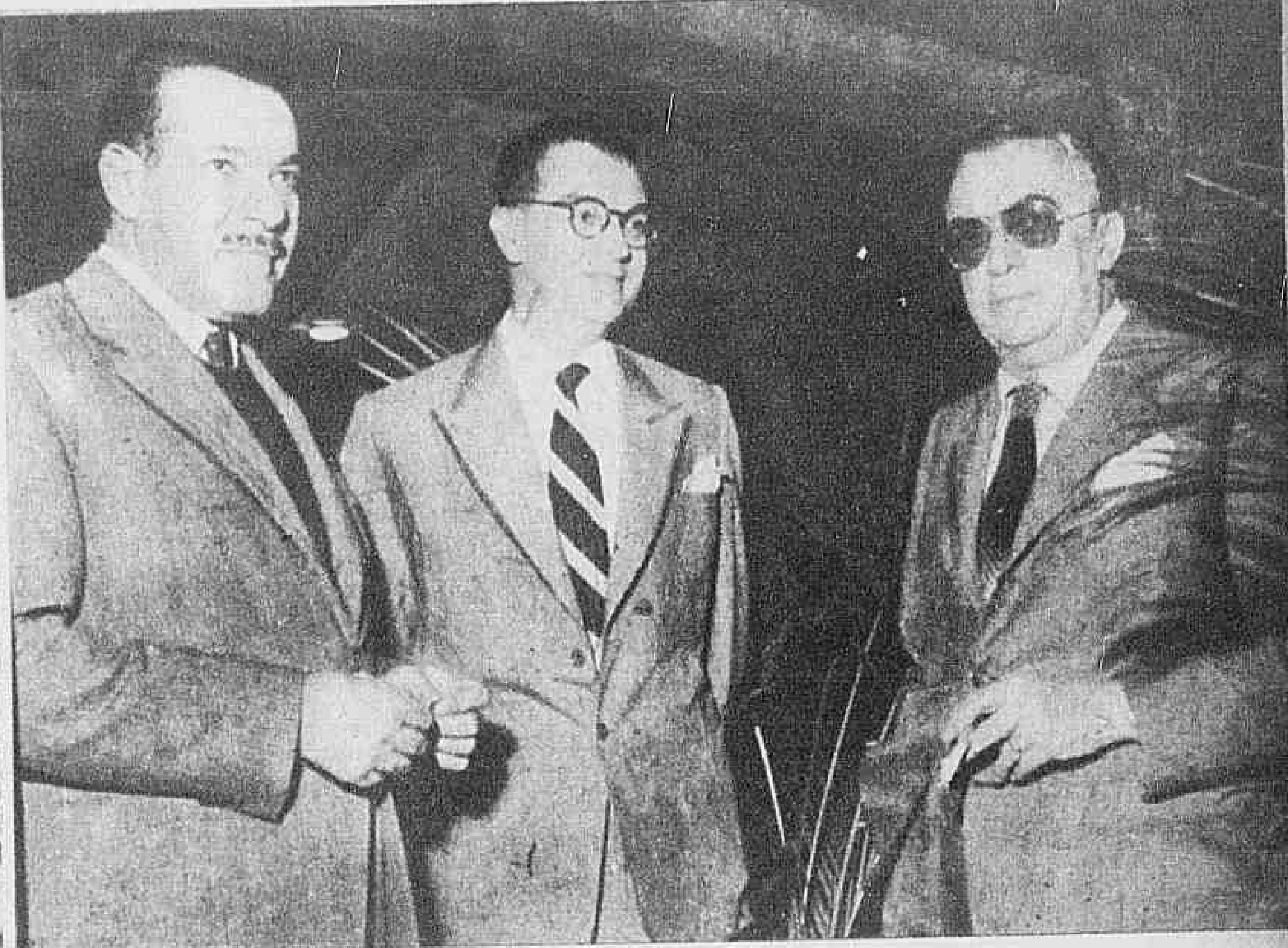
(Conclui na página 57)



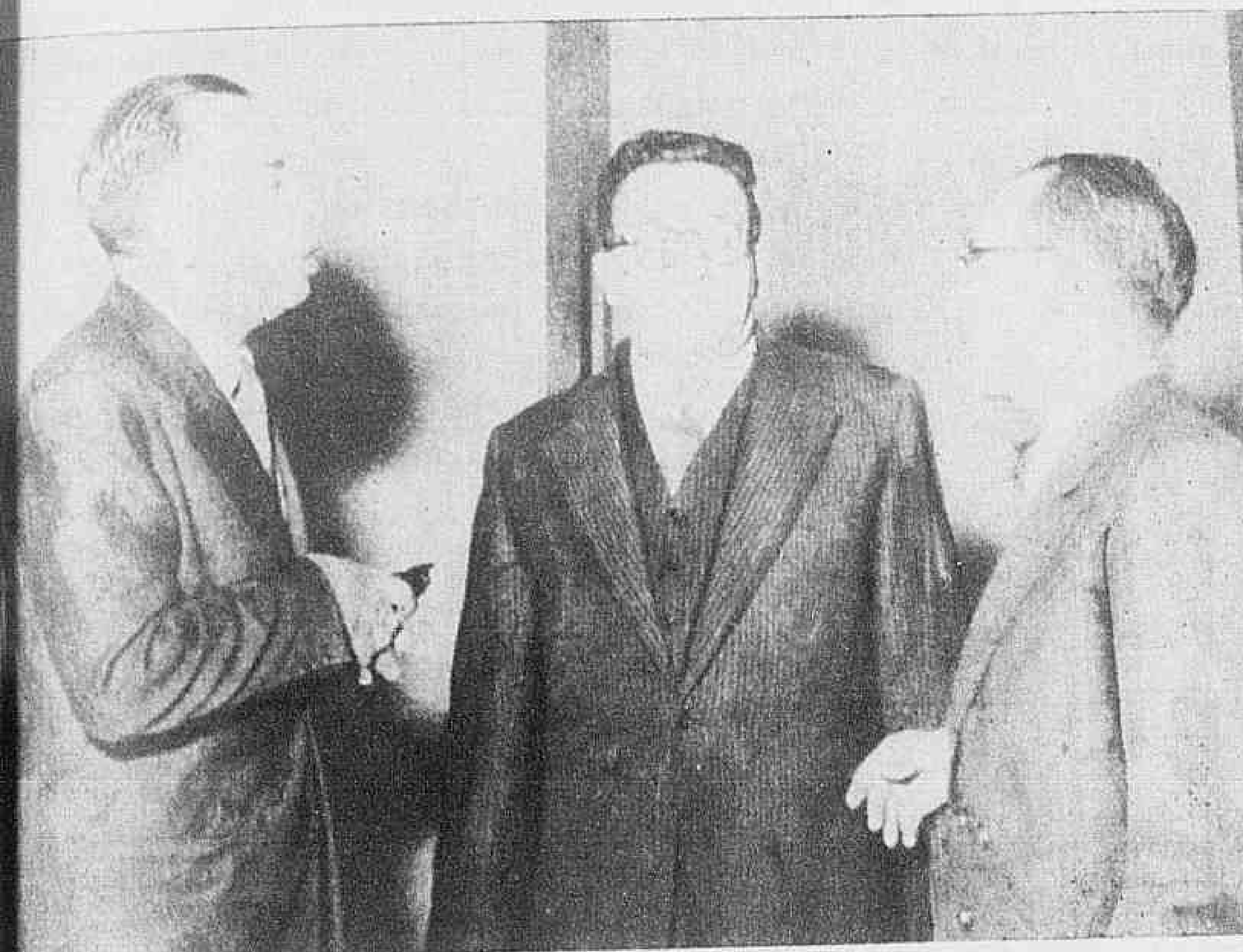
Helena Silveira e Arlete Abusamra, «Miss Planalto»



Domingos **Carvalho** da Silva, **Aloísio** Augusto Sales, a poetisa Ruth Silvia de Miranda Salles e o poeta Edgard Braga



Antonio **D'Elia**, João Gualberto de Oliveira e Francisco Pati, da Academia Paulista



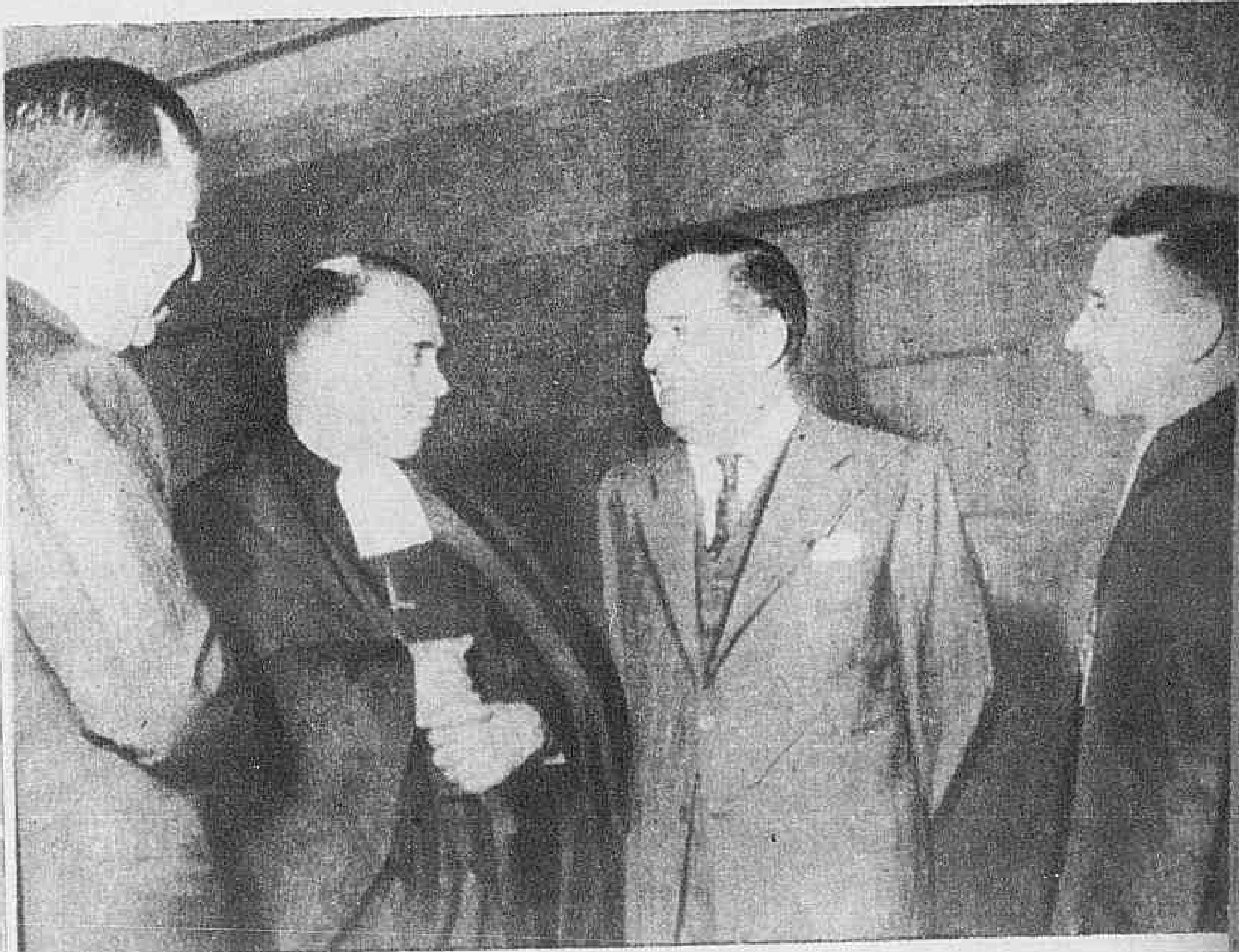
O jornalista **Oswaldo** Mariano e os poetas Jamil Almansur **Haddad e Domingos** Carvalho da Silva



Sra. Luiz Martins, **Dulce Carneiro, Helena Silveira** e **Luiz Martins**



Luiz Martins, pronunciando sua conferência sôbre Jorge de Lima, vendo-se, também, a poetisa Dulce Carneiro e o poeta José Tavares de Miranda



Luiz Martins em palestra com dois irmãos maristas



DISCOTECA



MÚSICA DE NOEL ROSA

COM um esmerado gôsto artístico, refletindo evolução de mentalidade, buscando preencher lacunas e correspondendo às exigências do mundo fonográfico nacional, a Musidisc constitui exemplo edificante no âmbito das nossas melhores gravadoras. Temos acompanhado, ao escoar dos anos, com tôda imparcialidade, os esforços dispendidos pelos seus diretores, visando uma posição condigna nas apresentações dos rítmos populares brasileiros. Não têm sido esporádicas as dificuldades de ordem material a vencer, obstando-lhe os passos sempre orientados para um objetivo credor dos aplausos gerais. As restrições cambiais, sustando, algumas vezes, a vinda da matéria prima indispensável à fabricação dos discos, ou a falta de maior número de prensas para atender ao incremento da produção, eis muitas das razões esclarecedoras no curso de tão árdua tarefa industrial. Todavia, nada desanimou, até agora, a direção artística. Os lançamentos já realizados, em long playing, com plena aceitação por parte do mercado e do público, atestam o evidente crédito que merecidamente lhe outorgaram. Ouvimos, esta semana, «Noel Rosa». Trata-se de um disco LP, dos mais recentes, sob o número MV-005, que apresenta belíssima coletânea musical do saudoso poeta de Vila Isabel, o inesquecível **Noél Rosa**. Na face A, desfilam: — «Até Amanhã» — «Feitiço da Vila» — «Silêncio de Um Minuto» — P'ra Que Mentir?» As criações artísticas foram confiadas à magnífica intérprete patrícia, recem chegada da Itália, e ex-cantora da orquestra de Fon-Fon, a simpática **Horacina Corrêa**. Agradou-nos, sobretudo, pela maneira diferente de cantar o nosso samba. Aveludada, terna e sumamente agradável, sua vocalização. De modo especial, em duas páginas no grupo acima; referimo-nos, aos sambas «Feitiço da Vila» e «P'ra Que Mentir?», nos quais exibe uma classe interpretativa digna de louvores irrestritos. Os arranjos, de Léo Peracchi, deixam entremostrar a amplitude de sua experiência e o brilho de talento que já o identificam junto aos discófilos do país. A sonoridade das gravações é bonita, límpida, convincente. Há grande beleza eufônica, quer em solos e intervenções isoladas de determinados instrumentos, como piano, flauta, côrne inglês e o próprio rítmo, ou ainda, na participação global de tôda a orquestra. Éste conjunto soberbo — orquestra, cantora, côro — dão nota exuberante à música do angustiado «vate» de Vila Isabel. O mesmo ocorre, na face B, nas composições: — «De Babado» — «Último Desejo» — «Feitio de Oração» — e, finalmente, «O Orvalho Vem Caindo». Especialmente «De Babado», uma notável criação de Horacina, com irrepreensível colaboração do côro. Uma capa em estilo modernista, em várias côres, valoriza êste LP. Apenas, para sermos leais à nossa habitual conduta, devemos assinalar a má qualidade da massa do disco. Um deslize, sem dúvida, que um crítico honesto não pode deixar de mencionar. Isso, a nosso entender, prejudica a nitidez da gravação e a emissão sonôra. Não fôsse, pois, essa circunstância de caráter puramente material, diríamos que Nilo Sérgio havia marcado um tento verdadeiramente espetacular!



Horacina Corrêa.

CLARIBALTE PASSOS



Venilton Santos.

DISC JOCKEY "CARIOCA"

★ Disco «Continental» (sêlo prêto) vocal, 78 RPM, prensagem e fabricação com matéria prima nacional, etiquêta n.º 16.948 apresentando o jovem cantor **Venilton Santos**, com Véro e sua Orquestra. Na face A: — «Poltrona Surrada» (samba-canção) de Aldo Taranto. Desde o lançamento de «Nem Eu», composição de Dorival Caymmi, êste intérprete não nos oferecerá criação artística tão louvável. Voz clara, maleável, emitindo escorreitamente o fraseado musical e literário, a par de ótima dição, podemos considerar Venilton situado entre as figuras mais expressivas da nova geração do rádio brasileiro. Tècnicamente, a gravação é convincente, evidenciando, como sempre, o esmêro do Norival Reis. Face B: — «Onde Está?» (samba-canção) de José Braga e Paulo Gesta. Constatamos, também aqui, a felicidade com que o artista soube escolher as composições para êste disco. Página de bonita linha melódica, com sugestiva letra, corresponde plenamente nossa expectativa. De um modo geral, ambas as gravações nos satisfizeram, justificando irrestritos encômios. Cotação: **Excelente**. — C. P.



Dolores Duran.

ROTEIRO DAE NOVIDADES

★ Dolores Duran, atualmente numa boa fase de sua carreira artística, levou à cêra, na «Copacabana», os expressivos sambas «O amor acontece», de Celso e Flávio Cavalcanti, e «Canção da volta» de Antonio Maria e Ismael Netto.

★ Ângela Maria, a graciosa «Rainha do Rádio», oferece aos seus milhares de admiradores, dois belos sambas gravados na etiquêta acima mencionada. São êles: «Só Desejo Você», de Di Veras e Osmar Campos Filho, e «Joá», de A. Amaral e A. Cordeiro.

★ «Ocultei», samba de Ari Barroso, gravado na «Continental» pela magnífica intérprete **Elizete Cardoso**, está obtendo grande êxito.

★ **Inezita Barroso**, cantora paulista, reaparece em disco da RCA Victor, interpretando a toada «Redondo Sinhá», e modinha «Mestiça».

★ O homogêneo **Trio de Ouro**, com Herivelto Martins, Raul Sampaio e o soprano Lourdinha Bittencourt, brindam os fãs com os sambas: «Quem Dera...» e «Bêrço de Rei».

★ Em sêlo «Todamérica», temos entre outros sucessos, do momento: **Waldyr** Azevedo, nas criações «Madrigal» e «Tio Sam». **Orlando Correia**, depois do êxito de «Sistema Nervoso», retorna com os sambas «Nuvem» e «Quase».

★ Na «Columbia», o organista **Ken** Griffin, executando «Pretend». **Claudete** Soares, uma promissora estreante, cantando «Você não sabe» e «Trabalha Mané», dois interessantes baiões. **Frankie** Laine o famoso criador de «Jezebel», aparece, agora, com «Granada» de Agustin Lara.

★ Na «Odeon», o cantor **João Dias**, atual «Rei do Rádio», na sua expressiva criação de «È o Amore» (That's Amore) versão de Haroldo Barbosa. **Adelina Garcia**, em duas ótimas gravações: «Amor Selvagem» e «Verêda Tropical», página muito apreciada entre nós.

COMENTÁRIOS DA SEMANA

★ Disco «Copacabana» (instrumental) nº 5203 suplemento nacional, em 78 RPM, assinalando o reaparecimento do excelente flautista **Altamiro Carrilho**. Na face A, encontramos o máxixe «Rio Antigo», de autoria do próprio solista, e na face B, a valsa «Saudade de Pádua», de Edmundo Guimarães. Ambas as gravações são tècnicamente satisfatórias, com bom nível de sonoridade e sem qualquer chiado. A melhor face é, sem dúvida alguma, o maxixe «Rio Antigo», cuja carreira será das mais promissoras. Trata-se, pois, de um disco credor dos nossos encômios. Cotação: **Ótimo**.

★ Apreciamos, também da «Copacabana», em duas excelentes gravações, o acordeonista bandeirante **Aloysio Figueiredo**, executando em ritmo de tango «Sacarrôlha», composição de Zé da Zilda — Zilda-Waldyr Machado. Muito oportuna, inegàvelmente, essa versão instrumental. Na face B: — «Baião do Presidente», de Hervê Cordovil. Em ambas as gravações, Aloysio revela, mais uma vez, seus amplos recursos de talento como solista. Tècnicamente, o disco satisfaz. Etiquêta n.º 5263. Cotação: Ótimo. C. P.



Altamiro Carrilho.



Dalva de Oliveira.

DE TODOS OS FRONTS

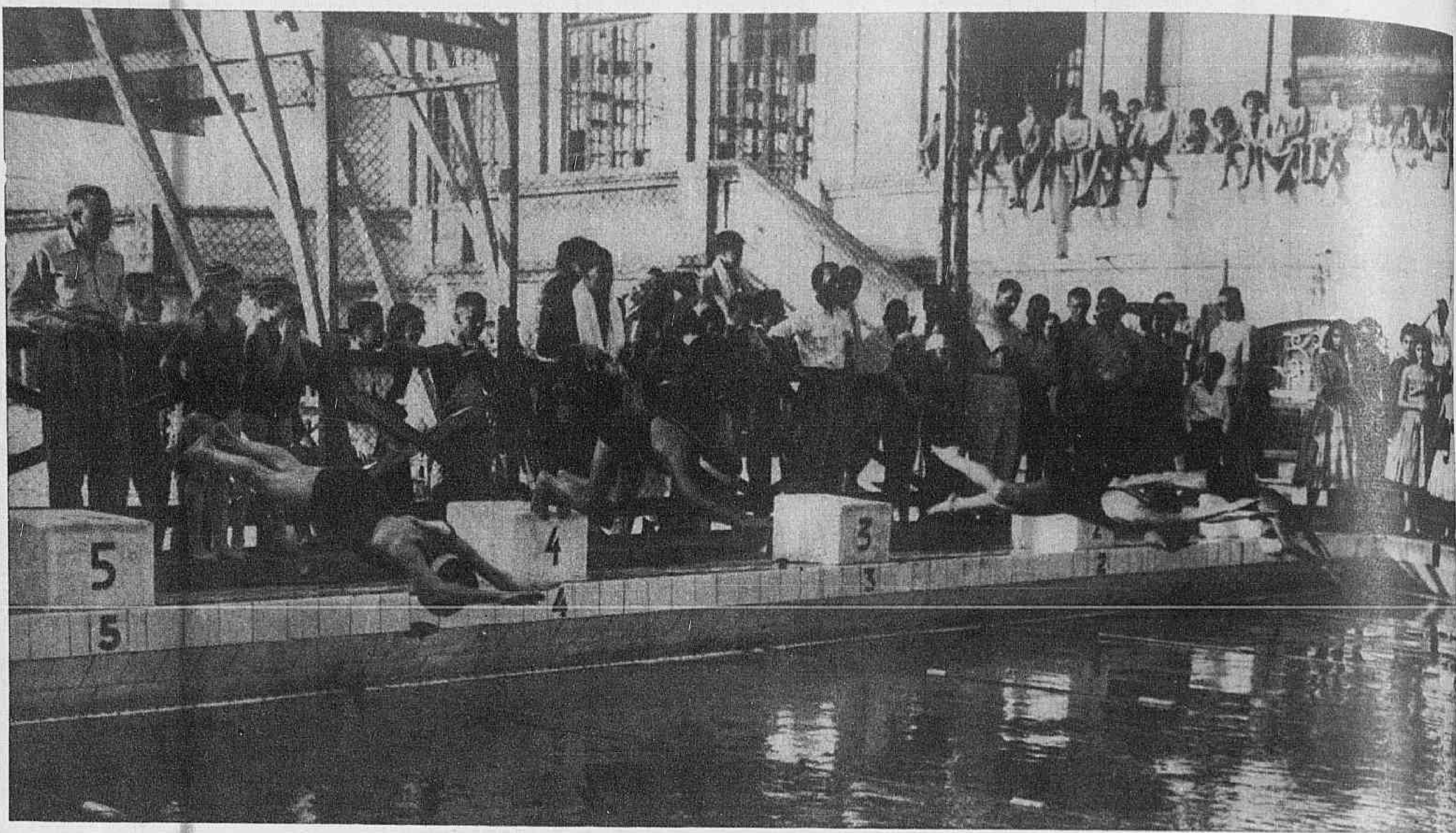
★ **Dalva de Oliveira**, a inesquecível criadora de «Errei, Sim» e outros êxitos populares brasileiros, deverá gravar, brevemente, uma bela página asinada pelo compositor **Adelino Moreira**. Na foto, que ilustra esta nota, vemos a grande intérprete ladeada pelo seu espôso Tito Climent, e por Adelino.

★ «Tangos Famosos», com músicas de **Carlos Gardel**, em primorosas criações instrumentais da **Típica D'Avlis**, e vocalizações de Emílio Rossal, é o novo LP em 33 1/3 RPM, lançado pela «Musidisc».

★ «Jóias Musicais Brasileiras», com **Radamés Gnattali e sua Orquestra**, constitui um dos melhores discos long-playing nacionais já lançados pela «Continental».

★ A gravadora «Carroussell» oferecerá, brevemente, um suplemento de nada menos de treze discos.

★ **Carmélia Alves**, o violonista **José Menezes, Jimmy Lester**, e **Chiquinho** (acordeonista) estão brilhando em Buenos Aires, Argentina, numa temporada de absoluto sucesso.



Largada de uma das provas da competição, vencida pelo Vasco.

FUTURAS "ESTRELAS" DA NATAÇÃO INFANTO - JUVENIL BRILHARAM NA ULTIMA COMPETIÇÃO VENCIDA PELO VASCO

Reportagem de REGINA COELHO   Fotos de DOMINGOS PEREIRA



Assim se preparam as garôtas vascaínas.



Três futuras «estrêlas» da natação tricolor.

OS mineiros dominaram por muito tempo, os setores da natação infanto-juvenil, conquistando inúmeros campeonatos, a ponto de serem considerados líderes absolutos na aquática mirim.

A hegemonia da gurisada das Alterosas acabou abatendo os metropolitanos, que voltaram suas vistas para o preparo dos nadadores-mirins, a fim de, pelo menos, competirem honrosamente com os campeões absolutos.

O trabalho foi feito dentro da orientação mais aconselhável, e a semente encontrou terreno propício, surgindo, então, alguns elementos futurosos.

Nesse trabalho, salientou-se o Icaraí, com a apresentação de numerosas e adestradas equipes, seguindo-se-lhe o Fluminense, Flamengo, Tijuca, América e outros clubes, já estão interessados no preparo de sua garotada.

O Vasoc, embora sem os recursos adequados, pois não possuia piscina, procurou acompanhar os outros, fazendo o que estava ao seu alcance.

Aguardava o grêmio da Cruz de Malta a conclusão de seu tanque natatório, que, aumentando o patrimônio da natação brasileira, possibilitaria um melhor preparo de seus nadadores.

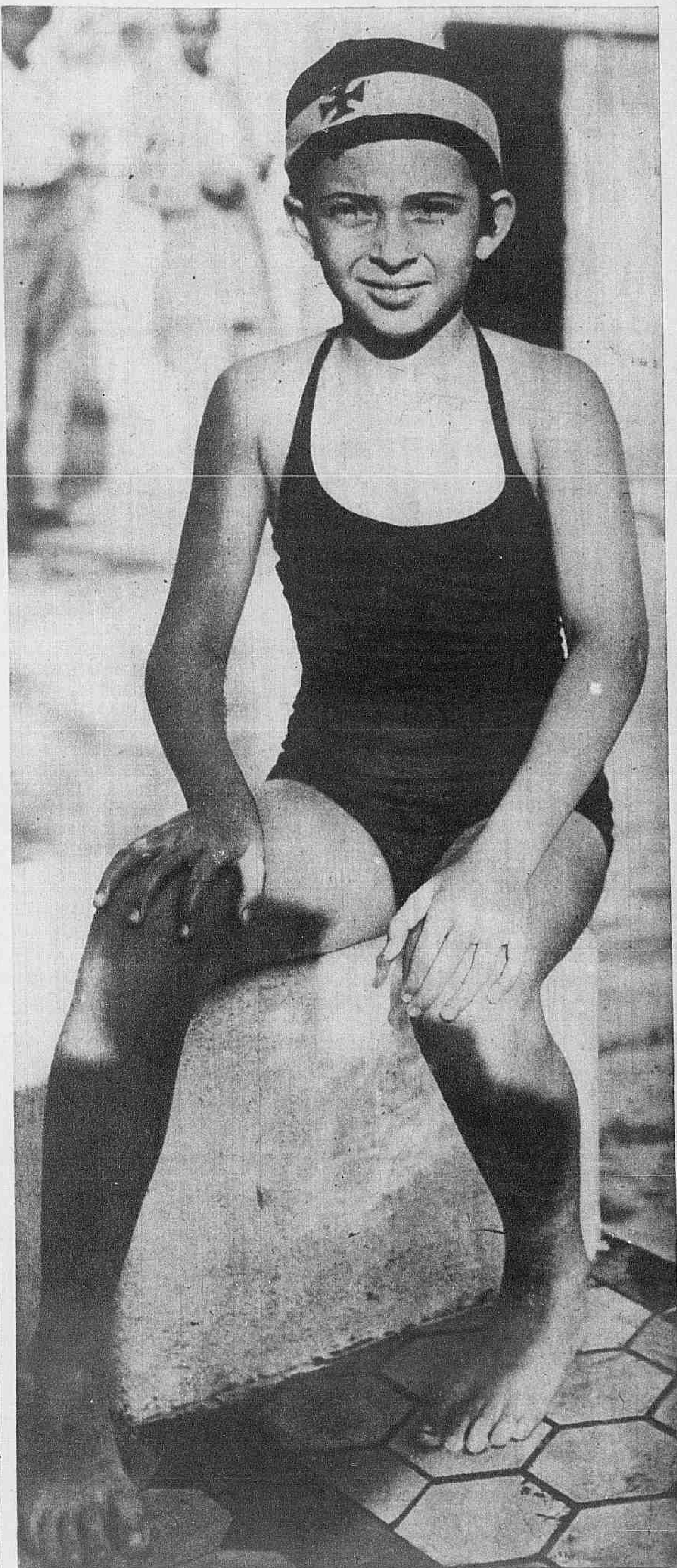
Concluída a piscina, voltou o clube da colina suas vistas para a natação infanto-juvenil, entregando-a ao técnico Hélio Lobo.

Êste aproveitou a boa vontade dos dirigentes vascaínos e, logo nas primeiras apresentações de sua equipe, conseguia os melhores resnultados.

(Conclui na página 61)



Marisa Batista, do Vasco, e Lígia Marques, do Fluminense, vencedoras dos 50 metros.



Marisa Batista, do Vasco, vencedora da prova de 50 metros.

VARIEDADES MUSICAIS

Por DANIEL TAYLOR

N. 264

DISCOGRAFIA DE GLEN MILLER

Em discos de 78 rpm.

27100 — OH! JOHNNY, OH! JOHNNY
CIRI-BIRI-BIN
27132 — STAR DUST
MY MELANCHOLY BABY
27159 — SHAKE DOWN THE STARS
BOOG-IT
27163 — SAY «SI SI»
IN THE MOOD
28310 — MAKE BELIEVE BALL-ROOM TIME
MY BLUE HEAVEN
28315 — PENNSYLVANIA 6-5000
SWING NO TAPETE
28345 — I KNOW WHY
CHATTANOOGA CHOO CHOO
28367 — ELMER'S TUNE
DELILAH
28385 — EV'RYTHING I LOVE
BABY MINE
820083 — THAT OLD BACK MAGIC
A PINK COCKTAIL FOR A BLUE LADY
820086 — KALAMAZOO
AT LAST
820097 — ADIOS
UNDER BLUE CANADIAN SKIES
820109 — MOONLIGH BECOMES YOU
MOONLIGHT MOOD
820129 — SUNRISE SERENADE
MOONLIGHT SERENADE
820140 — YESTERDAY'S GARDENIAS
THE HUMMING BIRD
820160 — IT MUST BE JELLY
RAINBOW RHAPSODY
820165 — RHAPSODY IN BLUE
ALOND THE SANTA FÉ TRAIL
820174 — BLUE RAIN
CARIBBEAN CLIPPER
820247 — CANÇÃO DOS BARQUEIROS DO VOLGA
LITTLE BROWN JUG
820259 — BOULDER BUFF
THE BOOGLIE WOOGLIE PIGGY
820272 — I WANT TO BE HAPPY
FRENESI
820290 — PERFÍDIA
SPRING WILL BE SO SAD
820389 — BLUE ORCHIDS
BABY ME
820864 — SERENADE IN BLUE
ALWAYS IN MY HEART
820964 — I GOT RHYTHM
ON THE ALAMO
820976 — ANCHORS AWEIGH
VILIA

Em discos Long — (33'B) Playing

BKL-3003 — ISTO É GLENN MILLER VOL. 1 — «Johnson rag.», «My isle of golden dreams», «Côro dos ferreiros», «Beautiful Ohio», - «Pavanne», «Danny boy» e «Adios».

BKL-3016 — ISTO É GLENN MILLER VOL. 2 — «Dipper mouth blues», «April in Paris», «Are you rusty, gate», «Concerto para piano» - Tchaikowsky), «Fanhat stomp», «Sleepy lagon», «Introduction to a waltz» e «Intermezzo» Provost).

BKL-3024 — ISTO É GLENN MILLER VOL. 3 — «Sunrise serenade», «Bugle call rag», «Tuxedo Junction», «A string of pearls», «By the waters of Minnetonka», «Runnin' wild» e «Moonlight serenade».

BKL-3029 — MÚSICAS DO FILME «MÚSICA E LÁGRIMAS» — «Moonlight serenade», «American patrol», «In the mood», «Tuxedo Junction», «St. Louis blues», «String of pearls», «Little brown Jug» e «Pennsylvania 6-5000».

HIT PARADE

Segundo as estatísticas, aqui vão as dez melodias classificadas no mês de julho:

1º) «Quase» — C. Costa
2º) «Rio antigo» — A. Carrilio
3º) «Moolinght serenades» — G. Miller
4º) «1x1» — J. Pandeiro
5º) «Hello, bluebird» — T. Brewer
6º) «That's amore» — D. Martin
7º) «Oh» — K. Griffin
8º) «Chattnoog choo choo» — G. Miller
9º) «Pretend» — Nat Colé
10º) «Foi um sonho» — A. Maria

LETRAS SELECIONADAS

Abaixo publicamos a letra do bolero de Guido Mendina e Romeu Fernandez, «Recordando», gravado por Alcides Gerardi, o «astro» exclusivo do programa «Tudo aconteceu na vida», da Rádio Nacional:

**Na ansiedade de apagar
Da minha mente aquele vulto
Eu vou bebendo então escuto
A melodia do oculto
Nela revejo o meu passado
Triste passado que me mata
Entre goles e soluços
Mais a canção me maltrata.**

**Canção me vens recordar
Alguém que muito fiz chorar
Só tu podes compreender
A dor que mora em meu ser
Dôr que tanto causei
A quem muito me quis bem
Tudo mentira o que jurei
Perdão meu Deus... pequei!**

— o —

Agora, com exclusividade para todo o Brasil(fornecemos a letra do fox-canção de Scott Wiseman, «Tenderly he watches», gravado por George Beverly Shea:

**Tenderly he watches over you
Ev'ry step, ev'ry mile of the way
Like a mother watching o'er her baby
He is near you ev'ry hour of the day
When you're weak, when you're strong
When you're right, when you're wrong
In your joy and your pain
When you lose and when you gain
Tenderly he watches over you
Ev'ry step, ev'ry mile of the way.
Long before time began
You were part of his plan
Let no fear cloud your brow
He will not forsake you now.
These are days
When the world is uncertain
And the power of the atom unknown
But a far greater power up yonder
Ever watches and cares for his own.**

MÚSICAS DIVERSAS

Enquanto estiver em maus lençóis com as autoridades da imigração dos Estados Unidos, o famoso «astro»-cantor Dick Haymes não quer saber de gravações. Aliás, há 7 meses precisos que êle não grava um disco sequer. ★ A Atma Paulista contratou os serviços do conhecido produtor Teófilo de Barros que,

dentro de um mês, deverá iniciar uma série de gravações para os discos Mirim. ★ Um dos melhores e mais modernos conjuntos vocais brasileiros — «Os Cariocas» — acaba de ser contratado pela Continental por uma temporada de dois anos. Como vêem, fica assim mais reforçado o «cast» dessa etiquêta. ★ Carmélia Alves e Jimmy Lester muito vêm agradando em suas apresentações na Argentina. ★ Tão depressa regresse da excursão artística que está realizando na Europa e na Ásia, o comediante-cantor Danny Kaye iniciará seu trabalho na nova comédia em técnicolor (Vista Vision), intitulada «O bôbo da côrte» (The court Jester). ★ A «estrêla»-cantora Rosemary Clooney está celebrando, em Hollywood, o seu 1.º aniversário de casamento. ★ Enquanto isso, Betty Grable e Harry James celebraram o 11.º aniversário de casamento.

A MÚSICA DO LEITOR

EDUARDO TORRES — (Rio) — Gratos pelas referências. Queira anotar a letra da maravilhosa melodia de Glenn Miller, com palavras de Mitchell Parish, intitulada «Moonlight serenade», que ouvimos no filme da Universal-International, «Música e lágrimas»:

Don't let me wait
Come to me, tenderly
In the June night.
I stand at your gate
And I sing you a song
In the moonlight,
A love song, my darling,
A moonlight serenade.
There in the moonlight
A lovely moonlight
You first said «I love you»
You promised ever
We be together; always singing
A love song, my darling,
A moonlight serenade.

— o —

ANTONIO M. SOARES — (São Paulo) — Aqui estamos para servir aos aficcionados dos ritmos da Broadway. Fornecemos-lhe a seguir a letra do fox «I ran all the way home», de autoria de Bennie Benjamin e George Weiss, gravado pela querida cantora de «blues», Sarah «tomic» Vaughan:

I ran all the way home
Just to tell you that I'm sorry
I really didn't mean
to be so mean to you.
I ran all the way home
Just to hold you in my arms, dear
I always want you near to me
Cause L love you.
The moment I closed the door
behind me
And heard you cry.
I knew I acted blindly;
That I couldn't say goodbye,
I ran all the way home
Just to beg you to forgive me.
I want your love to be my own,
Just mine alone.

— o —

MAURO D'ASSUNÇÃO — (Rio) — Conforme lhe prometeramos por telefone, aqui vai a letra da melodia apresentada no filme da United Artists, «Ingênua até certo ponto», intitulada «The moon is blue», de autoria de Herschel Burke Gilbert e Sylvia Fine, gravada por Doris Drew:

Money grows on trees,
Th desert starts to freeze,
Cats converse in perfet pekinese
And sometimes a dream liks you
comes true,
Now and then when the moon is blue.
So, perharps, could be
that ordinary me
Stands a chance with extra
special you.
They tell me that miracles
come thru',
Just terrif' if the moon is blue,
I'm in your spell
And folks are talking
They might as well;
Can't be denied,
How can I hile the fact
that I go walking
With both my feet ten feet
above the side walk.
Now I think I see
A taxi up a tree.
A lamp post and a spanied
drinking tea
So tell me that you can see it too,
A month of sundays
coming up in June
Because the moon is blue.

RITMOS GRAVADOS
Na Capitol

Nat «King» Cole, muito aplaudido nos discos, mas indesejável quando surge nas télas, apresenta-se com mais duas interpretações que agradam aos «fans» menos exigentes. São elas: «Walkin' my baby back home» (Caminhou meu bem de volta ao lar)), de Roy Turk e Fred E. Ahlert, e «Funny» (Engraçado), de Price, Neil e Broughton. A primeira, sob o acompanhamento da Orquestra de Billy May; a segunda — uma balada agradável — com acompanhamento da Orquestra de Pete Rugolo.

— o —

Apesar dos pesares (...), gostamos muito da gravação de «From here to eternity» (Daqui para a eternidade), bonita melodia de Freddie Karger e Robert Wells, do filme do mesmo nome, da Columbia, emprestada pela famosa voz de Frank Sinatra. Na outra face, outra boa gravação: «Anytime-Anywhere» (Em qualquer tempo e lugar), de autoria de enny Adelson e Imogene Carpenter. Enfim, os apreciadores incondicionais de Sinatra estão de parabens!

— o —

Outro bom lançamento da etiquêta em epígrafe — «Mammy's boogie», de Les aul, com êste fazendo «misérias». Na outra face, vamos encontrar, na interpretação do casal Les Paul & Mary Ford, «Bye bye blues», de autoria de Hamm, Bennett e Dewn.

— o —

Os apreciadores de fantasias estão bem servidos com as gravações de «Body and soul», de Green, Heyman, Sour e Eyton, e «Alone together», de Arthur Schwartz e Howard Dietz, por Jackie Gleason e sua excelente Orquestra. Solo de trumpete por Bobby Hackett.

Na Sinter

Ficamos entusiasmados com as «performances» do notável organista Steve Bernard, quando ouvimos suas gravações de «Blue canary», fox de Vic Florino, e «Corruira saltitante», chôro de Lina Pesce. E Haroldo Eiras, seu descobridor, acha que êle — Steve Bernard — é «o maior organista do mundo!»... Assim, também, é demais...

— o —

Na Musidisc

Seleção musical inserida no «Long Playing» intitulado «Um piano dentro da noite», agradável, por sinal: «Cabelos brancos», «Tu» e «Feitiço da Vila» (H. Martins, A. Barroso e N. Rosa); «Oración caribe», «Índia» e «Usted» (A. Lara, J. A. Flores, M. O. Guerrero, G. Ruiz e J. A. Zorilla); «Dia de sol», «Casinha da colina» e «Nova ilusão» (L Brito, L. Bittencourt e J. Menezes); «Nem eu», «Sertaneja» e «Três apitos» (D. Caymmy, R. Bittencourt e N. Rosa); «Amélia», «Alguém como tu» e «Maringá» (A. Alves, M. Lago, J. Amorim, J. M. de Abreu e J. de Carvalho); «Se eu morresse amanhã», «Foi ela» e «Menino grande» (A. Maria e A. Barroso); «Não troquemos de mal», «Chá para dois» e «Auf wiedersehen» (R. Brito, J. Faraj, L. Caesar, V. Youmans e E. Storch); e, na última faixa da face «B», encontramos «Na madrugada», «Mulher rendeira» e «Rancho Fundo» (Autores: Nilo Sérgio, arranjo, e Ary Barroso).

Na Copacabana

Olivinha Carvalho, agora dedicada, exclusivamente, às músicas portuguesas, apresenta-nos, em seu novo disco, o fado-fox de Raul Ferrão e José Galhardo, «Adeus!», e o «slow» de autoria de Al-[illegible] Coêlho Filho, «Cartas de amor».

— o —

Ana Esmeralda, nova contratada da

(Conclui na página 59)

7ª ARTE

POR VAN JAFA

II SEMANA DO CINEMA BRASILEIRO NA BAHIA

Impressões

FOI um acontecimento de comprovado êxito a Segunda Semana do Cinema Brasileiro na Bahia. Mesmo a despeito de certos aspectos negativos, como a falta de entendimento com a imprensa local, falada e escrita, o sucesso foi esmagador e os aspectos positivos do certame são visíveis a ôlho nu. A Bahia viveu dias de encantamento, com suas ruas quatrocentonas povoadas de estrêlas. Na amável Salvador, os programas sucederam-se com brilho e entusiasmo. Hospedados no Hotel da Bahia, o Hotel mais amável do Brasil e um dos mais bonitos do mundo, a constelação cinematográfica composta de artistas, técnicos e jornalistas especializados, agitou a velha e sempre nova Bahia por tôda uma semana. Cercados de prodigalidades da proverbial hospitalidade baiana, os componentes do certame viveram horas indeléveis na minha Bahia. Eu mesmo, retornando nove anos depois, fui alvo de manifestações carinhosas de amizade e admiração. Artistas como José Lewgoy, Anselmo Duarte e Fada Santoro foram consagrados pela preferência do público, afirmando uma popularidade esmagadora. E êste foi o maior êxito do "festival": constatar a aceitação do público pelo cinema brasileiro. Esta foi uma semana de publicidade positiva e sadia, feita a vivo, onde se pôde verificar o interêsse que nosso cinema tem despertado no



Maria Fernanda foi um sucesso completo na Bahia

nosso povo, malgrado a quantidade de maus filmes. Foram exibidos os filmes inéditos em Salvador — "Chamas do cafezal", de José Carlos Burle, "Nem Sansão nem Dalila", de Carlos Manga, e "Carnaval em Caxias", de Jorge Ileli e Paulo Wanderley.

Os cinemas, prestigiando esta II Semana, lançaram várias fitas nacionais, como "Fatalidade", "O craque", "Três recrutas" e "O destino em apuros". Além da publicidade sadia realizada em prol do cinema da terra, o Dr. Jaime Pinheiro aproveitou o ensejo de regular a lei de obrigatoriedade da fita nacional, para que seja cumprida pelo cinema nativo, constitui um dos pontos altos dessa festa de brasilidade. A Bahia foi um cenário inesquecível e os artistas, técnicos e jornalistas retornaram enamorados pela boa terra. Não posso deixar de assinalar a presença de beleza, elegância e mocidade de Maria Fernanda, que, integrando a Companhia Dramática Nacional, ora em Salvador, emprestou o brilho de sua personalidade às festividades cinematográficas, como estrêla que também é de cinema. Também não podia deixar de registrar a fidalguia da hospedagem oficial e da vitória do Sr. Joaquim Menezes ao realizar com pleno êxito a II Semana do Cinema Brasileiro na Bahia.

★

"Música e lágrimas"

(THE GLENN MILLER STORY

Universal-Internacional — Direção de Anthony Mann — Cenário de Valentine Davies e Oscar Brodney — Fotografia de William Daniels — Direção musical de Joseph Gershenson — Tecnicolor — Produção de Aaron Rosenberg.

"A história de Glenn Miller", que foi



James Stewart e June Allyson

batizada de "Música e lágrimas", não dá a medida justa do que deveria ser uma biografia dramática sôbre o festejado compositor e músico americano. De início, não foram felizes na escolha do "script". O cenário de Valentine Davies e Oscar Brodney tinha por obrigação fixar-se na música de Glenn Miller,pa rtindo daí para os episódios de sua vida. Nesse caso, seria aconselhável o retrospecto. Como foi apresentado, e sem a devida dramatização, a fita se perde num meio tom de quase indiferença e tudo fica monótono, sem ritmo, sem entusiasmo. A história de Glenn Miller é a história de um homem que lutou e venceu. É um exemplo de fôrça de vontade, de fé em si mesmo e de amizade. Mas tudo, mostrado a frio, não consegue emocionar o espectador. James Stewart não tem uma "performance" marcante. June Allyson passa neutra. Henry Morgan, o amigo pianista, Charles Drake, George Tobias, o que lhe dá o dinheiro para criar sua orquestra, Barton Mac Lane, Sig Rumani e outros completam o elenco. São convidados especiais Frances Langford, que aparece loura, Louis Armstrong, Gene Krupa, Ben Pollack, etc. A direção de Anthony Mann é fria, quase vazia de emoção e sem fôrça interior. Os grandes instantes da vida de Glenn Miller não foram devidamente dramatizados. Anthony Mann não era em absoluto o diretor indicado para o gênero. "Música e lágrimas" pode ser visto, apesar de deixar muito a desejar.

★

"Sangue da terra"

(BLOWING WILD)

Warner Bros — Direção de Hugo Fregonese — Cenário de Philip Yordan — Fotografia de Sid Hickox — Música de Dimitri Tiomkim — Produção de Milton Sperling.

Francamente, de há muito não vejo fita tão medíocre, com valores tão positivos. É um dêsses casos em que fica patente a importância de um bom "script" para no mínimo realizar-se uma fita inteligentemente bem feita e limpa, sem ascender ao extraordinário. Mas êsse "Sangue da Terra" é de todo impraticável cinematograficamente. O cenário de Philip Yordan, um dos mais competentes "screenwriters" do cinema americano, responsável por sucessos como "Núpcias de escândalo", "Sangue do meu sangue", ou, mais recentemente, "Chaga de fogo", que fez de parceria com Robert Wyler, tem em "Sangue da Terra" um desastre total. A fita começa sem história, depois envereda por um velho tema de dramalhão passional que dá pena. A direção de Hugo Fregonese, um argentino que tem feito carreira em Hollywood, onde realizou com certa elegância "Meus seis criminosos", não adiciona coisa alguma de nada. Sua direção é vazia e sem entusiasmo algum. Nem mesmo a música de Dimitri Tiomkim consegue "dramatizar" a história. Quanto à sua balada, soa como uma nota postiça na fita. Gary Cooper, velhíssimo, continua insistindo em ser galã, o que é de todo impossível. Êle parece mais avô das estrêlas. Bárbara Standwick, mal maquilada, é obrigada a representar uma personagem caricata, resto de uma dezena de personagens no gênero. Ruth Roman, coitada, prejudicada na sua beleza e ainda por cima sem papel, o que é pior. Anthony Quinn nada também tem a fazer, além de uns beijos de apache. Ward Bond, completamente marginal, e Juan Garcia é o chefe dos bandidos. "Sangue da terra" é uma das piores fitas dêstes últimos tempos de vacas magras.

★

"Cavalgada de paixões"

(WAIT TIL, THE SUN SHINES NELLIE)

20th Century Fox — Direção de Henry King — Cenário de Allan Scott — Adaptação de Allan Scott e Maxwell Shane — Baseado numa novela de Ferdinand Reyher — Fotografia de Leon Shamroy — Música de Alfred Newman — Tecnicolor — Produção de George Jessel.

Sinceramente, esperava uma fita mais amadurecida sôbre o nascimento e os dramas da "town" Sevillinois. Tudo levava a crer que iria ver um espetáculo de inesquecível beleza. Contudo, nunca fui muito do parecer que Henry King fôsse indicado para o gênero. Não que o veterano Henry King não possua méritos nem tenha dado provas da sua habilidade, ou mesmo talento. Mas, para uma fita cujo valor mais alto repousava no sentimento, por certo, que Henry King não era o mais indicado. A singela novela de Ferdinando Reyher primeiramente foi adaptada por Allan Scott e Maxwell Shane para, sôbre essa adaptação, ter Allan Scott escrito o cenário definitivo. O retrospecto é, cinematograficamente, bem conduzido, mas a direção (discreta e segura) por vêzes fraqueja. Contudo, tanto o cenário de Scott como a orientação de King possuem a virtude maior de tirar o caráter de melodrama para "menina e moça". A fita é conduzida com certa inteligência, mas faltou sentimento (ah! que

(Conclui na página 57)

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL



Mário Sérgio e Inesita Barroso em "É proibido beijar", da Vera Cruz-Colômbia



Ricardo Bandeira, que vimos em "A família Lero-Lero"

CASSIA FLOR DA NOITE FÃ DE MARLENE



RESPOSTAS ÀS LEITORAS

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a MARION. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7.

Queiram juntar aos pedidos de modelos a data completa do nascimento para o horóscopo.

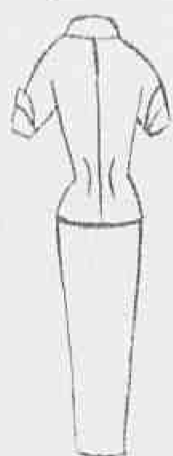
CASSIA SILVEIRA — S. Paulo — De linhas sóbrias mas elegantes é êsse figurino que escolhi para a sua lã. Seu estudo: Inclinação para as artes e outros estudos em geral. Você deve aprender línguas e dedicar-se ao magistério se não quiser escolher uma carreira artística. Há uma certa incerteza na sua maneira de agir, na maioria das vêzes por pessimismo ou falta de confiança em seus próprios méritos. Gosta de viajar e encontrará oportunidades para conhecer outros países. E' preferível que você não se apaixone. Guie-se mais pelo cérebro. Aprenda a raciocinar até mesmo para decidir questões sentimentais. Procure ser sempre amável combatendo a irritabilidade natural de seu gênio. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de setembro e 22 de outubro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 24 de julho e 23 de agosto, 22 de março e 21 de abril.

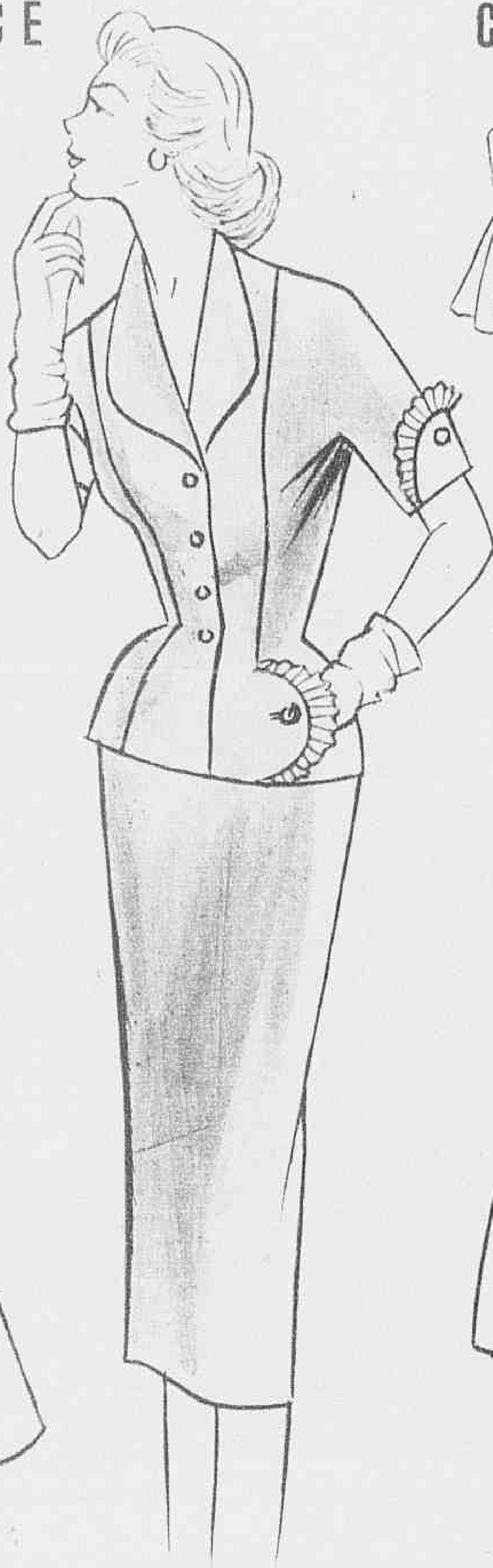
FLOR DA NOITE — B. Horizonte — Um original avental com bolsos e uma gola bordada contornando o amplo decote dão muita graça a êsse lindo vestido para a tarde. Horóscopo: Você não é muito expansiva. Possui imaginação fertil e gosta de fazer castelos no ar. E' preciso porém cuidar mais sèriamente da vida para poder realizar a metade daquilo que sonha. Seu humor mutável e caprichoso desnorteia as pessoas com as quais convive. Seja mais firme, mais perseverante. Sua vida familiar é tranquila. Você é dedicada aos seus e procura fazê-los felizes. Há probabilidade de grandes melhorias para o futuro se você encaminhar sua vida por um rumo mais prático. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de outubro e 21 de novembro, 20 de fevereiro e 21 de março, 21 de abril e 20 de maio.

FÃ DE MARLENE — Rio — Você tem razão: para quem trabalha fora nada mais prático que um bonito costume. Que tal êsse modêlo? Seu estudo: Você é gentil, generosa, afeiçoada e constante. E' um tanto indecisa em relação às opiniões e aos atos. Muda portanto de idéia com muita facilidade, embora por uns tempos a defenda calorosamente. Poderá ter alguma complicação com pessoas de sua família. Há perspectiva de grandes melhorias e elevação social. Por intermédio de pessoas amigas virá a conhecer seu futuro noivo. Muito cuidado com as viagens marítimas que lhe serão perigosas e pouco aproveitáveis. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 24 de julho e 23 de agosto, 22 de maio e 21 de junho, 23 de novembro e 21 de dezembro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro.

MELANIE DORALICE CIGANA











MELANIE — Petrópolis — Eis um gracioso modêlo para a seda que possui. Seu estudo: Disposição ativa, entusiasta, veemente. Fôrça de vontade forte, porém variável. Procure ser mais gentil, cultive as maneiras delicadas. Suas qualidades principais são a prudência e a premeditação. Dificilmente agirá sem refletir. Por seus próprios méritos conseguirá uma boa situação. Algumas viagens curtas. Contrariedades em família. Intrigas de falsos amigos. Quando tem raiva de uma pessoa não a perdoa. Pouca firmeza em relação aos namorados. Sofre muito a influência dos outros nesse sentido. Estará sujeita a acessos de tristeza que a isolam do convívio social. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de agosto e 22 de setembro, 21 de abril e 20 de maio, 20 de fevereiro e 20 de março.

DORALICE — Santos — Êsse costume de seda, guarnecido com plissés, pode ser incluido no seu guarda-roupa. Horóscopo: Você possui um excepcional espírito prático que muito a auxiliará a vencer na vida. Tem grande disposição para o comércio. Como é ambiciosa e não desanima mesmo diante das maiores dificuldades, fácil lhe será garantir seu futuro. Sua felicidade matrimonial depende muito do caráter de seu futuro marido. Seu signo é favorável às viagens. Você aliás é mais feliz longe do lugar em que nasceu. E' provável que você mais tarde se dedique ao espiritualismo, embora suas tendências materialistas sejam atualmente bem sensíveis. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de abril e 20 de maio, 22 de dezembro e 20 de janeiro, 21 de junho e 21 de julho.

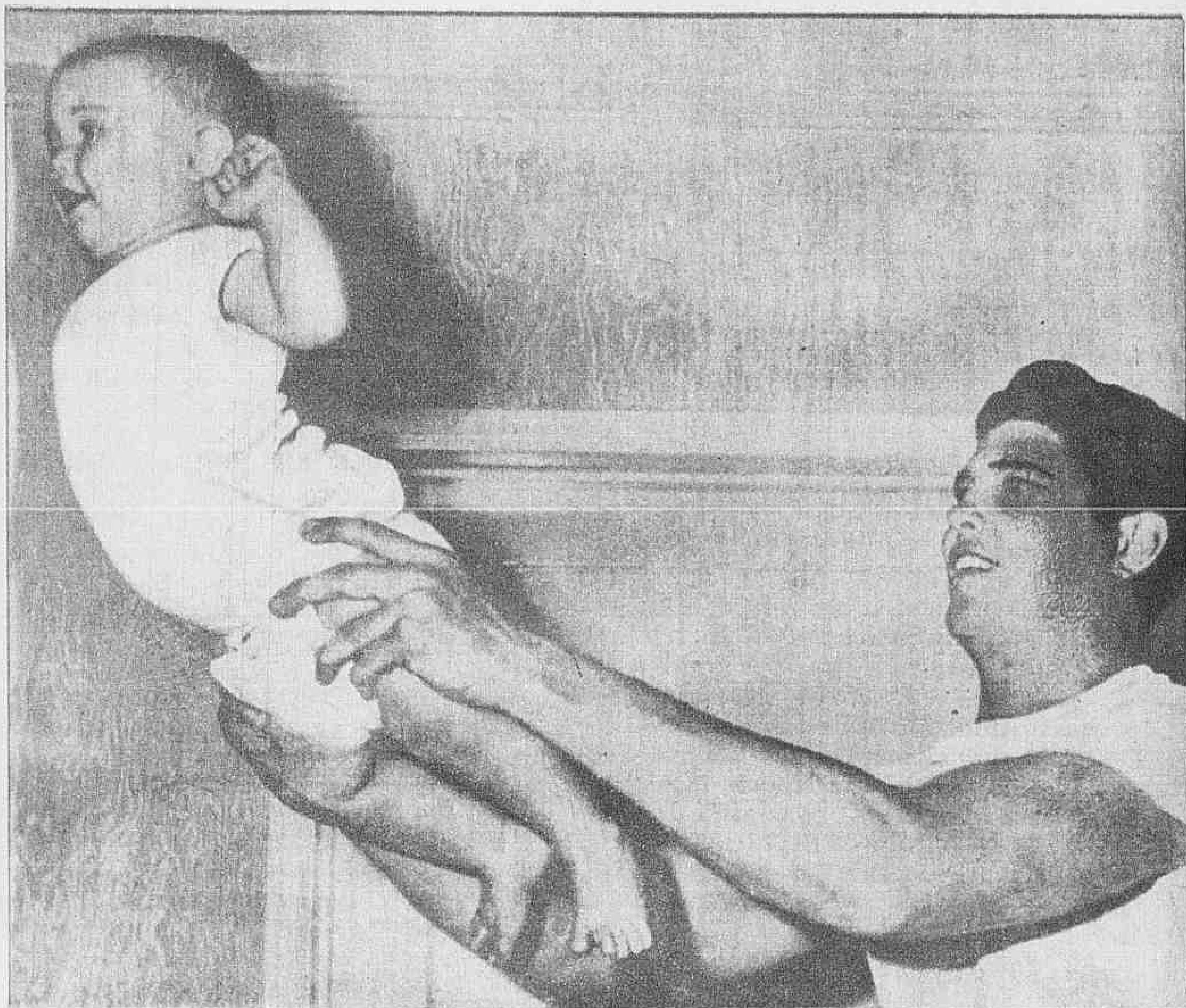
CIGANA DO MEIER — Um grupo de pregas adornam a blusa dêsse figurino que escolhi para o seu tecido. O fôrro deve ser de tafetá. Horóscopo: Você é inteligente e colherá bons resultados de seus trabalhos. E' ambiciosa, econômica e perseverante. Valiosas qualidades para quem deseja vencer na vida. Você aos poucos, sem fazer propaganda ou estardalhaço vencerá. E' necessário ter muita firmeza e não dar ouvidos a pessoas que fingem ser suas amigas. Tenha mais firmeza em assuntos amorosos. Será mais feliz e dará mais tranquilidade àqueles que lhe querem bem. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de abril e 20 de maio, 20 de fevereiro e 20 de março, 23 de outubro e 21 de novembro.


FINAL
A NOITE no lar
Pela sua linguagem clara, escoimada de inconvenientes, pela informação fiel, pelas seções escolhidas, pela ilustração sugestiva, A NOITE é o jornal de grande aceitação nos lares brasileiros, onde já se consagrou, inclusive porque elegeu e premiou "A MELHOR DONA DE CASA" e mantém seções que colaboram com a mulher.
Por isso, é decisiva a influência publicitária de A NOITE junto das senhoras. E as senhoras, segundo estatística, por sua vez influem em noventa por cento do total das compras feitas no Brasil.

FLAGRANTES MUNDIAIS



A jovem parisiense Denise Dax, um dos últimos **grandes sucessos** de «femme-nue» no Teatro Etoile.



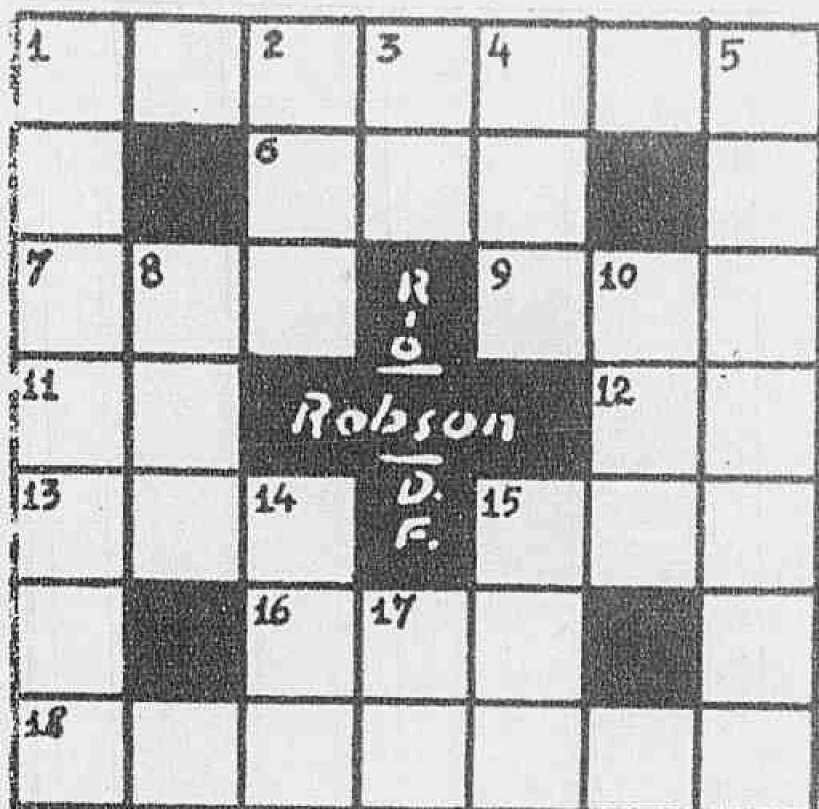
Desde muito cêdo êsse garôto vem sendo iniciado nos exercícios físicos. O «bebê» nasceu na Itália e, como se vê, está bem fortinho.

Rita Gam exclama: os jogos estão feitos, mas o **Destino continua** mudo.





A «vedette» Anne Vernon e o seu marido Louis Jourdan. Foi um beijo de despedida quando o marido partia em viagem, mas um beijo que não tem nada de convincente.



Para seu RECREIO

POR WILSON COUTO

PROBLEMA ROBSON

CONCEITOS HORIZONTAIS

1 — Bisavó do marido ou da mulher em relação ao outro cônjuge. 6 — Cólera. 7 — Espécie de peneira. 9 — Interj. Imitativa de pancada ou designativa de Andava. 12 — Pronome pessoal. 13 — procedimento rápido ou decisão. 11 — Grito de dôr e as vezes de alegria, plural. 15 — Abismo. 16 — Época. 18 — Desgastamento do litoral pela ação do mar.

CONCEITOS VERTICAIS

1 — Árvore da família das Terebintáceas. 2 — Sinhá. 3 — Suf. designa o autor. 4 — Medida de extensão, na Índia. 5 — Contrário a razão, ao bom senso. 8 — Genitor. 10 — Gênero de formigas a que pertence a saúva. 14 — Tornar-se. 15 — Conj. designativa de oposição ou restrição. 17 — Sol dos antigos egípcios.

Soluções dos problemas ao número anterior . . . .

PROBLEMA FERNANDOPILIS

HORIZONTAIS: Artesa — Erar — Mar — Ir — Ar — Boi — Dama — Arauna.

VERTICAIS: Armada — Arar — Ter — Ma — Er — Baú — Arriba.

PROBLEMA ROBSON

HORIZONTAIS: Clave — Eiras — Áz — Na Eivas — Orago.

VERTICAIS: Cetáceo — Li — Ir — Ara — Uva — Vá — Ag — Esparso.

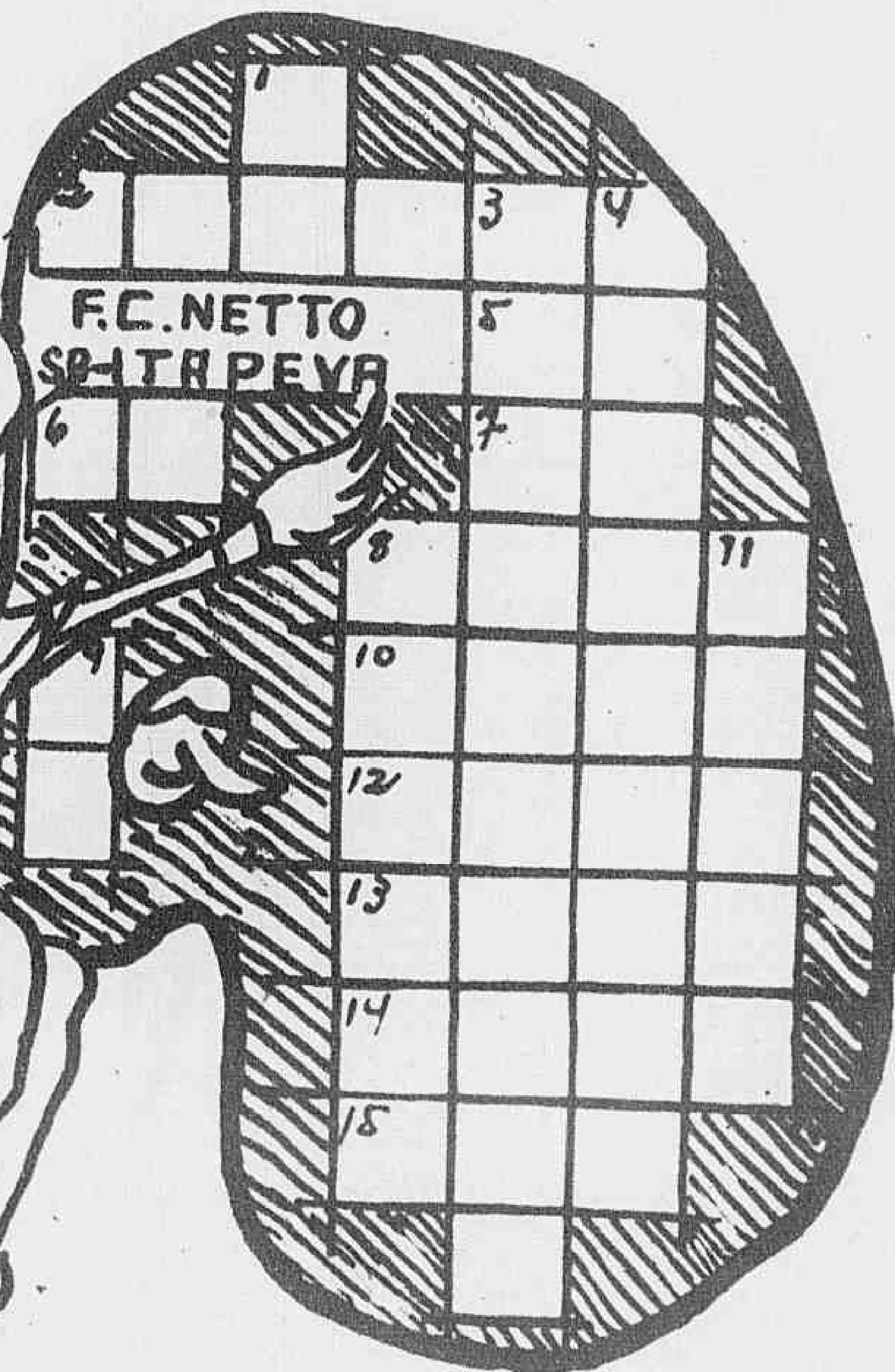
PROBLEMA BARRETO

HORIZONTAIS: Luar — Isca — Lacre — Ir — Soa — Sim — Ara — Postumo — Par — Evo — Ar — Uru — Al —, Amaro — Obra — Asno.

VERTICAIS: Lais — Paço — Ripar — Al — Mó — Ar — Rás — Uma — Costura — Ira — Ura — Sé — Ame — Es — Trova — Atua — Óleo.







PROBLEMA BARRETO

HORIZONTAIS — 1. Zomba — 5. Cavar — 6. Galho — 7. Navegam — 8. Rente; nivela.

VERTICAIS — 1. Residir — 2. Taba de índios — 3. Glórias — 4. Cheiro.



PROBLEMA NETTO

HORIZONTAIS — 2. Mastigar sem engulir — 5. Base — 7. Medida intinerária chinesa — 8. Referência a um trecho ou a uma opinião autorizada — 6. Soberano da Pércia — 10. Levantem; ergam — 12. Querido — 13. Substância gorda, de composição análoga a do eter e do alcool — 14. Do verbo rir — 15. Ovário de peixes.

VERTICAIS — 1. Existes — 3. O mesmo que aplicável — 4. Repetida — 8. Nome de homem — 9. Gesto — 11. Amalgue.

PAULO CUOCO

H. PEREIRA DA SILVA

A exposição de F. C. Paulo Cuoco, realizada no saguão do Museu Nacional de Belas Artes, é um acontecimento artístico que merece mais do que um simples registro informativo.

Paulo Cuoco pertence à geração dos bons pintores paulistas, que têm em Ubirajara Campos, Castellani e Dario Mecatti os seus representantes mais expressivos na escola acadêmica. Sua pintura, porém, não revela nenhuma semelhança com a dos artistas mencionados. Os dois primeiros, intransigentes seguidores dos mestres clássicos, estão, por êsse motivo, mais distantes de Paulo Cuoco do que o último, um pintor que rigorosamente não se prende a escolas, embora se utilize de tôdas elas ao mesmo tempo.

Sem laços técnicos que os aproximem, são, contudo, êsses artistas, descendentes dos que, através dos séculos, procuram, cada um dentro da sua escassa ou imensa possibilidade, embelezar a eterna fealdade da existência humana.

As telas de Paulo Cuoco são vivas, exuberante é o colorido dêste artista, contraditório em relação a sua arte, no trato quotidiano. O temperamento do pintor, por mais que êle oculte, mistura-se às suas tintas, integra-se finalmente à sua palheta e, aos olhos do observador, transparece nitidamente nos seus trabalhos.

Essa é uma lei psiquica que nenhum criador poderá burlar. Alheio à vontade consciente do artista, o seu temperamento determina, aos poucos, a escolha das côres — linguagem simbólica dos sentimentos — que darão vida aos quadros.

Assim, tendo-se em mente que a obra de arte de modo algum deixa de exteriorizar o íntimo do seu criador, embora muitas vêzes essa exteriorização nos pareça absurda ou estranhamente paradoxal, poderemos sem grande dificuldade conhecer sentimentos secretos que agitam a personalidade interior deste ou daquele artista, o que nos facilita grandemente a interpretação da sua obra, seja ela de que gênero, qualidade ou escola fôr.

Quanto à de Paulo Cuoco, pelo menos nesta fase inicial, o que seus trabalhos revelam de psíquico permite-nos fazer um juízo, senão exato, aproximado do que o seu íntimo não pode conter quando pinta. Desse modo, nota-se, pelo vigor das tintas distribuidas com certa liberdade no espaço infinito de um curto pedaço de tela, uma ânsia de independência bastante significativa. Superficialmente, qualquer um diria que a sua fatura é impressionista, o que seria uma novidade tão antiga quanto o próprio impressionismo. Nós, como o temos demonstrado sempre que há oportunidade, não avaliamos a arte como o homem da cidade, o fruto, isto é, pela casca, mas sim, pelo conteudo, pela semente, a exemplo dos agricultores experimentados. O resultado que chegamos a conclusões pessoais que fogem à rotina crítica, desapontando, pela franqueza das nossas análises, não raro, aqueles que são objeto das mesmas. Em regra, o artista está habituado a duas espécies de crítica inteiramente superadas, sem razão de existirem em nossos dias caracterizados pelas sucessivas renovações artísticas. Queremos nos referir à crítica que elogia e à que, como se diz vulgarmente, toca a lenha sistemàticamente. Hoje o critico deixou de ser um bicho papão. Êle não intimida ninguém, nem aos ingênuos, seria o caso de se dizer, não fossem êsses pertencentes a uma das escolas mais audaciosas das artes plásticas.

Parafraseando Lavoisier, a crítica e a arte «são duas linhas paralelas» em busca da perfeição. Se, portanto, a arte toma, a todo instante, caminhos novos, como admitir que a crítica estacione? A perfeição, bem o sabemos, jamais será alcançada: duas linhas paralelas não se encontram e a perfeição estará sempre acima dos anseios estéticos de alguns homens; mas isso não impede que sonhemos com êsse encontro tão impossível quanto desejado.

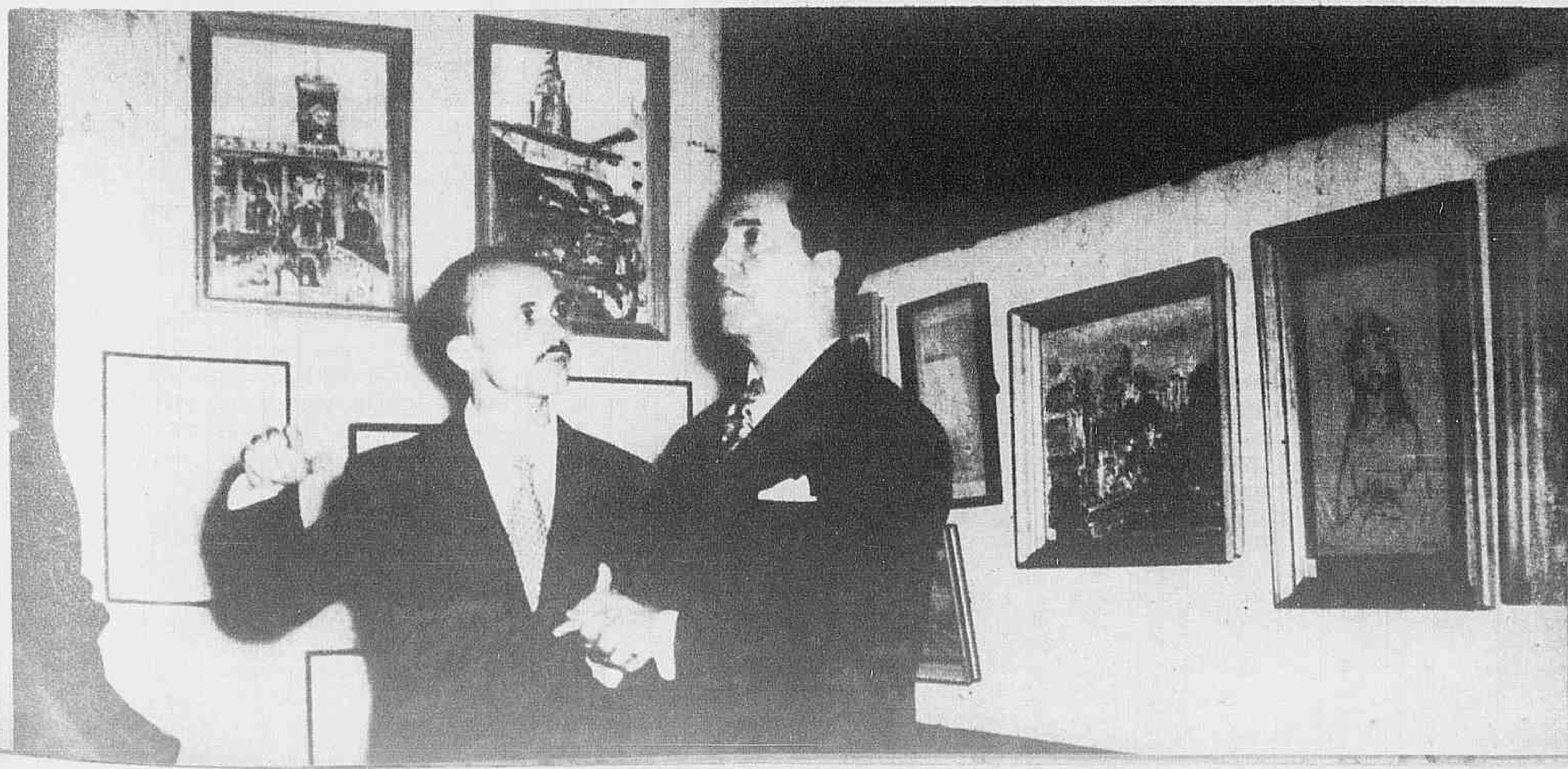
A criação é como o sonho: realiza o impossível. E a crítica, ao contrário do que possa parecer, não é um parasita da criação, mas a própria criação cristalizada por um processo de depuração emotivo e intelectual. E êsse processo visa, sobretudo, expor sem intenção de ferir, fragmentos intimos que, como mosaicos da alma, revelem o artista por dentro.

É êste o nosso objetivo agora que nos detemos em Paulo Cuoco, tal como o fizemos com outros. Quais as raizes psíquicas da sua arte? Inicialmente — e cremos que aí está tôda explicação da sua arte, embora sumàriamente — Paulo Cuoco tem muito de um «garoto» voluntarioso, tolhido nos seus movimentos como pássaro raro dentro de uma gaiola em que não falta nada, exceto liberdade. Filho de pais ricos, isto — percebe-se — coloca-o em posição delicada em face dos planos que alimenta de conquistar — as audácias de alguns dos seus quadros assim o indicam — independência absoluta.

Devido a estas considerações, Paulo Cuoco difere artisticamente da impressão que nos causa a sua pessoa. Há mais alegria nas suas telas do que nas suas palavras ou atitudes. Na verdade, estas são revestidas de um leve toque de tristeza que não escapa a quem do pintor se aproxima. Sua pintura trás a mensagem de um inquérito refreiado. Sente-se isso nas pinceladas nervosas, vibráteis, que emprestam às suas composições uma «fisionomia» diversa da pessoal.

Em sintese, são êsses os traços íntimos que a arte de Paulo Cuoco fornece a crítica psíquica.

O pintor Paulo Cuoco ao lado do diretor do Museu Nacional de Belas Artes, no dia da inauguração da exposição do pintor e paulista



FLAGRANTES DA CIDADE



Luiz Severiano Ribeiro Junior

LUIZ SEVERIANO E A CRÍTICA

O nome de Luiz Severiano Ribeiro Junior esteve em foco na recente Semana do Cinema realizada na Bahia. E' verdade que êle não compareceu ao Festival, mas funcionários da Atlantida, presentes em Salvador, desfecharam pelo microfone de uma emissora local um ataque vigoroso e veemente à crítica cinematográfica. A atitude dos porta-vozes da organização do Sr. Luiz Severiano envolve... naturalmente o seu nome porque não é de crer que os mesmos houvessem assumido uma tal atitude à revelia do seu chefe.

O CLUBE DA CHAVE

Os sócios do Clube da Chave — sem distinção de corrente — estão em atividade para fazê-lo retornar aos seus dias aureos. O Clube da Chave atravessa neste momento, como se sabe, um período de crise, mas tudo indica que as dificuldades acabarão sendo superadas. O C clube da Chave não pode desaparecer. Todo esfôrço deve ser tentado para o seu reerguimento e estamos certos de que a recuperação será conseguida. As correntes desavindas estão se harmonisando e procura-se agora uma fórmula que congregue a todos.

VANJA SEGUIU PARA ROMA

No Bandeirante, da Panair, que deixou o Rio na última quinta-feira, Vanja Orico seguiu para a Itália. A encantadora estrela do nosso cinema vai concluir em Roma as filmagens de uma produção brasileira chamada "Terra Proibida". A estada de Vanja será breve. Dentro em pouco te-la-emos de novo em nosso convívio para alegria de seus numerosos fãs.



Araçari de Oliveira

ARAÇARI, MARIA BONITA

Anuncia-se que vai ser feita uma nova versão cinematográfica de "Os Cangaceiros", desta vez em cinemascope. Neste sentido, Lima Barreto já estaria agindo e em grande atividade. Não serão, porém, os mesmos protagonistas. Milton Ribeiro fará o capitão Galdino, e Alberto Ruschel será o mocinho do filme. Mas o papel de Maria Bonita será entregue a Araçari de Oliveira. Lima Barreto prometeu, uma vez, que faria de sua jovem espôsa a maior artista do cinema brasileiro. Será essa, agora, a oportunidade?



Vanja Orico



Ary Barroso

A EXCURSÃO DE ARY

Ary Barroso já se acha de volta ao Rio, após a excursão empreendida com a sua orquestra por diversos lugares do Norte do país. Na Bahia o grande compositor brasileiro recebeu verdadeira consagração popular quando êle e seus companheiros se apresentaram em campo aberto diante de uma verdadeira multidão. Ary Barroso tem sido um constante admirador da Bahia, que vive em algumas de suas melhores e mais notáveis composições. O povo baiano não podia deixar de ser sensivel a tão espontânea simpatia e manifestou a Ary, na primeira oportunidade aparecida, o seu apreço e a sua gratidão.



DA NOITE PARA O DIA

DIAS ENCANTADORES NA CIDADE DO SALVADOR

Escreve MARLY SOREL
Rainha do Cinema Brasileiro
Especial para CARIOCA

TRAGO ainda nos ouvidos o som dos aplausos que recebi na Bahia. Jamais esquecerei o acolhimento que os baianos me fizeram e as gentilezas de que me acumularam durante os dias todos que passei em sua característica capital. Da sociedade, do govêrno, do povo, só tenho amáveis recordações e motivos de ser agradecida. Trouxe de Salvador uma coleção de faixas que minhas fãs me ofereceram com dizeres expressivos como êstes: Marly Sorel, Favorita da Bahia», «Marly Sorel, Rainha da Beleza», etc. E agora mesmo venho de receber pelo correio aéreo, a título de recordação, uma daquelas imensas faixas de pano que se colocam atravessando as ruas e onde se lê: «Salve, Marly Sorel, Rainha do Cinema Brasileiro». Minhas fãs não me deixavam. E eu muito alegre e satisfeita no meio delas. Muitas me tinham visto no cinema. E tôdas já me tinham ouvido cantar através la Nacional e da Mayrinck Veiga. Vivi um conto de fadas durante a minha estadia na cidade onde nasceu o Brasil. Desde de manhã as garotas me esperavam no saguão, no «living» ou nas imediações do Hotel. Assinei mais de mil autografos e dei outras tantas fotografias minhas. Por último tive a agradável surpresa de saber que estava fundado um Fã Clube com o meu nome. É ou não motivo para estar radiante com tôdas essas tocantes demonstrações de simpatia? E eis porque torno a repetir que os baianos são formidáveis e as minhas fãs baianas uns amores de pequenas.

*

Cantei várias vêzes em Salvador. Na Associação Atlética para a sociedade baiana. Ao microfone da Rádio Cultura e em «shows» populares diretamente para o povo. Fiz ainda uma pequena temporada na «boite» de Pituba, coroada, graças a Deus, de pleno sucesso. Pituba é um dos pontos mais pitorescos da capital baiana. E a «boite» que ali funciona, sempre bem frequentada, tem apresentado ao público baiano os grandes cartazes do rádio brasileiro que vão a Salvador. Minha estréia constituiu um acontecimento. Nas noites subsequentes recebi os mesmos aplausos e demonstrações de apreço à minha pessoa, que me deixavam confundidas.

*

Alguns dias depois de meu regresso ao Rio leio na brilhante revista, «Cruzeiro» uma reportagem, assinada por Mário de Morais, onde se faz referências à minha pessoa. Tenho uma vaga idéia de ter ouvido falar nêsse nome, uma noite no «hall» do Hotel, aonde alguém me perguntou quem era êle e eu não soube informar.

O «coitado» — deve ter lá as suas razões — escreveu uma série de coisas que não se passaram na Bahia. Indispôsse com o Joaquim Menezes, chefe da delegação, por motivo de hospedagem no Hotel, por conta do Festival, e resolveu então desancar a Segunda Semana do Cinema Brasileiro. Não posso dar maior importância às suas «piadas».

Sei que há gente com «dôr de cotovelo» por causa dos meus sucessos na Bahia. Querem negar a evidência? Mas isso não é possível. Quem tiver dúvidas leia os jornais de Salvador. «A Tarde» escreveu sôbre mim: «Marly Sorel, Rainha do Cinema e primeira figura feminina da delegação». E acrescentou «A linda Rainha possui na Bahia muitos admiradores», registrando a fundação do meu Fã Clube e o oferecimento que se me fêz do título de «favorita da Bahia». Outro grande jornal da terra, o «Diário da Bahia» publicou uma bela reportagem sob o título «Marly Sorel, a linda estrêla que conquistou o coração dos baianos». O «Diário da Bahia» escreveu ainda a meu respeito: «Desde os primeiros dias do Festival do Cinema Brasileiro que ora se realiza nesta cidade, as atenções se fixaram na jovem e linda Rainha do Cinema Marly Sorel». «Devemos aqui consignar que a presença de Marly confirmou integralmente o que dela ouviamos falar. E ràpidamente, com a sua graça, seu lindo sorriso, seu porte elegante, ela conquistou inteiramente a simpatia dos baianos». Disse mais o «Diário da Bahia»: «Marly Sorel é aguardada diàriamente por uma multidão de fãs que lhe pedem autografos. A bela estrêla tem recebido muitas homenagens, que ela de fato merece como uma grande figura do cinema e do rádio brasileiros. Assim com os seus encantos invulgares, Marly Sorel conquistou o coração da Bahia».

*

Transcrevo êstes elogios não por cabotinismo porque sou uma moça simples e sem vaidades, mas para mostrar como a imprensa baiana registrou a minha presença no Festival. E afinal que culpa tenho eu de ser tão querida? Também, em compensação, adoro êsse público todo que me aplaude.

FLAGRANTES DA RADIO NACIONAL



A simpática Neusa Maria e o popular cantor Albertinho Fortuna, num «show» popular realizado pela Rádio Nacional em Nova Friburgo

Por trás do Dial

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI, redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7, Rio.

FENÔMENO CAUBY PEIXOTO

Não é que tenham sido corifeus, mas, os cronistas do mesmo ofício que o meu sempre souberam e disseram, ao menos, em conversas grupais, que o nosso meio artístico ressentia-se do «diretor de publicidade». Tradução: os nossos artistas não possuiam ou não possuem alguém que zele por sua propaganda ou, melhor, não se dispõem a gastar um centavo com ela, quando (ela) só resultaria em lucros, já que o artista não deixa de ser uma mercadoria. Quanto mais anunciada, mais procurada.

Aconteceu o fenômeno Cauby Peixoto. Amigo seu, descobrindo-lhe virtudes e sabendo-o pobre, dispôs-se a ajudá-lo, usando dos sortilégios de sua influência pessoal e de sua alta posição na sociedade e no mundo dos negócios. Ao invés de aguardar que o tempo cristalizasse a fama de Cauby, resolveu triunfar sôbre êle, tomando as medidas julgadas cabíveis. Hoje, já não se pode, em sã consciência, ignorar o «fenômeno Cauby Peixoto». Sua fama está nos albores, indicando uma resplandescência, senão ofuscadora, no mínimo, intensa.

A celebridade expressa-se no assédio das fãs e no recebimento de cartas. Cauby, no mês expirante, está ultrapassando Emilinha Borba, fato que, em oito anos, nenhum artista da Rádio Nacional conseguiu. Já acolheu mais cartas que Marlene e quatro vêzes mais, em junho, e, provàvelmente, seis, em julho, do que Francisco Carlos, o campeão, como cantor, há dois ou três anos. Creio que isso significa alguma coisa.

Todavia, quando acontece o «fenômeno Cauby Peixoto», dois ilustres e brilhantes colegas, como os meus amigos Pascoal Longo e Roberto Ruiz, embora não negando o valor de Cauby — põem reticências na vitória do rapaz, exatamente porque, ajudando-o, está a propaganda que outros têm há muito tempo, sem ninguém a estimulando ou solicitando.

Costumam dizer-me, artistas estrangeiros e mesmo brasileiros, que estiveram no exterior, que, lá, a publicidade é quase tôda ela paga ou feita a troco de favor ou conveniências. O exemplo de Hollywood, da Broadway, dos grandes e poderosos centros de arte teatral, lírica e cinematográfica, como os de Londres, Paris, Nova Iorque, Buenos Aires, etc. destacadamente o cinema, dirigindo a propaganda de seus artistas — é da ciência de todos nós.

No caso, temos assuntos para crônicas, uma vibração no circulo radiofônico e o augúrio de que a nossa profissão tem dobrada magnitude, um respeito que, alguns, querem subtrair. Tem, ainda, a perspectiva de alargar os limites profissionais dos jornalistas, imprimindo, a seu mistér, a importância e gravidade que sempre tiveram, mas, só agora, realçadas com o tal fenômeno.

No nosso teatro, tivemos o fenômeno Salomé; lá fora, o de Marylin Monroe. Dois, apenas, para lembrar que a propaganda vale para impôr nomes... e não ficamos aborrecidos, com isso... porque só a Marylin valeu tudo, não acham ?

MIGUEL CURI

Notícias

César Ladeira vai licenciar-se da Nacional para ficar três meses em São Paulo, trabalhando em teatro — Nora Ney, Olivinha Carvalho, Bidu Reis, Zilá Fonseca, Julinha Silva, Elizete Cardoso, Ademilde Fonseca, Nadir de Melo Couto e Rosita Gonzalez são candidatas ao título de «Rainha dos Músicos». Quem desejar ajudá-las, é só comprar votos — Urbano Lóes deverá interpretar o papel de «Francisco Alves» na novela sôbre o falecido cantor, a ser transmitida pela Mayrink — Paulo Molin trocou a Tupi pela Nacional — O cantor Passarim do Norte gravou o côco «Cabra Valente», de J. Mendonça e Zé do Rancho, e o «Rojão Numerado», de J. M. e Zé Praxedes — «Quadros de uma Exposição» é o novo programa da Rádio Jornal do Brasil, às segundas-feiras, às 21,30, quando é lida uma peça teatral de autor brasileiro por atores e atrizes convidados — O Departamento de Relações Públicas criado pela Rádio Mauá, é dirigido por Reinaldo Fonseca, jornalista — Hoje, 27, aniversário de Iara Sales; 30, de Artur Costa Filho; 31, de Henriqueta Brieba.

Vamos trocar cartas?

Uma troca de cartas é sempre útil, mantida num plano alto. Inicie uma, escrevendo a um dos nomes abaixo ou, então, enviando-nos o seu, para publicação, acompanhado do cupão.

Cupão de inscrição

Isto aqui vale como um cupão. Mande-o junto com sua inscrição, na qual dirá porque pretende corresponder-se, dando, depois, o seu nome completo, idade, profissão, ocupação, endereço e, se os tiver, seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie êste cupão.

Damos, a seguir, o nome das pessoas desejosas de iniciar uma troca de cartas com os leitores da revista, acompanhados de seus dados pessoais e preferências, se as tiverem:

DISTRITO FEDERAL — José P. Cardoso, 27 anos, comerciário, cartas e postais; Av. Graça Aranha, 333-8.° andar, sala 803 — Daisy de Oliveira, 23 anos, estudante, filatelia e belezas arquitetônicas, com Br. e exterior; R. Ferreira Pontes, 471, Grajaú.

ESTADOS UNIDOS — Clifford Garvin, 17 anos, troca de moedas, em inglês; 405, East Market St., New Albany, Indiana.

CHILE — Pablo Neiman B., 19 anos, estudante, troca de revistas, mormente, em esp.; Matucana, 670, Santiago.

ANGOLA — Maria Manuela Neves, 18 anos, estudante, troca de moedas; C. Postal 132, Nova Lisboa — Manuel João e João Luiz, 21 anos, com moças; C. Postal 505, Luanda, África Ocidental Portuguesa.

PORTUGAL — **Maria de Fátima Magalhães, 26 anos, lit. luso-brasileira, etc. com maiores de 28 a 32, cultos; R. José Falcão, 66-1.°, Lisboa.**

PARÁ — **Rosa Maria Gonçalves, 17 anos, estudante; Trav. de Cintra, 119, Cidade Velha, Belém.**

PIAUÍ — **Nileide Arlete Araujo, 20 anos, estudante; R. Siqueira Campos, 409; Campo Maior — Ferdinando Martins, 18 anos, funcionária; C. Postal 16, Parnaiba.**

MARANHÃO — S. Luiz — William

S. Cavalcanti, 26 anos, estudante de filosofia, com academicas; R. Manoel Jansen Ferreira, 215 — Anélia S. Júnior, 19 anos, funcionária; R. da Carioca, 44, Olavo Bilac, Monte Castelo. Assim mesmo.

PERNAMBUCO — Recife — Olga Lustosa, 20 anos, professora, com maiores de 25; R. Benjamim Constant, 147, Torre — Maria Helena Maciel e Angela de Almeida Tavares, 17 e 18 anos, estudantes, em ing., fr. e esp.; R. Desembargador Altino, Primeira Transversal, 119, Varzea. Assim mesmo.

PARAIBA — Angélica Porto, 20 anos, professora, com maiores, do Sul; Vila Popular, 429, José Pinheiro, Campina Grande — Célia Maria, 24 anos, doméstica, com maiores de 25 de Recife, Rio e P. Alegre; R. Genseio Gambarra, 56, Cruz das Armas, João Pessoa.

RIO GRANDE DO NORTE — Teresinha Lucena da Silva, 19 anos, estudante, com militares; R. Alexandrino de Alencar, 660, Alecrim, Natal.

SERGIPE — Rosanne Figueiroa, 18 anos, estudante; R. Bararu, 411, Aracaju.

BAHIA — Araci de Oliveira, 20 anos, estudante; R. D. Agostinho Schmidt, 11, Salvador — Sandra Marcia Ferreira, 16 anos, estudante; Conselheiro Franco, 8, Feira de Santana.

ALAGOAS — Antonia da Silva, 18 anos, doméstica; R. Braulio Cavalcante, 62, Palmeira dos Índios.

MINAS GERAIS — Divina Garcia, 18 anos, doméstica; C. Postal 28, Inconfidentes, via Ouro Fino — Roberto e Ronaldo C. e Silva, 25 e 26 anos, contadores, com Rio, S. P. e Minas; C. Postal 558, B. Horizonte — Mauricio Silva, 19 anos, estudante; R. João Gomes, 62, Santos Dumont — Jane Maria de Castro, 23 anos, industriária; C. Postal 45, Curvelo — Antonio Silva, 20 anos, com maiores do Br., Port. e México; C. Postal 150, S. João Del Rei.

ESPÍRITO SANTO — Heloisa Helena Jeveaux, 15 anos, estudante; Praça Rio Grande do Sul, 26, Guaçuí — Selma Magalhães, 17 anos, doméstica, cartas e lapis de propaganda; R. Eugenio Amorim, 13, Cachoeiro de Itapemirim.

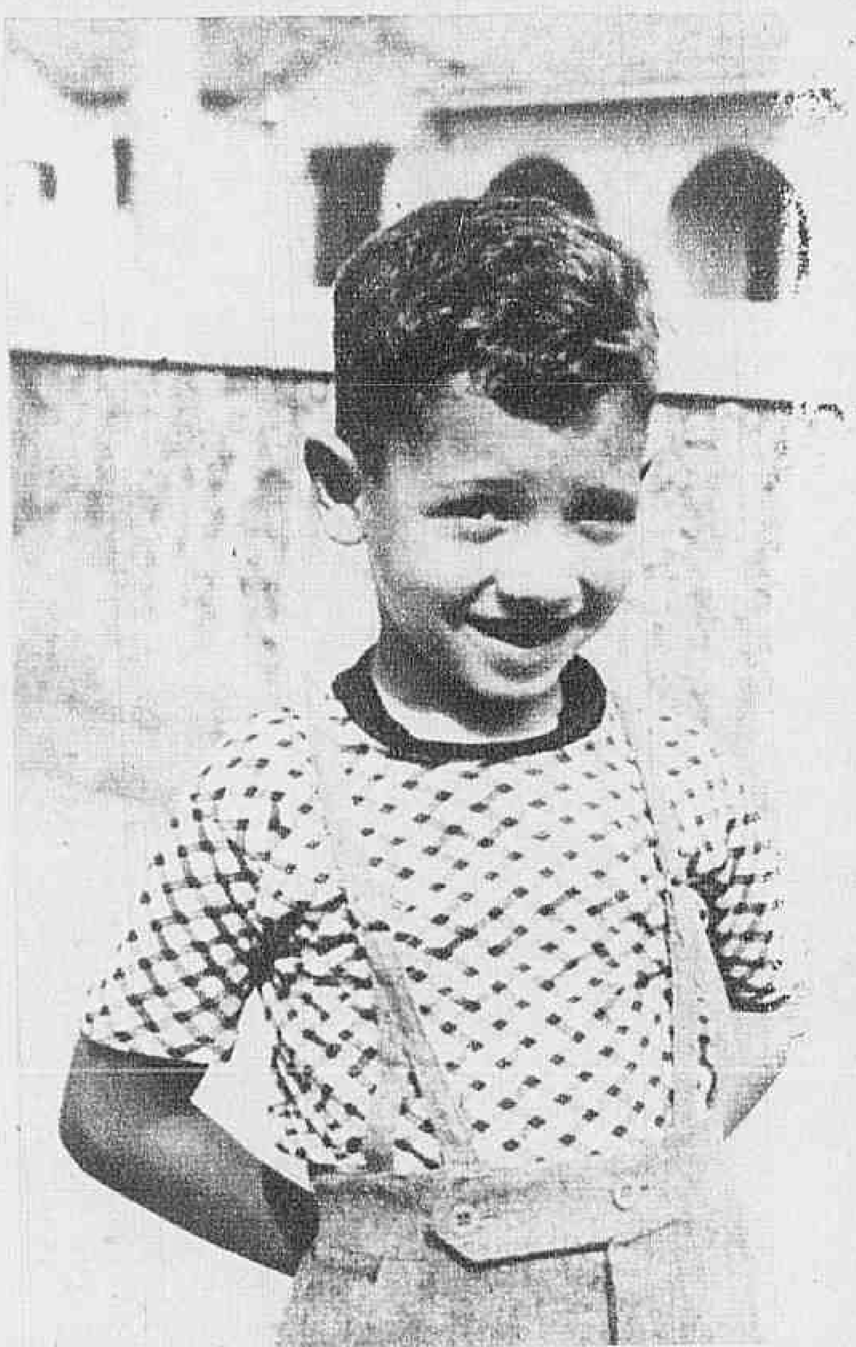
ESTADO DO RIO — Marize de Oliveira, 17 anos, estudante, com maiores do Estado e do D. Federal; R. Barão do Amazonas, 319 — Hiram Flores, com professoras e universitárias; Vila Benfica, Itatiaia — Ecy Cruz dos Santos, 23 anos, bancário, cine, teatro, esportes, lit. e música; C. Postal 44, Barra do Pirai — Joalice, Rosangela e Margareth Mendes Sereno, 17 anos, e Marlito e Joannyce M. Sereno, 15 e 16 anos, estudantes; R. Capitão Jorge Soares, 8, Vila Dr. Pita, Cantagalo — Julio Marcos de Souza, 19 anos, lit. e troca de estampas eucalol; R. Rodolfo Albino, 138, Cantagalo — Sandra Siqueira e Edir Costa, 26 e 18 anos, enfermeira e estudante, cartas e trocas; R. Silva Jardim, 54, Niterói.

SÃO PAULO — Zaira Moura e Solange Oliveira, 19 e 18 anos, comerciárias; C. Postal 74; Franca — Walter Roberto Carvalho e Marco Antonio Silveira, 22 anos, bancários; C. Postal 33, Barretos — César de Carvalho, 22 anos, estudante; Rua 22, n .956, Barretos — Paulo Isutomi e Antonio Cassimiro, 20 e 19 anos, funcionários; C. Postal 29, Pilar do Sul — Os nomes seguintes são da capital: Antonio Carlos Montani, 29 anos, rádio-ator, com moças do Rio, Minas, S. P. e Paraná, postais, esportes, lit. e fotos; R. José Bonifácio, 233-5.° andar, sala 505, a/c de Genilho Carlos — Jean-Jacques Júnior, economista, ciências econômicas, política, sociologia e filosofia; C. Postal 2.602 — Alcides dos Santos e Antonio Raimundo Iansso, 19 e 25 anos, motorista e mecânico, o segundo, com moças de côr; Av. Tiradentes, 441, Detenção — Edy G. Pereira, 2 2anos, tecelã, com S. P. e Rio; R. Cachoeira, 1.424, — Braz — Oswaldo Novaes, 16 anos, escriturário; R. Florêncio de Abreu, 357, apt. 28 — Vanê Passos, 19 anos, alfaiate; R. Libero Badaró, 651.

PARANÁ — João da Cruz e Silva, 20 anos, militar; Hospital Militar, Curitiba.

SANTA CATARINA — Elisabet Vieira, 15 anos; C. Postal 20-B, Criciuma — Edith Gomes, 25 anos, comerciária; E. Silva, 130, Itajaí — Nilde Estevão, 17 anos, estudante; R. Augusto Severo, 125, Tubarão — Marcilio César Krieger, 16 anos; C. Postal 21, Brusque — Miriam Japur, 18 anos, troca de revistas; R. Nunes Machado, 7, São Francisco, Florianopolis — Célia Rodrigues, 22 anos, datidografa, com maiores de 24 a 28; R. Trajano, 3, Florianópolis.

RIO GRANDE DO SUL — Sônia Eugen, 20 anos, com maiores; C. Postal 507, Erechim — Priza Deise Schmit e Cintia Dejane Boff, 14 anos, estudantes, com br. e uruguaios além de 15; Av. Rio Branco, 235, apt. 2, e 310, Caxias do Sul — Ilza Souza, 18 anos, estudante, com maiores de 25 de Minas, P. Alegre, S. P. e Rio; R. Farroupilha, 348, Cruz Alta, Stenio Moog, 23 anos, operário, com Br. e exterior; C. Postal 1, S. Leopoldo — Maria Cristina Aguiar, 25 anos; R. Tiradentes, 314, Pelotas — Ellen da Silva, 27 anos, professora, com oficiais militares além de 28; R. Farroupilha, 145, Cruz Alta.



Paulo Roberto Braga, completou 4 anos no dia 21 de julho. Por êsse motivo recebeu uma mesa de doces aos seus amiguinhos. Paulo é filho do casal Maria Regina da Silva Braga-Afrânio Braga



Carioca

EMPRÊSA A NOITE
PUBLICA-SE AOS SÁBADOS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.° and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil

★

Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA

★

Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00

ASSINATURAS:

Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias

12 meses .... **Cr$ 150,00**
6 meses .... **Cr$ 80,00**

OUTROS PAÍSES

12 meses .... **Cr$ 300,00**
6 meses .... **Cr$ 160,00**



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ......
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



O CARTAZ

CICERO ACAIABA, um nome que se projetou com fôrça rara entre os ouvintes, quer pela sua interpretação de rádio-ator, quer como novelista, sendo mesmo as suas produções das mais ouvidas entre os aficionados.

Mentalidade jovem, sonhadora, Cicero não encontrou nenhuma dificuldade em explorar a alma humana nos dramas por êle elaborados, e não só dos seus colegas, como dos seus diretores, o rapaz tem recebido merecidos elogios. Em atenção aos pedidos que nos chegaram por carta, é que trazemos hoje êsse «galã cínico» da Nacional para esta coluna, isto porque nos agrada fazer justiça e o criador de «Alfredo» de «Uma Sombra entre os Dois», e de «Miguel», em «Teresa, a Que Nunca Chorou», é também o «Alonso» de «Corações em Pânico».

Suas novelas que alcançaram grande sucesso foram: «Silêncio no Coração», um drama comovente que perdura ainda na lembrança dos ouvintes, «Corôa de Espinhos», «O Milagre da Esperança» e «Quando as Mulheres Odeiam», novela que continua no ar, prendendo a atenção dos corações românticos e ávidos de emoções.

Cicero avisa aos seus ouvintes que dentro em pouco será levada sua última novela, por enquanto: trata-se de «Uma Nuvem Cobre o Sol», que será musicada por Lourival Faissal e Getúlio Macedo, apresentando os cantores Nelson Gonçalves e Angela Maria. Por êstes dados, já podemos fazer uma idéia do que será esta nova produção de Cicero Acaiaba, o segundo «galã-cínico» da Rádio Nacional.

COMO

CARTAS SELECIONADAS

Presado senhor Paulo José — Sendo leitora de CARIOCA, principalmente de sua seção, venho, pela presente, dar minha opinião sôbre um cantor novo que bem merece uma oportunidade: Alberto Miranda. Nós, as admiradoras dêsse rapaz talentoso que é o cantor da Tupi, gostaríamos que os diretores daquela emissora lhe dessem melhor oportunidade de aparecer, porquanto êle bem merece, considerando sua personalidade sua classe como perfeito intérprete da nossa música popular. Espero que os diretores da Tupi venham a ler estas linhas, a fim de tomarem conhecimento, por seu intermédio, da existência de



CESAR CRUZ é um dos homens de rádio que começou sua vida do modo mais diverso. Era entregador de carvão, ao mesmo tempo que estudava piano. Enquanto carregava o carvão, ia compondo melodias. Foi assim que nasceu sua primeira composição, «Sóbe meu balão», que foi um sucesso de Aurora Miranda. De lá para cá, César foi ainda servente e encerador, antes de se tornar «astro» do cinema nacional, aparecendo com destaque em «Agulha no Palheiro»; musicou o filme de Alex Viany «Estouro na Praça», etc. O feliz autor de «Perdão» tem ainda muito que produzir e vem trabalhando para melhorar cada vez mais, o que fàcilmente tem conseguido.

PENSAM OS RADIO-OUVINTES

lberto Miranda, ou, pelo menos, do valor dêsse rapaz talentoso.

Agradecendo a possível publicação desta, saúda-o

WILMA — Rio.

—o—

Amigo e senhor Paulo José — Saudações — Venho pela primeira vez utilizar sua popular seção, para exaltar o valor de uma nova estrelinha da Tupi-Tamoio, Lana Bittencourt. Desde a primeira vez que ouvi sua voz rica de beleza, tornei-me um dos fãs mais ardorosos dessa «Sereia do Rádio». Lana não é sòmente uma grande cantora, é também linda, muito linda, mesmo.

Aproveito esta oportunidade para agradecer à «estrelinha» Lana a sua fotografia que me foi enviada, não só a foto, mas também as palavras carinhosas que teve a gentileza de me dirigir. Muito obrigado, Lana. Você começou com o pé direito no mundo da gravação, como deve ter sido em tudo quanto tem tentado, pois o «Samba da Noite» está maravilhoso. Eis porque me apresento fã ardoroso dessa cantora.

Desejando à Lana muitas felicidades e grandes sucessos, despeço-me, grato pela atenção.

S. W. Jabbour — Est. do Rio.

—o—

Sr. Paulo José — Aproveito mais uma vez a sua popular seção, para apresentar meus parabens a Ciro Monteiro, pela sua volta ao microfone. Nós, que nos lembramos dêle nos bons tempos, quando Ciro era seresteiro disputado pelas emissoras, estamos muito contentes de voltar a ouvi-lo com essa mesma voz deliciosamente rouca que empresta um colorido diferente às melodias que êle interpreta. Esperamos que Ciro se firme novamente e nos dê o prazer de ouvi-lo ainda por muitos anos. Com o agradecimento da leitora

ZÉLIA MARTINS — Rio.

—o—

Caro Paulo José — Quem escreve uma vez para a seção «Como Pensam Os Rádio-Ouvintes» volta a fazê-lo irresistivelmente, outra vez. Assim, aqui estou para dar minha opinião sôbre um cantor que está com uma grande «torcida» de auditório. Trata-se de Cauby Peixoto. Será que o entusiasmo dessas meninas de cabeças vasias não vai estragar o rapaz? Qualquer dia êle pensa mesmo

(Conclui na página 61)

O RÁDIO HÁ DEZ ANOS



GERMANO, que nasceu humorista, em entrevista relâmpago contava que, ao deixar os estudos, abrira uma camisaria, onde embrulhava as camisas e os fregueses. Depois, fizera o detetive particular e só apreciava seguir boemios que gostavam de teatros, cassinos e... sorvete.



MARILU conquistava todos os repórteres com sua simpatia, e os fãs com o seu talento artístico. Durante a guerra, a garôta confessara que desejaria fugir para muito alto, a fim de que não chegassem até ela os horrores do conflito que tanto a faziam sofrer.



RUI REI não tinha orquestra, mas começava a tomar o rádio de assalto, tanto que um cronista, ao fazer referências a sua versatilidade como cantor que valorizava tôda a música pan-americana, chamava-o de «Nuno Roland do Rádio». Hoje, Rui Rei tem credenciais próprias.

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio.

*

FRED CESAR — Rio — A) Em «Sally»: Marilyn Miller, Alexander Gray, T. Roy Barnes, Joe E. Brown, Jack Duffy, Ford Sterling, Pert Kelton e Nora Lane. Dir.: John F. Dillon. B) — Em «Sunny»: Marilyn Miller, Lawrence Gray, Joe Donohue, Mackenzie Ward, Judith Nosselli, O. P. Higgie, Barbara Bedford, Clyde Cook, William Davidson, Inez Courtney e Ben Hendrick, Jr. Dir.: William A. Seiter. C) — Em «Invernada»: Lupe Velez, Paul Cavanagh e William «Stage» Boyd. D) — A direção de «O último dos Moicanos» (ou «A senda dos Moicanos» — título com que a fita foi re-apresentada em versões reduzida e seriada) foi da dupla B. Reeves Eason — Ford Beebe.

*

CARLOMAR — Rio — Posso informar agora que W. Reid trabalhou em «Old Hidelberg» (Fine Arts — 1915), com Dorothy Gish e Eric von Stroheim. Falta-me o título brasileiro.

*

MÁRIO FERNANDES — Rio — 1º — O título original de «Bestas» é «War's Women». 2º — Parece que ela trabalhou num filme de Luiz de Barros, quando aqui esteve com a Companhia Ba-ta-clan, mas não tenho certeza. 3º — Sim, porém em filmes curtos. 4º — De «Expiação» não tenho; «Gloriana» é «Gloriana» mesmo. 5º — Não me recordo e faltam-me notas.

*

LENITA PERRELLI — Timbaúba — Cidade do México, México.

JACQUELINE — Rio — Sim, Shelley Winters e Vittorio Gassman fizéram um filme juntos, na Itália, antes do divórcio, isto é — a separação do casal — «Mambo», do qual a «estrêla» é Silvana Mangano.

*

FERNANDO OLIVEIRA — Santos — O filme «A trilha do destino» «Lorraine of the Lions) não pertence à série Tarzan, e o ator que trabalhou ao lado de Patsy Ruth Miller foi Norman Kerry. Está retirado do cinema.

*

FRANCO BATISTA — S. Paulo — A filmografia de Roland Young é a seguinte: «Sherlock Holmes» (John Barrymore), «Honra de mulher», «O fantasma verde», «O bispo misterioso», «Wise Girls», «Madame Satan», «Lua Nova», «O filho pródigo», «Não apostes nas mulheres», «Annabelle», «Mulher pagã», «O pecado de Madelon Claudet», «Rainha e mártir», «Uma hora contigo», «Só ela sabe», «Amor e coragem», «Wedding Rehearsal», «Espôsa improvisada», «A mulher que inspirou», «Pleasure Cruise», «A Lady's Profession», «Blind Adventure», «Viver duas vidas», «Meu maior desejo», «David Copperfield», «Vamos à América», «Dá-me teu coração», «O segrêdo de Lady Helen», «Aconteceu numa tarde chuvosa», «Gipsy», «Ali Babá é boa bola», «A dupla do outro mundo», «O homem que fazia milagres», «Vamos brincar de amor?», «As minas de Salomão» (versão britânica), «Navegando em rítmo», «Jovem no coração», «O marido mal-assombrado», «Noivado à moderna», «A noite das noites», «Não, não, Nanette», «Êle casou a sua espôsa», «Estrêla luminosa», «A vida é uma comédia», «Vida apertada», «Irene», «Dulcy», «Núpcias de escândalo», «A volta do fantasma», «Paixão fatal», «Duas vezes meu», «Num corpo de mulher», «Êles beijaram a noiva», «Seis destinos», «Para Sempre e Um Dia», «A irresistível impostora», «O vingador invisível», «A rua da vaidade» e «That Man From Tangier» (53), que foi o seu derradeiro celulóide. A série das aventuras de «Topper» foram três filmes: «A dupla do outro mundo», «O marido mal-assombrado» e «A volta do fantasma». Faleceu em 1953.

*

FRANCISCO SOUZA — Em «O príncipe valente»: James Mason (Sir Brack), Janet Leigh (Aleta), Robert Wagner (papel-título), Debra Paget (Ilene), Sterling Hayden (Sir Gawain), e Brian Aherne, Victor McLaglen, Barry Jones, Donald Crisp, Mary Philips, Howard Wendell, Tom Conway, Sammy Ogg, Neville Brand, Ben Wright, Jarma Lewis, Robert Adler, Ray Spiker, Primo Carnera, Basil Ruysdael, Fortune Gordian, Percival Vivian, Don Mgowan, Richard Webb, John Dierkes, Carleton Young, Otto Waldis, John Davidson, Lloyd Ahea, Jr. Lou Nova, Hal Baylor, Mickey Simpson e Eugene Roth.

*

LILA BERNARDI — Pôrto Alegre — Pat Ó Brien trabalhou nos seguintes filmes: «Última hora», «Criada de confiança», «Voando alto», «Casamento de consolação», «Heel's House», «Mercado de escândalos», «Tudo por um homem», «Loucura americana» (aproveito para confirmar êste filme de Pat, a um leitor em cuja resposta não tinha a certeza da fita ter sido interpretada pelo ator), «Virtude», «Tudo contra ela», «Asas h róicas», «Internos dos vivos», «Sem n mo», «Ouro flamejante», «The Worl Gone Made», «Os desaparecidos», «Co lege Coach», «Mademoiselle Dinamite «Vinte milhões de namoradas» (o namo rado era Dick Powell...), «Amor po telefone», «Aí vem a Marinha), «Comig é assim», «Miss Generala», «I Sell Any thing», «Paixão de jôgo», «Caliente - Por uns olhos negros», «Fuzileiros d ar», «Óleo para as lâmpadas da China «O filhinho da mamãe» (o protagonis ta foi James Cagney...), «Divina Gló ria», «Heróis do ar», «Estrêlas na Broad way», «Mulher de gangster», «O tita dos ares», «O grande Ó Malley», «Sa Quentin», «Alta tensão», «Submarin D-1», «Silêncio que condena», «Campeã gozado», «Assim são as mulheres», «Anjos de cara suja», «No mundo da lua «Boy Meet Girl», «Cow-boy do asfalto «Demônio sôbre rodas», «A noite da noites», «Fora do expediente», «Dias sem fim», «Regimento heróico» (papel de pa dre), «O último encontro», «Zona tórrida», «Ouro líquido», «Rumo ao Oeste «Criador de campeões», «As mulheres sabem demais», «Rivais na tropa», «Broadway», «Sacrifício de pai», «Emboscada em alto-mar», «Bombardeiro», «Forjador de homens», «A irmã do mordomo», «Inferno no Pacífico», «Um crime maravilhoso», «A obra destruidora», «O fantasma amoroso», «Dinheiro perigoso», «Museu de horrores», «Aventura no Panamá», «Sublime ideal» (papel de padre), «O menino de cabelos verdes», «Ladrão com alma», «O faisca» (papel de padre), «A um passo do fim», «O homem da lei», «Okinawa», «King of Fear» e «Jubilee Trail».

*

JOÃO TARSO MORAES — 1º — «Shiave della legge», «Nel vortice dell metropoli» e «L'ultima sentenza» são mesmo filme — «A última sentença» Teve dois títulos provisórios. 2º — Sim «Mosqueteiros do mar» é a volta d Peggy Ryan. 3º — Giulio Bonnard irmão de Mário. 4º — Não tenho notas 5º — Não creio que Humberto Nazzar seja irmão de Amedeo.

*

CÉLIO TAVARES — Lagoa da Prat — Robert Walker e John Garfield mor reram. Bill Elliott e Kathryn Grayson estão vivos. Não tenho os atestados d óbito...

*

M. TORRES — Nazaré da Mata — A pronúncia do sobrenome de Silvana é certa das duas maneiras, mas a mai apropriada é a dos italianos, ou seja — «Mángano».

*

JOSÉ RICARDO — Rio — 1º — Nos meus apontamentos tenho apenas «Sangue por glória». 2 — O fenômeno é antigo — desde os tempos do cinema silencioso, quando a matriz de alguns importadores era em S. Paulo, como o «Programa Matarazzo». Na capital paulista há mais cinemas. E não é apenas lá que passam muitos filmes antes da sua exibição na metrópole — também nos Estados. Alguns nunca são apresentados no Rio. 3º — Darei a filmografia depois, pois preciso atualizá-la.

★

FÃ DE E. B. — Rio Grande — Ethel Barrymore apareceu em «Rasputin e a Imperatriz», «Apenas um coração solitário» («Oscar» de melhor coadjuvante), «Silêncio nas trevas», «Ambiciosa», «Rosas trágicas», «Melodia da noite», «Agonia de amor», «Jennie», «Ao cair da noite», «O grande pecador», «O Danúbio vermelho», «O que a carne herda», «Aquele beijo à meia-noite», «Mulheres em perigo», «A hora da vingança», «A história de três amores», «Kind Lady», «No palco da vida», «Filhos esquecidos» e «Main Street to Broadway». No cinema mudo: «The Nightingale», «Captain Ninks of the Hor Marine», «Levantando o véu», «O maior poder», «O beijo do ódio», «Penumbra da vida» «No mundo das saias» e «O rouxinol do norte». Tem três filhos — dois rapazes e uma moça.

★

ERICO SILVEIRA — Recife — Gabriele Ferzetti fez os seguintes filmes: «Rondini in volo», «I falsari», «Gil amanti di Ravello», «Sigillo rosso», «Coração ingrato», «Três histórias proibidas», «Amores proibidos», «Barriera a settentrione», «A insatisfeita» e «Puccini».

★

TERESINHA G. — Rio — O filme de Rosina, «Eu sou do amor» é antigo. Foi produzido em 1949. A causa da não exibição dos seus filmes em nossas télas é uma dessas coisas que não se compreendem. Sim, fez outros filmes.

★

JOSÉ LUIZ — Salvador — Os filmes de Marie Windsor são os seguintes: «A fôrça do mal» (na Enterprise — não tenho notas dos filmes de Marie na Metro), «Posto avançado em Marrocos», «Fogo do inferno», «Estranha caravana», «A bela Lil», «Retribuição (Showdown), «Anjo de vingança», «Fúria perversa» (Double Deal), «O tufão», «Little Big Horn», «Outlaw Women», «The Jungle», «A intrusa», «Rumo ao inferno», «Volúpia de matar», «The Tall Texan», «Atalhos do destino», «A cidade que não dorme» e «Bounty Hunter», êste em «3 D», na Warner, com Randy Scott. Faltam-me os títulos brasileiros dos filmes que vão no nome original. Depois continuarei respondendo as outras perguntas, mas a dos filmes de Richard Allan com Betty Grable e Esther está prejudicada por falta de elementos para respondê-la.

★

KATERINE SANTOS — Rio — Os filmes americanos de Frank Latimore foram: «As irmãs Dolly», «Précisam-se maridos», «13, Rue Madeleine» e «O fio da navalha». Na Itália já fez: «Memórias de um médico», «Coração ingrato», «Três histórias proibidas», «La Nemica» e «Napoletani a Milano». Êle radicou-se definitivamente na península.

★

FÃ DE MISS MONA — Pôrto Alegre — Mona Freeman: «Pacto de sangue», «Um lírio na cruz», «A mocidade é assim mesmo...», «... e o amor voltou», «Menina precoce», «Sinal de perigo», «Ruth querida», «Beleza indomável», «... e os anos passaram», «Esperteza romântica», «Miragem dourada», «Os mosqueteiros do mal», «Tarde demais», «O vale da ambição», «Larápios», «Brôtinho infernal», «A marca rubra», «A protetora do bandido», «A mulher que não pecou», «Teimosa e valente», «Tormento da carne», «Os malucos do ar», «Grito de sangue» e «Alma em pânico».

★

JACINTO C. MOREIRA — Rio — Verônica Lake está retirada do cinema desde 1950, quando fez seu último filme no México — «Maluarte de heróis» (em versão mexicana e inglesa). A filmografia de Verônica é a seguinte: «Sorority House», um filme da família Jones, na 20th, «The Wrong Room», «All Women Have Secrets», «Mamãe eu quero!», «A porta de ouro», «A revoada das águias», «Contrastes humanos», «Alma torturada», «Capitulou sorrindo», «Casei-me com uma feiticeira», «Coquetel de estrêlas», «A legião branca», «A hora antes do amanhecer», «Acontece que sou rico», «Do outro mundo», «A vida é uma só...», «Carnaval de estrêlas», «Agarre essa loura!», «A dália azul», «Saigon», «A abrasadora», «Miragem dourada», «As duas santinhas», «Esperteza romântica», «Furacão da vida», e o filme mexicano. Não tenho o atual endereço de Velônica. Divorciou-se le André De Toth, sim.

★

ELEAMER CHAVES — Rio — A filmografia do diretor italiano Augusto Genina é a seguinte: «A glória», «A horizontal» (c e n a r i s t a), «Mezzanotte», «Conquista dei diamanti», «A dupla chaga», «Il sogno di un giorno», «Il sopravvissuto», «Senhorita Ciclône», «O presságio», «A mentira», «Lucciola», «Maschiaccio», «O torpedeamento do Oceania», «Femina», «Amor e trôno», «Adeus mocidade», «O príncipe do impossível», «A máscara e o rosto», «Os dois crucifixos», «Lo scaldino», «I tre sentimentali», «Aventuras de Bijou», «Débito d'odio», «A roda do vicvio», «Júlia de Aroiscoeurs», «O bôbo (?) «Cirano de Bergerac», «O pirata», «Adeus mocidade» (nova versão), «Jolly», «Il focolare spento», «Peccatrice senza peccato», «L'ultimo Lord», «Scampolo», «Quartier Latin», «Miss Europa», «Les amants de minuit», «La gondole aux chimères», «Não me esqueças», «Paris-Béguin», «Nous ne sommes plus des enfants», «O esquadrão branco», «Frauenliebe Franenleid», «Castelli in aria», «O ídolo das mulheres», «Alcazar», «Bengazi», «San Francesco», «Céu sôbre o pântano», «Tortura da carne», «Três histórias proibidas» e «Maddalena». O livro em questão ainda não saiu na Itália.

★

NILS ASTHER'S FÃ — Rio — Êle ainda trabalha, embora esporàdicamente. Um de seus últimos filmes é «That Man From Tangier» (1953). A lista dos filmes mudos de Nils é a seguinte: «Desilusão» (com Lucy Doraine), Borboleta dourada» (com Lili Damita), «Rainha do balneário» e «Uma pequena adorável» (com a falecida Mary Nolan), «Topsy e Eva» (com sua então espôsa Vivian Duncan), «Lágrimas ed homem» (primeira versão — com Mary Nolan e Anna Q. Nilsson), «Danúbio azul» (com Leatrice Joy), «Ridi, Pagliacci» (com Loretta Young), «Rachel» (com Pola Negri), «Quando uma pequena quer...» (com Marion Davies) «Garôtas modernas» (com Joan Crawford e Dorothy Sebastian), «Cossacos» (com Renée Adorée), «Sonho de amor» (com Joan Crawford, Aileen Pringle e Carmel Myers), e «Orquideas silvestres» e «Mulher singular» (com Greta Garbo). A fita que êle fez, passada na Turquia, chamava-se «O sultdão maldito».

★

PAULO RODRIGUES — Bauru — Myrna Loy «O amigo traidor», «A môsca negra», «O demônio elegante», «O homem da caverna», «Queridinha», «Entre uma noiva e outra», «Don Juan» (John Barrymore), «A felicidade dependerá do dinheiro?», «Através o Pacífico», «Horas que voltam», «Dois turunas na guerra», «Uma noiva em cado pôrto», «Quando o destino castiga», «Se eu fôsse solteiro...», «Uma pequena de fora», «O cantor de jazz», «Cuidado com os casados», «Vingança», «O preço da beleza». «A doutrina do bem», «A arca de Noé», «Pague na entrada», «A canção do deserto» (primeira versão», «A guarda negra» (primeira versão de «Rebelião na India», agora refilmado em Cinema Scope), «Colhendo amores», «Amor silvestre», «O taxi da meia-noite», «Don Juan do México», «Astúcia de mulher», «A parada das maravilhas», «Menina da fuzarca», «Nunca é tarde para o amor», «A noiva do regimento», «Rosa encantadora», «Renegados», «Corpo e alma», «Um yankee na Côrte do Rei Artur» (primeira versão falada), «O diabo que pague», «O preço da aventura», «A princesa do bairro», «Babel de ferro», «Seguro do amor», «Transatlântico», «Ema», «Médico e amante», «...e o mundo marcha», «A mulher no quarto 13», «A máscara de Fu Manchú», «Ama-me esta noite», «Topaze», «Uma noite no Cairo», «Pouco amor, não é amor», «Pela vida de um homem», «Treze mulheres», «O pugilista e a favorita», «Asas da noite», «A rival da espôsa», «Alma de médico». «Casamento de consolação», «Vencido pela lei», «A ceia dos acusados», «Estratégia de mulher», «O rio escarlate», «Chantage», «Asa nas trévas», «A vitó-

(Continua na página 59)

QUEM ESTÁ COM...

(Conclusão da página 9)

recursos artísticos para a alegria de milhares de famílias brasileiras nos mais longínquos recantos do país. Espero, pois, merecer plena colaboração de tôdas as minhas fãs quando do lançamento do disco. Tenho esperanças de assinalar um grande êxito.

PRESENTE AOS FÃS

A pedido da cantora, damos, abaixo, a letra da interessante composição:

"É SEMPRE O PAPAI!"

Baião de Miguel Gustavo — Gravações de Marlene (Continental) e Zezé Gonzaga (Sinter).

Quem é que atura a cara feia da titia
que vem cá pra casa pra ficar um dia
e a semana passa, e a tia não vai...
é o papai
É sempre o papai, é sempre o papai, é sem-
[pre o papai.

Quem é que ganha palmadinha de carinho
e agrado do filhinho, que já tem um carro
mas não tem cigarro, e nunca tem "ne-
[nhum"
e sempre quer "algum", quando, de noi-
[te, sai...
é o papai
É sempre o papai, é sempre o papai, é sem-
[pre o papai.

Quem é que luta, trabalhando como um
[louco
e o dinheiro é sempre pouco
porque sempre tem modista, tem jantares
[na cidade,
tem festa de caridade, onde a mamãe vai,
é o papai,
É sempre o papai, é sempre o papai, é sem-
[pre o papai.

Quem é que agora tem um dia todo seu,
todo seu, completamente, prá ganhar pre-
[sente,
e o papai está tão contente, e o dinheiro
[do presente...
— E o dinheiro do presente?
— E o dinheiro do presente?
— E o dinheiro do presente?
De onde é que sai...
É do papai.
É sempre o papai, é sempre o papai, é sem-
[pre o papai.
(papai, papai, papai)

EIS AQUI...

(Conclusão da página 17)

Ei-la, hoje, em franca ascensão, integrada na maior estação radiofônica do país. O resto depende, a partir dêste instante, da própria Silvinha, do gôsto que demonstrar na seleção do seu repertório e no esfôrço que realizar para o brilhantismo de sua carreira artística. Pessoalmente são muitos os seus atributos, a começar pela sua graça original e própria e aquêle "ar de beleza" que o público já notara na sua irmã. Estamos aqui fazendo votos pelos sucessos da encantadora Silvinha, certos de que ela triunfará no rádio com os recursos e elementos de que dispõe para isso.

A SEGUNDA...

(Conclusão da página 25)

po Grande, lá estava: «O povo baiano sauda a Rainha do Cinema Brasileiro». Não podia, assim, ter sido mais agradável o primeiro contacto de Marly com a Bahia. Outras surpresas, entretanto, lhe estavam sendo reservadas. Logo à entrada do Hotel, as fãs, em número avultado, aguardavam seu aparecimento.

— Olha a Marly Sorel! gritava uma.

— Você não é a Marly? perguntava outra.

E a jovem estrêla viu-se logo envolvida de todos os lados e quase não se podia mexer.

— Quero um retrato seu...

— Me dá um autógrafo.

E enchiam a Rainha de perguntas.

— Que filme está fazendo agora?

— Qual a hora em que está cantando na Nacional?

Outras diziam:

— Tenho ouvido você...

— Como você é bonita Marly!

As fãs estavam indóceis e entusiasmadas. Foi um custo para a «estrêla» se livrar:

— Estou cansada, cheguei agora... Não tenho retratos aqui comigo... Mais logo falarei com vocês.

Êsse assédio das fãs à Rainha do Cinema repetiu-se inúmeras vêzes durante os dias que durou o Festival.

Em todos os desfiles, nos «shows» de praça pública para o povo, na Rádio Cultura, na Associação Atlética Baiana, Marly era um alvo constante de atenções e aplausos. Por mais de uma vez foi obrigada a cantar sem acompanhamento e mesmo sem microfone, enquanto na volta do palanque as garotas gritavam em côro: «Marly! Mar-ly! Mar-ly» E segundo a moda do Rio, que já chegou à Bahia: «É a maior!» «É a maior!»

Uma tarde, as garotas, reunidas no saguão do Hotel da Bahia, comunicaram à Rainha a sua deliberação de fundarem o Fã Clube Marly Sorel, seção da Bahia. E lhe ofereceram três faixas. Uma delas trazia a seguinte inscrição: «Marly Sorel, favorita da Bahia»; outra: «Rainha eterna da beleza»; e a terceira: «Marly Sorel, princesa da Bahia». Foram os titulos que os baianos lhe ofereceram em recordação de sua passagem por Salvador. Por último queremos registrar sua presença na «boite» de Pituva, onde se exibem os astros e estrelas que passam pela Bahia. A sua estréia foi um acontecimento social. A sala estava cheia e a Rainha foi aplaudidíssima. As demais apresentações revestiram-se do mesmo êxito.

Vejamos, agora, como a imprensa baiana registrou sua passagem pela cidade. «A Tarde» publicou um retrato em duas colunas da Rainha do Cinema e uma nota destacada a seu respeito, enaltecedora de suas qualidades artisticas e de sua decantada formosura. O seu título, diz «A Tarde» foi-lhe justamente conferido «pelos seus dotes raros de beleza e simpatia que seu tipo gracioso irradia com naturalidade».

Por sua vez, o «Diário da Bahia» publicou uma reportagem, com o titulo «Marly Sorel, a linda estrêla que conquistou o coração dos baianos». Nesta reportagem escreve o «Diário da Bahia»: «Desde os primeiros dias do Festival de Cinema Brasileiro, que ora se realiza nesta cidade, as atenções se fixaram na jovem e linda Rainha do Cinema Marly Sorel, que é também cantora da Rádio Nacional e tem sido considerada pela crítica «a revelação do ano de 1954». Havia uma curiosa espectativa em torno da formosa estrêla, que os baianos já conheciam de nome e de ouvir cantar através as ondas da P. R. E. 8 e P. R. A. 9».

HOMENAGEM DOS ARTISTAS BAIANOS À DELEGAÇÃO

Entre as várias homenagens prestadas à delegação do Festival do Cinema de Salvador figurou um «show» na «boite» do Hotel da Bahia só com a participação de elementos locais. Nêsse «show» tomaram parte Aloisio Bilac, Margarida de Lima, João Melo, Eduardo Messeler, Linda Silva, Hélio Amaral, Linda Maria, Clodoaldo Brito, Lina Ferreira, Sílvio Roberto e Maria Célia. Atuou como animador do programa Renato Mendonça, que de início disse o seguinte: «Êste «show» é uma homenagem dupla, não só aos artistas do cinema brasileiro, como também a dois compositores baianos, Clodoaldo Brito e João Melo, cujas músicas são cantadas em maior número nesta apresentação da Rádio Sociedade da Bahia. Lembramos que tôdas as canções, toadas e composições deste «show» são da autoria de compositores baianos».

O GOVERNADOR DIRIGE-SE A JOAQUIM MENEZES

O Festival de Cinema foi uma iniciativa de Joaquim Menezes, o incansavel e dinâmico presidente da A. B. C. C., um dos homens que mais têm trabalhado pelo cinema brasileiro. Joaquim Menezes recebeu do governador da Bahia um diploma com os seguintes dizeres: «Justa homenagem ao jornalista Joaquim Menezes, presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e organizador do Festival de Cinema Nacional na Bahia, a cujo esfôrço e inteligência se devem o brilhante êxito de que se revestiu êsse certame. (a) — Luiz Regis Pacheco Pereira, governador do Estado da Bahia».

DIRETORES NO FESTIVAL DE SALVADOR

Dois dos nossos melhores e mais conhecidos diretores cinematográficos estiveram presentes ao Festival de Salvador: José Carlos Burle e Jorge Illeri. Na Bahia perguntavam muito por Lima Barreto, Cavalcante, Watson Macedo e Alex Vianny. Não sabemos por que motivo êsses diretores não fizeram parte da delegação, mas acreditamos que hajam sido convidados não tendo podido comparecer por motivos de fôrça maior. De qualquer modo os diretores de cinema brasileiro estiveram representados por duas de suas mais autênticas e legítimas expressões: Illeli e José Carlos Burle.

FAMILIARIZANDO A...

(Conclusão da página 33)

Amada Ifigênia", a presidência do Clube, foi recordado tudo o que a entidade vem fazendo em São Paulo e no Brasil por uma maior difusão da poesia — da bôa poesia, — visando familiarizá-la com o grande público. Publicações de livros, de antologias, realização de cursos de conferência sôbre poética, sessões públicas em homenagem à memória de poetas mortos. Ainda nos últimos tempos, publicou o Clube as traduções, para o inglês, que Leonardo S. Downes fêz de 50 poetas brasileiros modernos, e mais a "Antologia da Poesia Brasileira Moderna", que tantas discussões provocou.

A Secretaria de Educação e Cultura da Municipalidade tem colaborado com o Clube da Poesia, e o govêrno do Estado também, possibilitando, assim, que obra tão meritória possa ser levada adiante.

"IN MEMORIAM" DE JORGE DE LIMA

Na posse de Jamil Almansur Haddad foi prestada uma significativa homenagem à memória de Jorge de Lima, através de uma conferência de Luis Martins, que lhe estudou a obra com inteligência e carinho. O poeta folclórico, o da "Negra Fulô" e o de "Madorna de Iaiá"; o poeta católico dos cantos graves de "Tempo e Eternidade"; o poeta épico da "Invenção de Orfeu", tôdas as preocupações que assoberbaram Jorge de Lima e que estão refletidas em sua vasta obra passaram pelo crivo da análise percuciente de Luis Martins, que foi um dos seus bons, dos seus queridos amigos.

E, terminada a conferência, Edgard Braga — jovem de cinquenta anos e cabeleira branca — evocou os tempos de menino de Jorge de Lima, em Alagôas, no colégio dos irmãos maristas. Com acentos de saudade na voz, o poeta das "Odes" recordou os dias de um passado já bem distante, em que foi o companheiro diário de Jorge e de Graciliano Ramos. E contou, também, dos tempos em que êle e Jorge de Lima, já poetando, andavam à noite, sob os céus alagoanos, olhando a lua e as estrêlas...

Edgard Braga falou com a mesma beleza que imprime à linguagem dos seus versos, e comoveu à todos que o ouviram.

Depois, Jamil Almansur Haddad deu por finda a sessão. Foi então a vez dos cumprimentos a Luis Martins e a Edgard Braga, e dos abraços ao novo poeta-presidente, que por sinal está de partida para o Líbano, aonde lecionará literatura brasileira, a convite do nosso Ministério das Relações Exteriores.

SÉTIMA ARTE

(Conclusão da página 41)

faltou, faltou mesmo!). Tôda a melancolia da história ficou de fora. O que existe são belos e grandes instantes de cinema. No conjunto, há qualquer coisa faltando, um elo emocional para dominar o espectador e fazê-lo participar do drama. A formosa Jean Peters tem uma curta aparição. David Wayne tem instantes vividos entre bons e maus. Heigh Marlowe quase que apenas figura. Albert Dekker é o que termina senador. Joyce Mackenzie é a espôsa de Marlowe. Tommy Morton, Alan Hale Jr., Richard Karlan, Merry Anders, Noreen Corcoran e outros comparecem. "Cavalgada de paixões" é um espetáculo equilibrado, mas que não entusiasma nem constitui nada de mais indelével.

PERGUNTE O QUE...

(Conclusão da página 55)

ZACARIAS — Rio Grande — Mona Maris não fez o filme brasileiro a que refere. A notícia em questão, aliás, foi apenas publicidade. O filme mais recente da veterana atriz (se é que não trabalhou em outro depois....) é «Uma mulher chamada Margarida» (Una mujer llamada Margarita» — ou — «La Mujer de las Camélias»), de Zully Moreno e Carlos Thompson. Quanto à filmografia completa de Mona (se o «Jack ler esta resposta me dirá se faltou algum...) é a seguinte: «Escravos do Volga», «Perfumes, flôres e beijos», «O espião de Pompadour» (todos no cinema germânico), «O Apache (na Inglaterra). «Loucuras de um beijo», «Romance do Rio Grande» (aquele R. G. dos Estados Unidos, já se vê...), «Argila humana», «O domador de mulheres», «Don Juan do México», «Arizona Kid», «O querido das mulheres», «Sob os mares», «O cavaleiro da noite», «Once in a Lifetime» (uma notável sátira a Hollywood, não exibida no Brasil), «Salve-se quem puder», «Segredos», «Melodia proibida», «Não deixes a porta aberta», «Uma viuva romântica», «O eterno triângulo», «O templo da beleza», «White Heat», «O amor obriga», «Símbolo materno», «Asegure a su mujer», «O cantor de Nápoles», «O Falcão do deserto» (filme seriado), «O mistério do morto», «O bater de um coração», «Monsieur Beaucaire», e «A vinganpa de El-Mocho» êste, como «Una mujer llamada Margarita», filmado na Argentina, sendo que a película teve versões em inglês e espanhol, ambas interpretadas pela «estrêla».





EM 40 anos de existência, A NOITE tem sabido manter uma conduta das mais sóbrias em assuntos do interêsse público.

Tanto o leitor do comentário oportuno, sempre redigido com elevação e equilíbrio, como o apaixonado pela reportagem vibrante, clara e precisa, têm em A NOITE o jornal de sua preferência.

Por isso, o "vespertino da cidade" goza de geral simpatia junto às classes produtoras do país, onde o seu exemplar é folheado com vivo interêsse. Também os anunciantes preferem A NOITE para a divulgação certa dos seus produtos. Comprova essa assertiva o expressivo número de centímetros diários dos anúncios estampados em suas cuidadosas páginas.

Lêr A NOITE é estar ao par de todos os acontecimentos nacionais e estrangeiros. Anunciar no "vespertino da cidade" é vender mais pelo menor preço.

"A NOITE" – O VESPERTINO DA CIDADE

PRAÇA MAUÁ, 7 — 3.º ANDAR — RIO

Carioca

EMPRÊSA A NOITE

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.º and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil

★

Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA

★

Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00

ASSINATURAS:

Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias

12 meses	Cr$ 150,00
6 meses	Cr$ 80,00

OUTROS PAÍSES

12 meses	Cr$ 300,00
6 mêses	Cr$ 160,00



Realizou-se recentemente a festa de coroação da Srta. Anna Rosa Clipitt como a primeira "Princesa da Juventude Musical Brasileira. Na gravura, a jovem princesa.



Elizabeth, filha do casal Léa Souza Gomes-José Gomes, que viu passar mais uma primavera.

REFLEXÕES

(Conclusão da página 3)

Assevera-se que os dinamarqueses votam particular estima aos animais. Nas portas das lojas, nas cidades, os cães têm sempre em uma vasilha a água para beber.

Entre nós outros, só goza regalia o cão de luxo. E assim mesmo na corrente. Via de regra, os vira-latas têm o destino de todos os transfugas da vida. Miséria e pedrada.

Afinal, já não é fora de tempo lembrar que outra atitude deveria ser assumida em face dos pobres animais. O cão é um companheiro. Várias vezes êsse abnegado incompreendido foi sucumbir à beira das sepulturas de seus donos, — famintos, os olhos cheios de nostalgia. Haverá um homem capaz de semelhante heroísmo?

Que Deus nos livre dos individuos mal intencionados, que topamos amiúde à margem da nossa estrada. Que Deus nos dê sempre cachorros, porque, com êles, tudo nos une e nada nos separa. Que seria a vida sem cachorro?

OH !

(Conclusão da página 10)

em tôdas as paradas de sucesso. As fotos são de Nelson. Ao lado do querido galã (êle é muito vivo!) vemos a figurinha gentil da encantadora Vera Lúcia, que prestou gentilmente sua cooperação para a feitura desta reportagem.

A LETRA DE OH!

De Gay e Johnson

Versão de Haroldo Barbosa

Que coisa louca quando eu vejo meu bem
Seguro na mãosinha Oh!
É um calor que até aqui em cima me vem
E sufocado eu digo Oh!
Ela não fala, mas diz Oh!
E então saímos de mãos dadas
Bem coladas e eu vou a pensar.
Eu digo Oh!
Que pensamento eu tive
Não pode ser
Ela zangada irá falar
Que temos pouco tempo para beijar
Eu roubo um beijo
Ela diz Oh!
Eu roubo outro, ela diz Oh!
E pela noite à dentro
E' Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
E' só beijar
E só paramos se o guarda chegar.

UM EXISTENCIALISTA...

(Conclusão da página 15)

PLANOS PARA O FUTURO

O filósofo existencialista e sua espôsa, graças aos seus hábitos e maneiras excêntricas, tem chamado sôbre si a atenção do Rio boêmio e literário. De conversa em conversa, contou que pretende realizar um filme a respeito das águas, cujo roteiro mantém em segrêdo, mas cujo cenário será o fundo do oceano. Por outro lado, deverá estreiar no teatro americano brevemente, na pea «Passagem do Pacífico», para a qual foi especialmente convidado. De volta à Frana, retornará ao «Follies Bergères», onde tem tido o sucesso maior, depois de temporadas no «Lido», «Chez Carròre» e nas casas de espetáculo de bonino. Gosta muito do Rio e espera poder exibir-se também em São Paulo. E, com um sorriso nos lábios, sempre vestido de prêto, sem gravata, despediu-se de nós, pois já estava na hora de ir para a cama: amanhecia!...

"CAMINHO INDIRETO"

(Conclusão da página 26)

— Ela não é responsável pela atitude dos seus habitantes — sentenciou.

O Sr. Lima pestanejou.

— Mas senhora... somos tão maus assim?

Ela faz um gesto vago.

— Oh, não. Nem todos, não o digo por você, meu querido amigo. Mas por outras pessoas — E cravando os olhos em Carlos, acrescentou: — Há, por exemplo, os que viajam de subterrâneo...

Carlos sorriu ambiguamente e súbito, como inspirado por uma idéia genial, exclamou:

— A senhora não conhece bem. O subterrâneo é o fim de tôda a civilização citadina. Todavia, não devemos ser muito severos. Encravado no coração da cidade; suas vias são o meio mais rápido para ir-se de um lado a outro. Nele viajamos preocupados, atentos, cada um, a seus problemas. Às vezes, um minuto pode fazer-se perder um negócio, chegar tarde a um encontro com a mulher amada. Aí a gente se transforma e trava uma batalha com os assentos. Aos estranhos, podemos parecer então uns selvagens... A verdade é que só às senhoras de meia idade tributamos alguma cortezia. Elas são as únicas favorecidas. Daí um autêntico habitante da capital só oferecer seu lugar às senhoras com crianças nos braços ou às senhoras de certa idade...

Logo, erguendo a mão como um profeta, acrescentou:

— Pessoalmente, eu, como bom citadino, jamais ofenderei uma senhora jovem, oferecendo-lhe o meu. Em linguagem corrente, já tácita entre todos os passageiros, fazendo-o, ainda que sendo cortez, estou-a chamando de velha...

Desta vez foi a Sra. Sidney quem estremeceu imperceptivelmente. E quando Carlos olhou para ela viu que agora o olhava com um olhar cordial e emocionado.

— Ganhei a batalha — pensou. Mas já o Sr. Lima, entusiasmado, apoiava as palavras de seu jovem amigo.

— Exato. Consequência dos tempos em que vivemos — confirmou sentenciosamente. A mulher quer ser igual ao homem e se julga com os mesmos direitos deve impor-se aos mesmos sacrifícios. Quantas vezes tive que lutar comigo mesmo!... As coisas estão de um modo e a gente quer ter pequenas gentilezas com as senhoras que encontra mas... se essas gentilezas forem interpretadas de outro modo?... Levadas a mal?...

Carlos ergueu-se, triunfante.

— Era o que eu dizia — exclamou. A mulher quer conquistar o lugar a que tem direito. E quer conquistá-lo dignamente, bastando-se a si próprias e não com humilhantes tolerâncias do homem. Por isso que nunca a mulher foi tão extraordinária como nos tempos atuais.

Com um gesto teatral Carlos rubricou sua preleção, descobrindo que suas palavras haviam tocado o coração da dama com o mesmo poder milagroso de uma varinha mágica. Feliz, a Sra. de Sidney sorria-lhe ternamente...

Contente consigo próprio, olhando altivo em volta, Carlos afastou-se do grupo. Parecia, realmente, um novo deus sôbre a terra. Com um sorriso nos lábios aproximou-se de Lídia, que se achava sozinha e silenciosa a um canto.

— Que fazes aqui? — perguntou êle.

A jovem contemplou com uma expressão de desgosto.

— Ah! E' minha vez, agora? — sussurrou. Se é assim, não me incomodo. Podes continuar monopolizando a Venus, que eu não te privarei de tão grata companhia...

Carlos olhou admirado para a moça. Nunca ela lhe falara naquele tom.

— Não te entendo — murmurou confuso. Não tenho interêsse em monopolizar pessoa alguma. Apenas quis reconciliar-me com tua tia.

— Minha tia?

— Sim. A Sra. Lima advertiu-me de que devia angarir sua simpatia. Quis que estivesse de nosso lado...

Lídia meneou a cabeça com enfado.

— Mas... Posso saber de que tia minha estás falando? Tia Rosa não pôde vir...

Carlos fez um gesto de espanto.

— Quer dizer... Então quem é a Sra. Sidney?

— Uma amiga da casa. Uma mulher irresistivel, segundo ela própria. E pelo visto, compreendo que razões não lhe faltam. Contigo o êxito foi completo.

Carlos estava acabrunhado.

— Mas, querida... Eu apenas quis ser amável...

Os olhos da moça brilharam perigosamente.

— E ainda me dizes?

— E' que eu falo e tu não me ouves, Lídia. E' que pensei que fôsse tua tia. Tu mesma me disseste certa vez que ela exercia grande influência sôbre teu pai. Por isso procurei um caminho indireto. Só para ter uma aliada.

Lídia sorriu para êle.

— Senta-te aqui, ao meu lado, Carlos — murmurou. — E de outra vez, lembra-te de que os caminhos diretos são sempre mais práticos. — E suspirando, acrescentou: — E' a mim que deves procurar agradar... e não a nenhuma tia.

ESCADA DE LANCE

(Conclusão da página 30)

de Queiroz reincidi uno gênero, e trouxe-nos «O Primo Bazilio», cujo êxito é evidentemente maior que o do primeiro

romance, sem que, aliás, a ação seja mais intensa, mais interessante ou vivaz, nem mais perfeito o estilo». Detendo-se na heroína, dizia ainda Machado de Assis: «Parece-me que o Sr. Eça de Queiroz quis dar-nos na heroína um produto da educação frívola e da vida ociosa; não obstante, há aí traços que fazem supor, à primeira vista, uma vocação sensular». (Mais sensual que Virgília, Sofia, Capitu, perguntaríamos nós, levando à parede o mais dissimulado de todos os concupiscentes, como bem acentuou Augusto Meyer, no seu inteligentíssimo estudo).

O RETORNO DE...

(Conclusão da página 23)

Hoje, Ann Sheridan volta a ser uma das "estrelas" mais populares, devido às suas últimas produções, entre as quais se destaca "Mulher de Fogo" (Take me to Town"), um tecnicolor em que aparece também o simpático Sterling Hayden. Já era tempo de pensarem melhor de Ann Sheridan, que tantas e tantas provas nos tem dado de sua capacidade

VARIEDADES MUSICAIS

(Conclusão da página 39)

marca supracitada, faz um solo de castanholas na face principal de seu disco de estréia, cujo número se chama «Danza Vª», de autoria de E. Granados. Ao piano, Luiz André. No acoplo está «Romeria», de A. Anéas. Acompanhando-a na guitarra, Manolo Navarro.

— o —

Depois de algum tempo, está de volta o «Trio Itapoã (que atuou recentemente na Rádio Nacional carioca) em mais um disco. Duas versões compõem sua nova chapa: a do bolero «Lembranças de ti» (de Carbajo), feita por Júlio Nagib, e a da guarânia «Che China mi» de Antonio Cardoso), feita por Ariowaldo Pires.

— o —

Jackson do Pandeiro, que, devido aos seus sucessos, realizou uma brilhante temporada nos microfones da Nacional e Mayrink do Rio, e na Record de São Paulo, aumenta a lista de seus êxitos (exemplo: «1x1» e «A mulher do Aníbal», isto para não falarmos em «Forró no Limoeiro») com a sua nova chapa, que apresenta, em suas faces, «Boi bravo», um côco de Rosil Cavalcanti, e «Êta baião», de Marçal Araújo.

Na Columbia

Novidades em discos «Long Playing», lançados nos Estados Unidos: Com o saxofonista Freddie Gardner — «I'm in the mood for love», «Valse vanité», «These foolish things», «Smoke gets in your eyes», «Roses of Picardy», «Body and soul», «I only have eyes for you» e «Stardust»; com Bunk Johnson e sua Banda — «The entertainer», «Someday», «Chloe», «The minstrel man», «Till we meet again», «You're driving me crazy», «Kinkdets», «Maria Elena», «Some of these days», «Hilarity rag», «Out of nowhere» e «That teasin' rag»; com André Kostelanetz e sua Orquestra — «Malagueña», «La cumparsita», «Mexicana», «Yours», «Mood Indigo», «Siboney», «Caminito», «Adiós», «No Taboleiro da Baiana» e «Flamingo»; e com o Trio de Benny Goodman — «China boy», «Body and soul», «Runnin' wild», «On the sunny side of the street», «After you've gone», «Basin street blues», «Rose room», «Honneysuckle rose», «I found a new baby» e «One o'clock jump».

Na Philips

Últimos lançamentos que fornecemos em absoluta primeira mão para todo o Brasil: Com Frankie Laine — «After you've gone» e «A hundred years from today»; com Johnnie Ray — «As time goes by» e «To ev'ry girl-To ev-ry boy»; com Les Elgart e sua Orquestra — «The varsity drag» e «Rocky's prelude»; com Ken Griffin e seu órgão — «It had to be you» e «I don't know why»; com Jo Stafford & Frankie Laine — «Rollin' down the line» e «Goin' like Wiudfire»; com Jerry Vale — «Two purple shadows» e «The ghost in the wine»; com Marlene Dietrich — «Time for love» e «Look me over closely»; e com o Conjunto «The Four Lads» — «I should have told you long ago» e «Long John».

Pergunte o que quizer

(Conclusão da página 55)

ria será tua», «O tirano irresistível», «Uma ladra encantadora», «Ciumes», «Esposo e amante», «Ziegfeld, o Criador de Estrêlas», «Casado com minha noiva», «A comédia dos acusados», «Parnel, o rei sem corôa», «Amor em duplicata», «Amor de ida e volta», «Piloto de provas», «Sob o céu dos trópicos», «Noite feliz», «...e as chuvas chegaram», «O marido da solteira», «Meu querido maluco», «A sombra dos acusados», «O regresso daquele homem», «Amor tempestuoso», «Os melhores anos de nossa vida», «Solteirão cobiçado», «A canção dos acusados», «Meu lar, meu tormento!», «O senador indiscreto», «O vale da ternura», «O papai batuta» ,Se isto é pecado» e «A família do gênio». Não foram exibidos no Brasil os seguintes filmes de Myrna: «Why Girls Go Home», «The Squall», «The Naughty Flirt», «Last of the Duanes», «Rebound» e «Vanity Fair». Também apareceu no célebre filme de von Sternberg — «The Salvation Hunters» — nunca apresentado em nosso país.

★

FÃ DE JIMMY — Pôrto Alegre — Realmente vários filmes de James Cagney não foram exibidos no Brasil, inclusive o mais famoso dêles — «The Public Enemy», agora re-apresentado em U.S.A., e que foi interditado pela censura brasileira, devido à lição de «gangsterismo» demasiado realista, que apresentava. Os outros foram: «The Sinners Holiday», «Steel Highway», «Blonde Crazy» ou «Larceny Lane» e «Boys Meet Girl». A relação (incompleta — ainda não reuni todas as fitas de Jimmy) é a seguinte: «A caminho do inferno», «As mulheres enganam sempre», «Delirante», «O pêso do ódio», «Tudo ou nada», «Difícil de lidar», «O furão», «O prefeito do inferno» ou «Mocidade imperiosa», «Beleza em revista», «O mulherengo», «Aí vêm a Marinha», «Bancando o cavalheiro», «O homem que eu perdi», «Comprando barulho», «Fuzileiros do ar», «Sonho de uma noite de verão», «A cidade sinistra», «O filhinho da mamãe», «G-Men — Contra o Império do Crime», «Heróis do ar», «Pesos e medidas», «Domando Hollywood, «Regimento heróico», «Anjos de cara suja», «A morte me persegue». «Dois contra uma cidade inteira», «Uma loura com açúcar», «A Canção da Vitória» («Oscar» da Academia), «Sempre um cavalheiro», «Sangue sôbre o sol», «13, Rue Madeleine», «Um momento em cada vida», «Fúria sanguinária», «O amanhã que não virá», «Conquistando West Point», «Degradação humana», «Estrêlas em desfile», «O preço da glória» e «Lion Is in the Streets». Não, James não esteve no Brasil, durante a guerra.

★

MIRNA SANTOS — Rio — Danny Thomas tem feito poucos filmes. Além de «O cantor de jazz», apareceu em «A mascote da cidade» (Big City), da Metro; «Minha cara metade», da Fox; e «Sonhando com você», da Warner. O endereço dêle é Warner Bros-Studios, Burbank, Cal. USA. Cite o título original «The Jazz Singer».

★

C. GOMES — Rio — Na Metro não existe o departamento a que se refere. O mesmo acontece nas outras companhias.

★

UM FÃ VETERANO (Petropolitano) — Rio — Lamento não poder informar, por falta de elementos. Aliás, dois títulos não constam na minha lista de fitas de Tom. «Alma dos campos» não será «O campineiro»? Se fôr, a heroína foi Jacqueline Logan. E terei respondido, pelo menos, uma pergunta do leitor.

★

ROBERT MIDLEJ — Salvador — Finalmente, aqui vai a filmografia de Bob Ryan: «Mulher diabólica» (Queen of the Mob) — Paramount — 1940, «Luvas de ouro» (Golden Gloves) — idem, «Legião

(Conclui na página 62)

Cravos e Espinhas

Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
Rua México, 31 - 15.° — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso
Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado ....

MARISA PRADO...

(Conclusão da página 5)

de família, e não para perguntas e respostas a um reporter. Enquanto fazia as malas (Marisa leva um guarda-roupa lindíssimo), foi contando que as filmagens seriam iniciadas no dia 18 de julho e deveriam estar terminadas antes do fim de outubro, porque ela estará de volta ao Brasil o mais tardar no fim dêsse mês, para o início do filme "A Arara Vermelha", de Fernando de Barros, seu marido.

— Que idéia faz você da Europa, em geral, e dos espanhóis em particular? perguntamos.

Marisa respondeu que, logicamente, não podia, no momento, fazer idéia exata, visto nada conhecer. Pelo que lhe tem contado Fernando de Barros, deve ser gente muito interessante. Com uma só restrição: os toureiros. Para início de uma explicação desta afirmativa, Marisa declarou ser fã de todos os animais e, por conseguinte, se tiver que assistir a uma corrida de touros, é capaz de torcer pelo touro. Mas, na volta, nos contará tudo.

E lá se foi Marisa Prado, saudosa de sua casa, de seus fãs e de todos, enfim, que lhe queremos bem e admiramos. Quando saímos de sua casa, ia chegando Alberto Ruschel, que lhe faria companhia na viagem até à Espanha. E, depois, filmaria com ela "El Rio", que esperamos ver brevemente em nossos cinemas. Alberto também falou a êste reporter, conforme lerão na nossa próxima reportagem.

FESTA DA...

(Conclusão da página 13)

Pôrto, cantora infantil da RCA Victor, Zaíra Cruz, além de dezenas de outros artistas, amigos e admiradores do aniversariante.

VÁRIOS DISCURSOS

Após a recepção inicial, que o atencioso Aldem Vieira dedicava a cada um daquêles que chegavam, seguiram-se, então, os discursos. Falou, emocionado, em nome dos radialistas cariocas, o locutor-produtor Manoel Barcelos, dizendo da solidariedade, estima e admiração da «Associação Brasileira de Rádio» por ver, em Aldem Vieira, um dos mais sinceros batalhadores da música popular brasileira em todos os tempos! Essa oração, entrecortada de aplausos, mereceu tôda a atenção e entusiasmo de quantos lá se encontravam confraternizando com o aniversariante. Agradecendo a homenagem, Vieira ressaltou a valiosa colaboração dos chefes de orquestras, músicos em geral, locutores e cantores, assim como os compositores dos mais diversos gêneros, auxiliando-o nessa luta nobre e gloriosa pela elevação e maior brilho da obra musical brasileira em todos os setores da capital da República. Sempre contou, no rádio, teatro e televisão, com autênticos amigos e leis cooperadores. Sua manifestação foi, sem dúvida, bastante feliz e merecidamente aplaudida.

SENSACIONAL «SHOW»

Completando o brilhantismo dessa reunião social e artística, foi organizado um animado «show», fazendo-se ouvir três excepcionais orquestras, além dos seguintes cantores: Elizete Cardoso, intérprete das melhores que possuimos, artista exclusiva da gravadora Todamérica, brindou o aniversariante com sua magistral criação do samba de Ari Barroso, «Ocultei». Depois, a cantora infantil Zaíra Cruz, um legítimo valor do rádio e da fonografia no Rio de Janeiro, interpretou um interessante número. Stellinha Egg, vencedora por unanimidade, em 1953, com «o melhor disco brasileiro do ano», cantou «O Mar», bela canção de Dorival Caymmi e ofereceu um artístico bôlo ao aniversariante, em nome de todos os artistas da Rádio Nacional. Jorge Veiga, «o malabarista do samba», fez-se ouvir numa página do seu vasto repertório. Seguiram-se, após, números de Linda Batista, Dircinha Batista, Black Out, Trio de Ouro e muitos outros. Enfim, uma festa inesquecível para todos aqueles que militam na imprensa e no rádio.

ESSE NEGÓCIO...

(Conclusão da página 29)

fa" em "Pernas provocantes". Temos um brôtinho que se encaminha a passos largos para o estrelato — Janete Jane. Vem do rádio e da televisão, mas seu verdadeiro lugar é no teatro. Janete é interessante como artista. Canta muito bem e toca acordeon como gente grande. Janete Jane tem apenas dezoito anos, mas é um prêmio ao teatro de revista. Já lhe dissemos que não se "mascare" e que dentro de poucos anos será uma notavel vedeta, por isso que tem meio palmo de cara mimosa, um corpo de Venus e, ainda, talento, voz e muita adoração pelo teatro. Aguardemos o tempo necessário ao sazonamento da beldade.

Vem, ainda, Cândida Rosa. Daqui mesmo, destas colunas, temos dito muito de Cândida Rosa. E' uma portuguesinha encantadora, muito loura e muito branca. Uma "uva" que tem uma voz romântica e bem cuidada. Cândida tem se apresentado em nosso rádio, fazendo sucesso com suas músicas e agora está se integrando ao teatro, sendo já bastante conhecida em São Paulo. Em "Pernas provocantes", pelo menos em três números, "provoca" muita gente...

Temos ainda na revista de Joana D'Arc os trabalhos da atriz Pepa Ruiz. Dissemos há pouco que tôdas as mulheres da companhia que se exibe no Teatro Glória eram bonitas, pois até a veterana D. Pepa não foge à regra. Continúa como uma balzaqueana muito simpática, que se apresenta com suas credenciais de artista consumada, e agrada em tudo.

Finalmente, temos o grupo das bailarinas, as que compõem o "corpo de baile". Não há "girls" assim, assim, em "Pernas provocantes". Tôdas são lindas, encantadoras, mesmo. Isso, numa revista já vale muito.

Naturalmente que teriamos aqui que falar, de um modo à parte, em Berta Rosanova — a grande atração da companhia. E' claro que não vamos nos repetir, dizendo nesta crônica que Berta é bonita e uma excelente bailarina. E' um nome conhecido em todo o Brasil e até além de nossas fronteiras — sempre um sucesso quando apresenta sua plástica, seus ritmos, sua sensibilidade. Ótima aquisição de Joana D'Arc, muito embora não se tenha feito um preparo para a apresentação de Rosanova. Era indispensável um número pomposo. Berta Rosanova dançou num palco vasio, foi como um prato raro e único numa mesa com modesta toalha, sem flores, sem bebidas finas e sem música apropriada... Mas, a dança, em si, valeu um número de gala.

Diz o programa que a emprêsa é de Silveira Lima. Conheciamos o novo homem de teatro por intermédio do rádio. Realmente, sua voz de locutor e suas proêsas de incentivador de programas tinham valor; como ator teatral, Silveira Lima ainda anda de "fralda e mamadeira", aliás, é êle mesmo quem nos diz isso, por escrito. Gostariamos mais que Silveira Lima apresentasse o espetáculo e não realizasse certos números banais, como "album de fotografias" e "um homem". Se puder, apareça sempre de "smoking" e despreze o "palhinha", pricipalmente se estiver quebrado, como na noite da estréia. Para frente, Silveira Lima! Trate de apresentar grandes espetáculos, uma vez que gosta do teatro! Nós sentimos a falta de bons "Ziegfield"...

Ainda defendem as "Pernas provocantes" os atores: Carlos Costa, João Cabral, Roberto Naur e outros. Todos completando um espetáculo homogêneo e satisfatório para a Cinelândia.

A música de Antonio Lopes e outros é interessante, sempre com números alegres e vibrantes, contudo, a orquestra é muito estridente. Disese-nos o próprio maestro que há falta de músicos e que o jeito é lançar mão de instrumentos metálicos. Que os violonistas andam racionados...

Quanto aos assuntos que a revista apresenta, são em número de trinta. E não há intervalo. Setenta por cento de assuntos originais. De um modo geral o espetáculo é limpo, com alguma "pimenta", sem ser grossa. De notavel, apreciamos o quadro "A vida como ela é". Uma satira aos dramas de Nelson Rodrigues. Realmente, o acontecimento provoca cinco minutos de intensas gargalhadas. Destacam-se ainda os números: "Marilyn Monroe", num ótimo desempenho de Joana D'Arc; "Tudo tem semelhança", com a colaboração de Spina e Pepa Ruiz; "Ai! Mi sombrero" e "A Rosinha dos limões", com Cândida Rosa e "girls"; "Cafezinho", com Janete Jane e "girls"; "Cantando o tango de tanga", uma delícia de in-

ESTUDE

Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Grátis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.

CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

...erpretação do ator Spina e "Salve a América", um final de peça com Joana D'Arc e tôda a companhia.

A revista, sob a responsabilidade de Joana D'Arc e Silveira Lima, está fadada a um grande sucesso. Há a beleza feminina para cobrir tôdas as falhas, e o título da peça. Sim, porque êsse negócio de pernas... (e quando são *provocantes*...), dá sempre!

FUTURAS "ESTRÊLAS"...

(Conclusão da página 37)

Como consequência, na última competição oficial, o Vasco conseguiu marcar brilhante «performance» com os seus pequenos nadadores.

E, pelo que se viu, será o grande clube um dos mais sérios concorrentes às competições futuras.

RUBY STEVENS...

(Conclusão da página 21)

como sabemos, é um dos primeiros nomes da constelação do celulóide. O seu último papel é tão dramático, como o tem sido a maioria. Tal como aconteceu em "Casei-me com um Morto", novamente Barbara ai vem ao lado de Lyle Bettger, sendo que desta feita ambos se reuniram sob a bandeira da Universal-International. O filme, que se denomina "Desejo Atoz ("All I Desire"), sem dúvida alguma, um novo "thriller" digno de elogios.

Barbara vive numa bela residência em Beverly Hills e, por vezes, passa suas férias numa fazenda, passando quase todo o seu tempo disponível ao ar livre. Gosta de nadar e cavalgar, e tem predileção por cachorros e cavalos, animais que possui em quantidade.



CARMEN MARIA, filhinha do distinto casal Adolpho Perez Filho-D. Maria do Carmo Toledo Perez, funcionários da administraão do Instituto dos Maritimos, nesta capital

COMO PENSAM...

(Conclusão da página 53)

que é o «maior» e nem dá mais importância ao seu repertório, nem a sua interpretação, certo de que bastará que lhe pronunciem o nome e êle apareça para que o mundo seja seu. Atrevo-me a dar um conselho ao rapaz: Cuidado, não deixe a vaidade subir-lhe à cabeça; lembre-se que os ouvintes não estão reduzidos entre as paredes de um auditório. Rádio é rádio, e suas ondas são levadas muito longe, onde o barulho do auditório não é tomado em consideração, e sim exclusivamente a voz e o talento do artistas. Não vale a pena que meia dúzia de garôtas desmaiem ou gritem no auditório: é o «maior», para que um cantor se julgue o tal. Quem decide mesmo é o ouvinte de casa, como eu, que só procuro as qualidades artísticas de um cantor, que lhe compramos os discos, etc. Êste conselho é aplicável a muita gente do nosso rádio.

Grata pela atenção, envio um abraço para o senhor e subscrevo-me

KATIA PARANHOS — Salvador

——o——

Sr. Paulo José. Meus respeitos — Leitora que sou das revistas especializadas em rádio, principalmente de CARIOCA, onde podemos manifestar a nossa opinião sôbre os nossos artistas preferidos, aqui estou para falar sôbre uma rádio-atriz, única no seu gênero. Trata-se de Letícia Flora, cuja voz é talhada para os tipos característicos. Letícia tem papéis marcantes em sua vida de rádio-atriz. Ninguém a suplanta no seu gênero. Ela faz macumbeiras como «santo» e tudo, faz a prêeta velha e ingênua, enfim, é um valor interpretativo e é uma delícia ouví-la trabalhar.

À Letícia Flora quero apresentar meus cumprimentos. Que continue assim, modesta e talentosa, porque a simpatia dos ouvintes lhe está assegurada para todo o sempre. Grata pela atenção, subscrevo-me

MATILDE SANTOS — Rio.



Vânia Lúcia, de 10 meses, filhinha do casal Sr. Oswaldo de Andrade Ferreira-Sra. Geraldina Castelo Branco Ferreira, residente em Belo Horizonte.

FOTOGRAFIAS DE ARTISTAS DE CINEMA
AUTENTICAS FOTOGRAFIAS DOS MAIORES ASTROS E ESTRELAS DO CINEMA
PIN-UPS, FAR-WEST, ETC.
MAIS DE 5.000 POSES DIFERENTES
PEÇAM CATALOGOS Á
Cine-Foto HOLLYWOOD
CAIXA POSTAL, 1644 ★ BELO HORIZONTE

MARISA PRADO...

(Conclusão da página 5)

de família, e não para perguntas e respostas a um reporter. Enquanto fazia as malas (Marisa leva um guarda-roupa lindíssimo), foi contando que as filmagens seriam iniciadas no dia 18 de julho e deveriam estar terminadas antes do fim de outubro, porque ela estará de volta ao Brasil o mais tardar no fim dêsse mês, para o início do filme "A Arara Vermelha", de Fernando de Barros, seu marido.

— Que idéia faz você da Europa, em geral, e dos espanhóis em particular? perguntamos.

Marisa respondeu que, logicamente, não podia, no momento, fazer idéia exata, visto nada conhecer. Pelo que lhe tem contado Fernando de Barros, deve ser gente muito interessante. Com uma só restrição: os toureiros. Para início de uma explicação desta afirmativa, Marisa declarou ser fã de todos os animais e, por conseguinte, se tiver que assistir a uma corrida de touros, é capaz de torcer pelo touro. Mas, na volta, nos contará tudo.

E lá se foi Marisa Prado, saudosa de sua casa, de seus fãs e de todos, enfim, que lhe queremos bem e admiramos. Quando saímos de sua casa, ia chegando Alberto Ruschel, que lhe faria companhia na viagem até à Espanha. E, depois, filmaria com ela "El Rio", que esperamos ver brevemente em nossos cinemas. Alberto também falou a êste reporter, conforme lerão na nossa próxima reportagem.

FESTA DA...

(Conclusão da página 13)

Pôrto, cantora infantil da RCA Victor, Zaíra Cruz, além de dezenas de outros artistas, amigos e admiradores do aniversariante.

VÁRIOS DISCURSOS

Após a recepção inicial, que o atencioso Aldem Vieira dedicava a cada um daquêles que chegavam, seguiram-se, então, os discursos. Falou, emocionado, em nome dos radialistas cariocas, o locutor-produtor Manoel Barcelos, dizendo da solidariedade, estima e admiração da «Associação Brasileira de Rádio» por ver, em Aldem Vieira, um dos mais sinceros batalhadores da música popular brasileira em todos os tempos! Essa oração, entrecortada de aplausos, mereceu tôda a atenção e entusiasmo de quantos lá se encontravam confraternizando com o aniversariante. Agradecendo a homenagem, Vieira ressaltou a valiosa colaboração dos chefes de orquestras, músicos em geral, locutores e cantores, assim como os compositores dos mais diversos gêneros, auxiliando-o nessa luta nobre e gloriosa pela elevação e maior brilho da obra musical brasileira em todos os setores da capital da República. Sempre contou, no rádio, teatro e televisão, com autênticos amigos e leis cooperadores. Sua manifestação foi, sem dúvida, bastante feliz e merecidamente aplaudida.

SENSACIONAL «SHOW»

Completando o brilhantismo dessa reunião social e artística, foi organizado um animado «show», fazendo-se ouvir três excepcionais orquestras, além dos seguintes cantores: Elizete Cardoso, intérprete das melhores que possuímos, artista exclusiva da gravadora Todamérica, brindou o aniversariante com sua magistral criação do samba de Ari Barroso, «Ocultei». Depois, a cantora infantil Zaíra Cruz, um legítimo valor do rádio e da fonografia no Rio de Janeiro, interpretou um interessante número. Stellinha Egg, vencedora por unanimidade, em 1953, com «o melhor disco brasileiro do ano», cantou «O Mar», bela canção de Dorival Caymmi e ofereceu um artístico bôlo ao aniversariante, em nome de todos os artistas da Rádio Nacional. Jorge Veiga, «o malabarista do samba», fez-se ouvir numa página do seu vasto repertório. Seguiram-se, após, números de Linda Batista, Dircinha Batista, Black Out, Trio de Ouro e muitos outros. Enfim, uma festa inesquecível para todos aqueles que militam na imprensa e no rádio.

ESSE NEGÓCIO...

(Conclusão da página 29)

fa" em "Pernas provocantes". Temos um brôtinho que se encaminha a passos largos para o estrelato — Janete Jane. Vem do rádio e da televisão, mas seu verdadeiro lugar é no teatro. Janete é interessante como artista. Canta muito bem e toca acordeon como gente grande. Janete Jane tem apenas dezoito anos, mas é um prêmio ao teatro de revista. Já lhe dissemos que não se "mascare" e que dentro de poucos anos será uma notavel vedeta, por isso que tem meio palmo de cara mimosa, um corpo de Venus e, ainda, talento, voz e muita adoração pelo teatro. Aguardemos o tempo necessário ao sazonamento da beldade.

Vem, ainda, Cândida Rosa. Daqui mesmo, destas colunas, temos dito muito de Cândida Rosa. E' uma portuguesinha encantadora, muito loura e muito branca. Uma "uva" que tem uma voz romântica e bem cuidada. Cândida tem se apresentado em nosso rádio, fazendo sucesso com suas músicas e agora está se integrando ao teatro, sendo já bastante conhecida em São Paulo. Em "Pernas provocantes", pelo menos em três números, "provoca" muita gente...

Temos ainda na revista de Joana D'Arc os trabalhos da atriz Pepa Ruiz. Dissemos há pouco que tôdas as mulheres da companhia que se exibe no Teatro Glória eram bonitas, pois até a veterana D. Pepa não foge à regra. Continúa como uma balzaqueana muito simpática, que se apresenta com suas credenciais de artista consumada, e agrada em tudo.

Finalmente, temos o grupo das bailarinas, as que compõem o "corpo de baile". Não há "girls" assim, assim, em "Pernas provocantes". Tôdas são lindas, encantadoras, mesmo. Isso, numa revista já vale muito.

Naturalmente que teriamos aqui que falar, de um modo à parte, em Berta Rosanova — a grande atração da companhia. E' claro que não vamos nos repetir, dizendo nesta crônica que Berta é bonita e uma excelente bailarina. E' um nome conhecido em todo o Brasil e até além de nossas fronteiras — sempre um sucesso quando apresenta sua plástica, seus ritmos, sua sensibilidade. Ótima aquisição de Joana D'Arc, muito embora não se tenha feito um preparo para a apresentação de Rosanova. Era indispensável um número pomposo. Berta Rosanova dançou num palco vasio, foi como um prato raro e único numa mesa com modesta toalha, sem flores, sem bebidas finas e sem música apropriada... Mas, a dança, em si, valeu um número de gala.

Diz o programa que a emprêsa é de Silveira Lima. Conheciamos o novo homem de teatro por intermédio do rádio. Realmente, sua voz de locutor e suas proêsas de incentivador de programas tinham valor; como ator teatral, Silveira Lima ainda anda de "fralda e mamadeira", aliás, é êle mesmo quem nos diz isso, por escrito. Gostariamos mais que Silveira Lima apresentasse o espetáculo e não realizasse certos números banais, como "album de fotografias" e "um homem". Se puder, apareça sempre de "smoking" e despreze o "palhinha", pricipalmente se estiver quebrado, como na noite da estréia. Para frente, Silveira Lima! Trate de apresentar grandes espetáculos, uma vez que gosta do teatro! Nós sentimos a falta de bons "Ziegfield"...

Ainda defendem as "Pernas provocantes" os atores: Carlos Costa, João Cabral, Roberto Naur e outros. Todos completando um espetáculo homogêneo e satisfatório para a Cinelândia.

A música de Antonio Lopes e outros é interessante, sempre com números alegres e vibrantes, contudo, a orquestra é muito estridente. Disese-nos o próprio maestro que há falta de músicos e que o jeito é lançar mão de instrumentos metálicos. Que os violonistas andam racionados...

Quanto aos assuntos que a revista apresenta, são em número de trinta. E não há intervalo. Setenta por cento de assuntos originais. De um modo geral o espetáculo é limpo, com alguma "pimenta", sem ser grossa. De notavel, apreciamos o quadro "A vida como ela é". Uma satira aos dramas de Nelson Rodrigues. Realmente, o acontecimento provoca cinco minutos de intensas gargalhadas. Destacam-se ainda os números: "Marilyn Monroe", num ótimo desempenho de Joana D'Arc; "Tudo tem semelhança", com a colaboração de Spina e Pepa Ruiz; "Ai! Mi sombrero" e "A Rosinha dos limões", com Cândida Rosa e "girls"; "Cafezinho", com Janete Jane e "girls"; "Cantando o tango de tanga", uma delícia de in-

ESTUDE
Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Grátis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.
CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

rpretação do ator Spina e "Salve a
mérica", um final de peça com Joana
l'Arc e tôda a companhia.
A revista, sob a responsabilidade de
ana D'Arc e Silveira Lima, está fada-
a um grande sucesso. Há a beleza
minina para cobrir tôdas as falhas, e
título da peça. Sim, porque êsse ne-
ócio de pernas... (e quando são *provo-
antes*...), dá sempre!

FUTURAS "ESTRÊLAS"...

(Conclusão da página 37)

Como consequência, na última compe-
tição oficial, o Vasco conseguiu marcar
brilhante «performance» com os seus
pequenos nadadores.
E, pelo que se viu, será o grande clube
m dos mais sérios concorrentes às com-
petições futuras.

RUBY STEVENS...

(Conclusão da página 21)

omo sabemos, é um dos primeiros no-
es da constelação do celulóide. O seu
ltimo papel é tão dramático, como o
em sido a maioria. Tal como aconteceu
m "Casei-me com um Morto", nova-
ente Barbara aí vem ao lado de Lyle
ettger, sendo que desta feita ambos
e reuniram sob a bandeira da Univer-
al-International. O filme, que se de-
omina "Desejo Atoz ("All I Desire"),
em dúvida alguma, um novo "thriller"
igno de elogios.
Barbara vive numa bela residência em
everly Hills e, por vezes, passa suas
érias numa fazenda, passando quase
odo o seu tempo disponível ao ar livre.
osta de nadar e cavalgar, e tem pre-
ileção por cachorros e cavalos, animais
ue possui em quantidade.



ARMEN MARIA, filhinha do distinto
asal Adolpho Perez Filho-D. Maria do
armo Toledo Perez, funcionários da ad-
ministração do Instituto dos Marítimos,
nesta capital

COMO PENSAM...

(Conclusão da página 53)

que é o «maior» e nem dá mais importância ao seu repertório, nem a sua interpretação, certo de que bastará que lhe pronunciem o nome e êle apareça para que o mundo seja seu. Atrevo-me a dar um conselho ao rapaz: Cuidado, não deixe a vaidade subir-lhe à cabeça; lembre-se que os ouvintes não estão reduzidos entre as paredes de um auditório. Rádio é rádio, e suas ondas são levadas muito longe, onde o barulho do auditório não é tomado em consideração, e sim exclusivamente a voz e o talento do artistas. Não vale a pena que meia dúzia de garôtas desmaiem ou gritem no auditório: é o «maior», para que um cantor se julgue o tal. Quem decide mesmo é o ouvinte de casa, como eu, que só procuro as qualidades artísticas de um cantor, que lhe compramos os discos, etc. Este conselho é aplicável a muita gente do nosso rádio.

Grata pela atenção, envio um abraço para o senhor e subscrevo-me

KATIA PARANHOS — Salvador

—o—

Sr. Paulo José. Meus respeitos — Leitora que sou das revistas especializadas em rádio, principalmente de CARIOCA, onde podemos manifestar a nossa opinião sôbre os nossos artistas preferidos, aqui estou para falar sôbre uma rádio-atriz, única no seu gênero. Trata-se de Letícia Flora, cuja voz é talhada para os tipos característicos. Letícia tem papéis marcantes em sua vida de rádio-atriz. Ninguém a suplanta no seu gênero. Ela faz macumbeiras como «santo» e tudo, faz a prêeta velha e ingênua, enfim, é um valor interpretativo e é uma delícia ouví-la trabalhar.

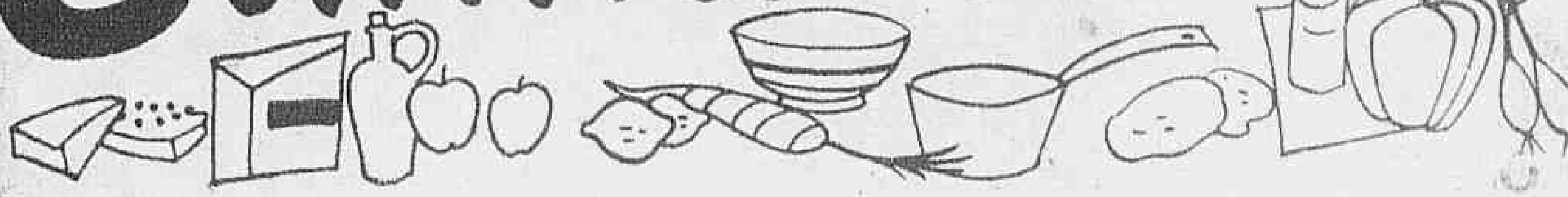
À Letícia Flora quero apresentar meus cumprimentos. Que continue assim, modesta e talentosa, porque a simpatia dos ouvintes lhe está assegurada para todo o sempre. Grata pela atenção, subscrevo-me

MATILDE SANTOS — Rio.



Vânia Lúcia, de 10 meses, filhinha do casal Sr. Oswaldo de Andrade Ferreira-Sra. Geraldina Castelo Branco Ferreira, residente em Belo Horizonte.

FOTOGRAFIAS DE ARTISTAS DE CINEMA
AUTENTICAS FOTOGRAFIAS DOS MAIORES ASTROS E ESTRELAS DO CINEMA
PIN-UPS, FAR-WEST, ETC.
MAIS DE 5.000 POSES DIFERENTES
PEÇAM CATALOGOS Á
Cine-Foto HOLLYWOOD
CAIXA POSTAL, 1644 ★ BELO HORIZONTE



H. R. BARROSO

LULAS RECHEIADAS

Lave 1 quilo de lulas e retire delas os olhos, as penas e os dois saquinhos de tinta e areia. Deixe-as de môlho na água e depois junte 1/2 quilo de camarões descascados, e leve tudo ao fogo num bom refogado, molhado com 1 xícara de água. Estando macias, destaque os envólucros — uma espécie de sacos compridos e guarde. Tome os restos das lulas e os camarões, bata bem picadinha e adicione 1/2 xícara do caldo coado, 1/2 xícara de leite, 1/2 colher de manteiga, 2 gemas, umas 2 colheres de farinha de trigo, e leve ao fogo, para que fique um crême espesso. Encha os envólucros com êste recheio, passe em ovos batidos e em pó de rosca, e frite em banha quente. Ficam como croquetes. Se não tiver camarões, aumente o recheio com pão molhado no leite. Arrume as lulas num prato-travessa e enfeite com um tufo de salsa numa das cabeceiras. Sirva arroz solto à parte.

LINGUIÇA DE CARNE DE [illegible]

4 quilos de carne, sendo 3 quilos de carne de [illegible] de cabeça de lombo. Lava-se ligeiramente, enxuga-se num guard[illegible] na máquina. Numa frigideira põem-se 2 colheres de gordura, [illegible] ralada, uma colher de pimenta do reino, 2 pimentas cortadas em [illegible] refoga-se tudo ràpidamente, só para murchar a cebola e tira-se do fogo. Quando estiver bem frio, junta-se à carne, já passada na máquina, mais um maço de cebola verde e salsa, cortadas bem finas, e uma colher de salitre. Deixa-se em repouso 2 horas e depois, enchem-se as tripas com a carne assim preparada. As tripas devem ser bem lavadas com limão. Cheias, picam-se as tripas de espaço a espaço para sair o ar e vão ao fumeiro durante alguns dias.

Empregando-se sòmente a carne do lombo, a linguiça se torna mais saborosa.

FORMINHAS VITÓRIA

1/2 litro de leite, 1/2 de queijo prato passado na máquina, 1 pitada de sal e uma de pimenta do reino branca.

Batem-se 3 ovos como para omelete, ajuntam-se-lhes o queijo ralado, sal e pimenta.

Deita-se em forminhas untadas e leva-se a assar em banho-maria, durante 1/4 de hora.

Quando assado, desenforma-se e cobre-se com môlho de tomate ou môlho «Bearnaise».

MÔLHO BEARNAISE

Deitam-se numa caçarola 3 gemas de ovos e uma colher de manteiga.

Levam-se ao fogo, mexendo sempre, até que engrosse, deitando-se um pouco de caldo de carne e antes de servir deita-se o caldo da metade de 1 limão.

E' preciso não deixá-lo ferver após deitar o caldo de limão, porque senão talha o môlho.

ROSCAS SANTA CLARA

600 grs. de farinha de trigo, 24 gemas, 1 colher de bicarbonato de amônia e 1 copo de pinga. O copo deve ser pequeno.

Coloca-se a farinha na mesa e faz-se no centro uma cova, juntam-se as gemas, o carbonato de amônia e a pinga. Amassa-se muito bem e deixa-se descansar 1/2 hora; depois abre-se a massa e fazem-se as roscas enrolando-as. Levam-se ao fôrno quente, depois de assadas cobrem-se com o seguinte: batem-se 3 claras juntamente com 6 colheres de açúcar e sumo de um limão. Quando estiver bem encorpado, passa-se nas roscas e deixa-se secar.

PUDIM DE SÊMOLA

200 g de sêmola, 1 litro de leite, 1 colherinha de baunilha, 1 colher de manteiga, 1 pires de nozes moídas, 4 ovos e açucar à vontade. Mistura-se a sêmola ao leite e juntam-lhes a manteiga, o açucar e a baunilha. Levam-se ao fogo até engrossar. Tiram-se do fogo, misturam-se-lhes as gemas e deixa-se esfriar. Em seguida acrescentam-se as claras batidas em neve e as nozes moídas. Deita-se em fôrma untada com manteiga. Leva-se ao fôrno em banho-maria durante 1/2 hora.

PÃOZINHO

12 colheres de farinha de trigo, 2 ditas de açúcar, 1 de manteiga, 1 de fermento inglês dissolvido numa xícara de leite, 2 ovos. Fazem-se os pãozinhos e assam-se em fôrno quente.

Pergunte o que quizer

(Continuação da página 59)

de heróis» (North West Mounted Police) — idem, «Bombardeiro» (Bombardier) — RKO, «Tudo por ti» (The Sky's Limit) — idem, «Atrás do Sol Nascente» (Behind the Rising Sun) — idem, «Um drama em cada vida» (Gangway for Tomorrow) — idem, «Forjador de homens» (The Iron Major) — idem, «Mulheres de ninguém» (Tender Comrade) — idem, «Inferno no Pacífico» (Marine Raiders) — idem, «O passo do ódio» (Trail Street) — idem, «A mulher desejada» (The Woman On the Beach) — idem, «Rancor» (Crossifire) — idem, «Expresso para Berlim» (Berlin Express) — idem, «A volta dos homens maus» (Return of the Bad Men) — idem, «O menino de cabelos verdes» (The Boy With Green Hair) — idem, «Ato de violência» (An Act of Violence) — Metro, «Coração prisioneiro» (Caught) — Enterprise, «Punhos de campeão» (The Set Up) — RKO, «Nuvens de tempestade» (The Woman On Pier 13 — ou — I Married a Communist) — idem, «Cada vida... seu destino» (The Secret Fury) — idem, «Alma sem pudor» (Bron to Be Bad) — idem, «O melhor dos homens maus» (Best of the Bad Men) — idem, «Horizontes de glória» (Flying Leathernecks) — idem, «Estrada dos homens sem lei» (The Racket) — idem, «Cinzas que queimam» (On Dangerous Ground) — idem, «Só a mulher peca» (Clash by Night) — idem, «Escravo de si mesmo» (Beware My Lovely) — idem, «Império do pavor» (Horizons West) — Universal, «Cidade submersa» (City Beneath the Sea) — idem, «O preço de um homem» (The Naked Spur) — Metro, «Inferno» — 20th-Century-Fox, em «3D», «Alaska Seas» — Paramount. E' excelente ator, realmente.

★

FARGENS — Deanna Durbin está retirada do cinema.

★

CINIRA MACHADO — Rio — Não, nunca trabalhei no «Jornal dos Sports».

★

HEITOR MEIRELES — Recife — «The Plough and the Stars», de Bárbara Stanwyck teve o título brasileiro «Horas amargas».

DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 13 às 18 hs.
Rio de Janeiro

A SITUAÇÃO ATUAL DO "BRANCO E PRETO" NO BRASIL - Por MARK KOENIGIL

DEVEMOS esquecer que a indústria brasileira de cinema é nova, inexperiente e sem capital e deixar de comentar cada fracasso cinematográfico nacional com êstes conceitos. Temos provas de que os primeiros filmes brasileiros foram executados em 1917, talvez antes, e estamos agora em 1954, após 37 anos de experiência. Só um leigo, sem nenhum senso da realidade, sem nenhum conhecimento do ramo cinematográfico, pode dizer que o cinema brasileiro é novo. A indústria cinematográfica na Itália, Inglaterra, América, etc., é o principal fator de exportação. O Brasil, que tanto precisa de divisas fortes, especialmente dólares, deve ter uma indústria cinematográfica forte, e todos esforços devem ser feitos para êsse objetivo.

Em consequência das dificuldades da Vera Cruz e da Multifilmes, companhias que, oportunamente, se fundiram em uma só, com participação do govêrno, um novo experimento vai se iniciar e poderá ter um grande futuro. Outra medida é a nacionalização do cinema brasileiro, ou semi-nacionalização, com participação de iniciativas privadas. Em princípio, porém, somos contra a nacionalização, que talvez no Brasil possa dar excelentes resultados, mas em diversos ramos, na Inglaterra e França, teve resultados pouco satisfatórios, tanto que os dois países fazem todo o possível, atualmente, para desnacionalizar as indústrias presas a êste sistema. Nós veremos que a indústria privada de Severino Ribeiro Junior, incluindo «Atlantida» e «Cinegráfica São-Luiz», deu muito prestígio ao cinema brasileiro, no país e no estrangeiro; evidentemente, talvez fôsse melhor que «Atlantida» produzisse menos fitas, mas de qualidade superior. Também os produtores e diretores nacionais, como Alberto Cavalcanti, Lima Barreto, Paulo Vanderlei, Jorge Ileli e Rudolfo Nanni são excelentes, mas precisam de uma colaboração mais sincera e mais coêsa entre êles. Talvez se possa dar, como exemplo, Lima Barreto produzindo um filme de parceria com Alberto Cavalcanti. Existiria a possibilidade de cada um fazer eliminar seus próprios êrros, realizando uma fita em comum, com um conselheiro estrangeiro. Isto só poderia aumentar o valor da película. Nêste caso, o filme seria brasileiro, com argumento tipicamente nacional, com costumes do país, apenas com um técnico estrangeiro competente, e não com os aventureiros de todo o globo, que desejam ganhar experiência cinematográfica à custa do povo brasileiro. O Brasil é quase tão grande quanto 3/4 da Europa, e tem ambientes diversos, paisagens e climas para todos os gostos, beleza e fáuna das melhores do mundo. Materiais necessários para fazer um bom filme. Por que não podemos explorar a beleza natural da praia de Copacabana, como os franceses exploram, em muitos filmes, a «Torre Eiffel», o litoral de «Vinte Milhas» (conjuntamente com a Itália), Cannes, Nice, San-Remos, Menton, etc. Como a Inglaterra, o «Big-Ben», o humorismo inglês, diversos castelos históricos, etc.; a América, o seu gangsterismo, o luxo soberbo, lugares bonitos, como Coney Island, Palm-Beach, Miami, na Florida, distrito de Califórnia, com Los Angeles, incluindo a «Meca» do cinema, Hollywood, etc.

O Brasil não tem só a explorar Copacabana, Corcovado, Pão de Açúcar, floresta da Tijuca, Hipódromo da Gávea, Jardim Botânico, Quinta da Boa Vista, só falando da sua capital. Existem diversos lugares de beleza natural fora do Rio, como Ilha de Paquetá, Teresópolis, Petrópolis, Ipiranga, Vila Galvão; no Estado paulista, praia do Guarujá; Cassino da Pampulha, em Belo Horizonte; Bahia, com seu pôrto de Salvador, e a «Niagara brasileira», Iguaçu na fronteira argentina, etc., são os lugares, e outros mais, que um bom produtor e diretor poderia utilizar para obter um argumento tipicamente brasileiro e apresentar ao mundo a beleza natural do Brasil.

Esperemos o aprimoramento do «branco e prêto» no Brasil. Que alguns comentários nossos cooperem para beneficiar os leitores amigos do cinema. O povo brasileiro precisa recuperar a confiança nas fitas nacionais.



Realizou-se em maio último, na Igreja do Sagrado Coração de Maria, no Méier, o enlace matrimonial do Sr. Hugo Caetano Alves, filho do casal Sr. João Caetano Alves-Sra. Orminda Pereira Alves, com a Srta. Neusa Cassino Machado, filha do casal Sr. Augusto Machado Filho-Sra. Margarida Cassino Machado. Serviram de padrinhos o Sr. Alvaro Cabral da Silva e a Sra. Madalena Alves da Silva. Acima, os jovens nubentes em fotografia feita quando partiam o bolo simbólico


BARBARA STANWICK
(Report. nas pag. 18-19)

Sabonete VALE QUANTO PESA

O sabonete das famílias! Grande, Bom e Barato!